



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ALINE VANESSA LOCASTRE

**PROJEÇÃO DO BRASIL PARA O PÓS-GUERRA:
A 'BOA VIZINHANÇA' ESTADUNIDENSE NO BRASIL
SEGUNDO A REVISTA 'EM GUARDA'(1941-1945)**

Londrina
2012

ALINE VANESSA LOCASTRE

**PROJEÇÃO DO BRASIL PARA O PÓS-GUERRA:
A 'BOA VIZINHANÇA' ESTADUNIDENSE NO BRASIL
SEGUNDO A REVISTA 'EM GUARDA'(1941-1945)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina como pré requisito para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz

Londrina
2012

Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

L811p Locastre, Aline Vanessa.
Projeção do Brasil para o pós-guerra: a “boa vizinhança” estadunidense
no Brasil segundo a revista “Em Guarda” (1941-1945) / Aline Vanessa
Locastre. – Londrina, 2012. 156 f. : Il.

Orientador: Francisco César Alves Ferraz.
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em História Social, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Brasil – Relações (gerais) com os Estados Unidos – Teses. 2. Guerra
Mundial – 1939-1945 – Teses. 3. Política de boa vizinhança – Teses. 4.
História social – Periódicos – Teses. I. Ferraz, Francisco César Alves. II.
Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas,
Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 930.1

ALINE VANESSA LOCASTRE

**PROJEÇÃO DO BRASIL PARA O PÓS-GUERRA:
A 'BOA VIZINHANÇA' ESTADUNIDENSE NO BRASIL SEGUNDO A
REVISTA 'EM GUARDA'(1941-1945)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina como pré requisito para a obtenção do título de Mestre em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco César Alvez Ferraz
UEL – Londrina – PR

Profa Dra Sylvia Ewel Lenz
UEL – Londrina – PR

Prof. Dr. Dennison de Oliveira
UFPR – Curitiba – PR

Londrina, 19 de abril de 2012

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por prover auxílio financeiro necessário para o melhor desenvolvimento desta pesquisa.

Não poderia deixar de ressaltar o apoio crucial vindo de meu orientador Francisco Cesar Alves Ferraz, que por considerável tempo compartilha comigo as conquistas e dúvidas oriundas no desenrolar desta pesquisa. Principalmente porque foi por seu intermédio que conheci a rica revista 'Em Guarda', documento importante para a concretização de meus estudos. Pelo carinho e atenção, ao longo destes sete anos, muito obrigada!

Da mesma maneira, gostaria de frisar a gratidão pelos professores José Miguel Arias Neto, Dennison de Oliveira e Sylvia Ewel Lenz, pelas dicas e críticas recebidas. Também ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UEL, representada pela querida professora Silvia Cristina Martins de Souza e Silva. Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do Centro de Letras e Ciências Humanas da Uel, Rosely e Cláudio, especialmente, pelo empenho no esclarecimento de inúmeras dúvidas.

À minha família, base sólida da minha vida, não caberia palavras para expressar o quão importante o carinho e confiança ofertada por ela torna mais leve minha caminhada. Ilson, Tereza, Alisson, Erich e Maria Elza, amo vocês! Ao meu doce amor Octavio, que me levantou nos momentos mais difíceis e a Deus, provedor de minha esperança, dedico esta dissertação.

E finalmente aos amigos que torcem pela minha felicidade e a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram, ao longo destes dois anos na realização deste trabalho.

LOCASTRE, Aline Vanessa. **Projeção do Brasil para o pós-guerra: a 'boa vizinhança' estadunidense no Brasil segundo a revista 'Em Guarda'(1941-1945).** 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

RESUMO

A revista estadunidense "Em Guarda", veiculada em vários países americanos (inclusive no Brasil) durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) traz em seus mais de 720 artigos, elementos que contribuem para uma análise de como os Estados Unidos tentaram impedir os países do "Eixo" de tornarem a América Latina sua zona de influência. Para tanto, os Estados Unidos mostraram-se os porta-vozes do progresso, da democracia e de admiráveis valores morais, que eram transmitidos por meio do rádio, do cinema, de revistas, de programas econômicos e de saúde. A imagem modelar da sociedade procurava ser disseminada por artistas, músicos e intelectuais e não por imposição militar. Nesse esforço em construir uma boa imagem da nação estadunidense, dentro da "Política da Boa Vizinhança", estava a publicação da revista "Em Guarda", que foi editada entre 1941 e 1945, e acompanhou a participação das Américas na guerra. Nosso foco de estudo propõe a análise do conteúdo impresso dos quatro anos de edição e assim entender um pouco mais sobre a Política da Boa Vizinhança e verificar as projeções de um Brasil no pós-guerra, por meio do olhar dos editores do periódico.

Palavras-chave: "Em guarda". Segunda guerra mundial. Política de boa vizinhança.

LOCASTRE, Aline Vanessa. **Projection of Brazil for the post-war: the 'good neighbor' in Brazil according to U.S. magazine 'Em Guarda' (1941-1945).** 2012. 156 f. Dissertation (Masters in Social History) – State University of Londrina, Londrina. 2012.

ABSTRACT

The American magazine "Em Guarda", broadcast in several American Countries (including Brazil) during the Second World War (1939-1945) shows in its more than 720 articles, elements that contribute to an analysis of how the United States tried to prevent from the "Axis" of influence becoming Latin American it's influence zone. To this aim, the United States authorities depicted themselves as leadership of progress, democracy and admirable moral values, which were broadcast through radio, cinema, magazines, health and economic aid programs. Such ideal image of society was spread by artists, musicians and intellectuals, not by military imposition. In this effort to build a good image of the American nation, within the "Good Neighborhood Policy," is the publication of the magazine "Em Guarda", which was published between 1941 and 1945 during the participation of the Americas in the war. Our focus of study aims to analyze the content of the print edition and four years as well as understand more about the Good Neighborhood Policy, check the projections of Brazil in a post-war through the eyes of the editors of the journal.

Keywords: "Em guarda". Second world war. American good neighborhood policy.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|---|-----|
| Imagem 1 – Zé Carioca em sua primeira aparição no mundo Disney | 55 |
| Imagem 2 – Roupas típicas do gaúcho | 56 |
| Imagem 3 – O samba brasileiro | 57 |
| Imagem 4 – Zé Carioca leva Donald para um passeio no Rio de Janeiro | 58 |
| Imagem 5 – O cavalo domina o personagem Disney | 59 |
| Imagem 6 – A Lhama domina Pato Donald | 60 |
| Imagem 7 – Programas infantis do Brasil | 63 |
| Imagem 8 – Animais vendidos em mercados de ruas | 64 |
| Imagem 9 – Abertura da animação ‘Rio’ | 65 |
| Imagem 10 – A turista se assusta com os foliões | 66 |
| Imagem 11 – ‘Blu’ e seus amigos cariocas | 67 |
| Imagem 12 – Américas Unidas contra o Eixo | 70 |
| Imagem 13 – Conventos e igrejas do Haiti | 72 |
| Imagem 14 – Clínica Odontológica haitiana | 73 |
| Imagem 15 – Moça ‘típica’ do Haiti | 75 |
| Imagem 16 – Família de Porto Príncipe | 76 |
| Imagem 17 – Materiais das outras republicas americanas que contribuem para a construção de um Couraçado | 79 |
| Imagem 18 – As Américas unidas para a construção de armamentos bélicos | 80 |
| Imagem 19 – Barco transportando cacau | 83 |
| Imagem 20 – Escola mexicana | 86 |
| Imagem 21 – Estudantes uruguaios | 87 |
| Imagem 22 – Estudantes universitários do Uruguai | 88 |
| Imagem 23 – Exército colombiano | 90 |
| Imagem 24 – Exército Brasileiro | 95 |
| Imagem 25 – Forças motorizadas do exército do Brasil | 96 |
| Imagem 26 – Getúlio Vargas discursando para seu país | 107 |
| Imagem 27 – Salgado Filho em <i>Patterson</i> | 108 |
| Imagem 28 – Aperto de mão entre Getúlio Vargas e <i>Jefferson CAffery</i> | 110 |
| Imagem 29 – Pedreiras no Vale do Rio Doce | 112 |
| Imagem 30 – Habitações na região do Vale do Rio Doce | 113 |

| | |
|--|-----|
| Imagem 31 – Vila Operária de Santa Cecília..... | 115 |
| Imagem 32 – Mulheres distintas optando por tecidos do Brasil..... | 118 |
| Imagem 33 – Lavoura nos Estados Unidos | 122 |
| Imagem 34 – Pontes estadunidenses..... | 123 |
| Imagem 35 – Pedreira nos Estados Unidos | 124 |
| Imagem 36 – O centro da cidade de Atlanta, na Geórgia..... | 126 |
| Imagem 37 – Casa dos paulistas..... | 128 |
| Imagem 38 – Arranha-céus em São Paulo..... | 129 |
| Imagem 39 – Praça pública em São Paulo..... | 130 |
| Imagem 40 – Belo Horizonte | 131 |
| Imagem 41 – Rio de Janeiro..... | 132 |
| Imagem 42 – Cartão-postal carioca..... | 133 |
| Imagem 43 – Líderes brasileiros e estadunidenses..... | 135 |
| Imagem 44 – Dutra sendo homenageado | 136 |
| Imagem 45 – <i>Destroyer</i> brasileiro..... | 138 |
| Imagem 46 – Pilotos brasileiros em Maryland | 140 |
| Imagem 47 – Soldados brasileiros descansando | 143 |
| Imagem 48 – Italianos saudando seus libertadores..... | 145 |

LISTA DE DIAGRAMA

| | |
|--|-----------|
| Diagrama 1 – A diagramação da revista | 19 |
|--|-----------|

LISTA DE GRÁFICO

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 – Crescimento de reportagens sobre o Brasil na Em Guarda..... | 105 |
|--|-----|

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1 – Minerais americanos | 81 |
| Tabela 2 – Principais temas sobre o Brasil na revista “Em Guarda” entre os anos de 1941 a 1945 | 98 |
| Tabela 3 – Produção industrial do Brasil..... | 101 |
| Tabela 4 – Reportagens sobre o Brasil, México e Argentina nas edições da revista “Em Guarda” (1941- 1945)..... | 104 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO 1 – UM ‘BOM VIZINHO’ NÃO USA ‘BIG STICK’ | 23 |
| 1.1 QUEM FALA SOBRE OS ‘BONS VIZINHOS’? | 24 |
| 1.2 PARA ALÉM DE SEU QUINTAL..... | 34 |
| 1.3 HORA DE SER UM ‘BOM VIZINHO’ | 42 |
| CAPÍTULO 2 – A AMÉRICA LATINA ‘IMAGINADA’ | 48 |
| 2.1 OS ESTEREÓTIPOS SUL AMERICANOS EM PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS..... | 52 |
| 2.2 OS ESTEREÓTIPOS LATINO-AMERICANOS NA REVISTA ‘EM GUARDA’ | 68 |
| 2.2.1 Por uma Aproximação Continental | 69 |
| 2.2.2 A Contribuição da América Latina | 76 |
| CAPÍTULO 3 – O BRASIL PROJETADO NA REVISTA ‘EM GUARDA’ | 92 |
| 3.1 O BRASIL NA REVISTA ‘EM GUARDA’ | 94 |
| 3.2 ALINHAMENTO BRASIL E ESTADOS UNIDOS E A “REVOLUÇÃO DAS EXPECTATIVAS” | 99 |
| 3.2.1 Fórmula para o Crescimento: Implantação de Indústrias = Crescimento do Interior e Melhoria dos Padrões de Vida dos Brasileiros..... | 106 |
| 3.2.2 Resultados em Longo Prazo: a Equiparação aos Estados Unidos..... | 119 |
| 3.2.3 Resultados de Curto Prazo: o Triunfo da FEB e o Futuro das Forças Armadas | 134 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 146 |
| REFERÊNCIAS | 150 |

INTRODUÇÃO

Abordar as projeções que um determinado governo construiu sobre o futuro de seu estado é, em grande medida, aventurar-se em projetos nacionais de desenvolvimento político, econômico e social, nos quais se fundem políticas reais, já em andamento na atual gestão ou que a longo prazo possuem condições de serem implementadas à aspirações sobre o ‘vir a ser’ e os impactos que tais políticas ocasionariam no país, em todos os aspectos¹.

Tais projeções podem ser compartilhadas pelos mais diferentes setores de uma sociedade, seja no aspecto positivo, da aprovação das políticas adotadas a negativo, pela desaprovação dos possíveis rumos que em se espera trilhar. O fato é que, oriundo de um grupo de pessoas, esses projetos nacionais chegam a significativas parcelas de uma população, por meio principalmente das ferramentas que a mídia dispõe para a propagação desses planos. Percebemos assim, que a política e a propaganda sempre andaram em vias bastante paralelas, a primeira utilizando largamente dos meios que a segunda dispõe.

Mas afinal, o que significa propaganda? Para Roberval Santiago, o termo recebeu grande destaque ainda no século XVI, quando no contexto da Contra Reforma, foi necessário “Propagar” a fé cristã a fim de impedir o avanço do Protestantismo pela Europa. Com o passar dos anos tal termo foi sendo modificado, acarretando que, na atualidade os significados adquiridos podem agregar as

¹ Este é um trabalho situado no campo de pesquisa da História Política. Compartilhamos do pensamento do pesquisador *René Remond* para embasar nossas reflexões acerca de política e de poder. Para o autor, embora se inter-relacione com outras dimensões da vida social, o Político é uma categoria em si. Ele não existe por intermédio de algo. Ele influencia a economia, a cultura, mas não provém delas. Acrescenta *Remond* que “seria ingênuo acreditar que o político escapa das determinações externas, das pressões [...]”, entretanto, é bom ter presente que “ estudar a história do político é estar convencido de que o político existe por si mesmo, professar que ele tem uma consistência própria e uma autonomia suficiente para ser uma realidade distinta”. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro:Ed. da UFRJ/Ed. da FGV, 1996. Em nome da defesa daquilo que acredita ser a Política, *Remond* afirma que o Político é o lugar de gestão da sociedade. Nele confluem as outras atividades e através de suas leis regula, autoriza, anula, ajuda, favorece uma pessoa ou um grupo. Sabendo que as fronteiras do campo político são mutáveis, e que ele é uma categoria em si, o que definiria uma pesquisa na categoria política para o pesquisador é o seu enfoque no poder. Porém, não é qualquer poder. Sua concepção de política é aquela que abarca um poder que pretende ter uma relação com uma sociedade global. Que rege certa totalidade de indivíduos que habitam um espaço específico, delimitado por fronteiras políticas. Idem, p. 444.

diferenciadas formas de linguagem encontradas na sociedade, como as orais, escritas ou imagéticas².

Anterior à invenção da prensa por *Gutemberg*, a propaganda política era veiculada por meio de monumentos públicos como jardins, pirâmides, palácios, que construídos por determinados governos procuraram demonstrar a opulência de sua gestão. Após a disseminação da palavra escrita, surgiram outros instrumentos para a propagação destes feitos, que foram difundidos largamente em jornais, fotografias, e no cinema³. Esses novos recursos são até os dias de hoje amplamente utilizados na política. Para Santiago "o complexo conceito de *propaganda política*, compreende-se uma rede de articulação que procura veicular informações com o efeito de simular a personalidade e a notoriedade de uma determinada figura histórica, como foi o notório governo de Luís XIV⁴."

Portanto, por meio da propaganda política, durante as guerras do século XX, percebemos o que *Paul Virílio* chamou de "logística da percepção", na qual um conflito foi muito menos a rendição do inimigo pelas armas do que o espetáculo criado. Criar no inimigo o pavor da morte foi a melhor forma de capturá-lo. Um exemplo foram as bombas de Hiroshima e Nagasaki, pois além de terem sido uma exemplo de uma nova arma mortal, abalaram, sobretudo, o moral do Japão por inteiro⁵. Utilizando-se largamente da imagem de todas as suas formas, a Segunda Guerra Mundial foi significamente documentada e largamente difundida para todos os cantos do planeta.

Ao verificar as relações diplomáticas entre os Estados Unidos⁶ e a América Latina, especificamente com o Brasil, na década de 1940, verificamos o peso destas propagandas de superioridade de força, criado pelos Aliados, para a adesão dos países latinos ao conflito. Por meio do cinema, revistas, rádio ou mesmo de produtos importados verificou-se uma nação adentrando bruscamente as

² SANTIAGO, Roberval S. **Cartoons e propaganda política**. Revista Espacialidades, vol. 2, n°.1, 2009, p. 5.

³ Idem.

⁴ Ibidem.

⁵ VIRÍLIO, Paul. **Guerra e Cinema: logística da percepção**. Trad. Paulo Roberto Pires. Boitempo, São Paulo, 2005.

⁶ Em estudos de Relações Internacionais é comum utilizar-se a expressão de país (os "Estados Unidos", o "Brasil", a "Inglaterra") como se fossem um grupo homogêneo ou que representassem a totalidade de sua população. Obviamente, tais expressões não significam que toda a população de uma nação apoia as ações de sua diplomacia, comandada por Estados Nacionais burocratizados e nem sempre transparentes, quanto às ações e intenções governamentais. De maneira análoga, as relações comerciais privadas também podem ser expressas pela nacionalidade, sem que isso signifique necessariamente unidade de ação de classes e grupos sociais.

fronteiras latino-americanas, trazendo consigo preceitos morais, políticos e econômicos.

Essa dissertação faz a análise de uma revista dos anos 1940, que por muitos anos esteve em silêncio nas prateleiras empoeiradas da História. Hoje ela se incorpora, gradualmente, nos estudos sobre diferentes assuntos vivenciados no período de sua vigência, mas principalmente por tratar de temáticas intrinsecamente ligadas a Segunda Guerra Mundial, podemos, a partir dela, compreender fatos relacionados à Política da Boa Vizinhança, Armamentos de Guerra, Relações diplomáticas dos Estados Unidos com a América Latina, entre outros relacionados ao contexto beligerante.

Partindo da temática referente às colaborações que se deram entre o Brasil e os Estados Unidos no contexto do maior conflito do século XX, buscaremos compreender os projetos políticos que foram fomentados pela mídia de guerra estadunidense⁷ na tentativa de estreitar as relações entre os dois países e criar nos brasileiros um sentimento positivo no que dizia respeito à luta de seu governo para com a causa bélica Aliada.

Não buscamos mostrar que a Revista 'Em Guarda' possa sozinha, ser suficiente para o entendimento deste complexo período, mas acreditamos que ela concentra algumas características bastante significativas, elevando a sua análise como norteadora desta pesquisa. Por si só o seu surgimento possui uma especificidade para a historiografia, uma vez que ela foi um dos inúmeros objetos criados dentro da 'Política da Boa Vizinhança' e serviu como ferramenta da mídia para mostrar o estilo de vida e sociedade trazido por seus idealizadores.

Tais constatações vieram à tona, a princípio, quando não nos deparamos com nenhuma propaganda publicitária ao longo das edições da publicação. A revista "Em Guarda", da primeira a última página era recheada por

⁷ Dois termos serão utilizados no decorrer deste trabalho. O primeiro será 'estadunidense' para designar os Estados Unidos da América, levando em consideração que este é o termo que se refere mais diretamente aos Estados Unidos. Entendemos que o termo 'norte-americano' abrange os outros países que compõem a América do Norte (Canadá e México), portanto não o consideramos apropriado para referir a um único país, diga-se aos Estados Unidos, mesmo tendo em mente que esta é a forma como eles próprios se denominam. Para nos referirmos aos países que compõem o território situado continentalmente abaixo dos Estados Unidos (que compreende a América do Sul, Central e o México), intitularemos de uma forma abrangente para a escrita e objetivo deste trabalho, como países 'latino-americanos'. Porém, compreendemos que há uma diversidade política, econômica e cultural muito grande nessa região e que não pode ser simploriamente classificada sob o seu viés lingüístico.

reportagens de diferentes assuntos (relacionados à Guerra) e não fazia alusão a produtos estadunidenses. Mesmo que este produto midiático não tenha sido vendido, mas sim distribuído ao grande público americano, o analisamos com os instrumentais semelhantes àqueles usados para abordagem de uma revista comercial, uma vez que difunde um modelo de sociedade, com valores morais, políticos e econômicos apresentados como sem precedentes na História. “Em Guarda” trazia o apelo ao consumo do *American Way of Life*.

Há de se julgar que nem todos tiveram acesso a este periódico considerando, em especial, os habitantes do interior brasileiro da década de 1940. Mesmo entre os seus leitores, não partimos da premissa que eles eram apenas receptáculos inertes ao conteúdo de suas reportagens. De acordo com sua postura crítica acreditavam ou não nas informações contidas no periódico. Entretanto, ‘Em Guarda’ também instaurou certa admiração nestes leitores, pois como afirma Ana Maria Mauad, toda ferramenta publicitária, “por utilizar a noção de novidade como base de estruturação da sua mensagem, imprime ao cotidiano um novo conjunto de comportamentos considerados emergentes e adequados a um novo tempo que está por vir⁸”.

Com o lema, “Para a Defesa das Américas”, os editores da revista “*Em Guarda*” estampam logo em sua capa, a proposta do seu periódico. E assim ela permaneceu, por quatro anos, em vários países latino-americanos, na tentativa de, por meio de seu conteúdo, disseminar a intenção de união americana frente à luta contra os “inimigos” do Eixo. O líder desta empreitada bélica era o país que editava a revista: os Estados Unidos da América. Impressa em Nova York a partir de abril de 1941, sua veiculação no Brasil deu-se entre 1942 a 1945, período em que Vargas rompia suas relações com o Eixo, até o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Chegou a bater recorde de público em 1943, onde foram distribuídos mais de 630.000 exemplares só no Brasil, atingindo uma média de 5 leitores por revista.⁹ Teve uma tiragem mensal, formato grande e moderno e divulgação que abrangeu três línguas faladas na América: espanhola, portuguesa e francesa.

Levaria, a princípio, o nome de “Em Marcha”, onde mostraria a grande ofensiva empreendida pelos Estados Unidos contra o “terror” nazista e

⁸ Mauad, Ana Maria. **Embrulhado pra presente?** Fotografia, consumo e cultura visual no Brasil (1930 – 1960). In: Domínios da Imagem, Londrina: Ano 1, n.2. Maio/2008, p.30.

⁹ MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1984. p.35.

totalitário. Esta missão proposta já no título da revista convocaria, de uma forma explícita, os países latino-americanos para a grande ofensiva contra o 'mal' iminente trazido pelos nazistas, que assolava o mundo europeu. Mas o nome parecia agressivo demais, pois o principal objetivo estadunidense não era o de passar uma imagem negativa aos seus futuros aliados. Ao contrário. A nação 'portadora' da democracia, das liberdades humanas e da fé cristã queria conquistar o apoio latino-americano, mostrando-se como a 'garantidora da paz' e não agressiva militarmente. A impressão que deveria ficar para 'seus vizinhos' era de que todos os esforços travados pela nação de Tio Sam na Segunda Guerra Mundial eram pela paz e pelo bem universal e "jamais" por interesses econômicos ou políticos.

Cordell Hull, Secretário de Estado estadunidense, vetou esse nome e sugeriu outro: "*Em Guarda*". Este já tinha um sentido contrário a de uma ofensiva militar. Dado de uma forma mais sutil expunha aos latino-americanos o cuidado estadunidense para com seus vizinhos. Num período de forte conflito bélico a "revista veiculava uma imagem dos Estados Unidos como fortaleza segura da democracia continental. Fortaleza à qual os países do continente poderiam pedir toda sorte de auxílio, sempre que necessário."¹⁰

Os artigos localizados na revista diziam respeito às mais variadas temáticas que envolviam uma Guerra. Abordava as questões de saúde dos soldados, sistemas educacionais dos países americanos além de notícias e fotos do *front* de guerra. Também encontramos notícias sobre os motivos que levaram os Estados Unidos a pegarem em armas; tecnologias bélicas; grandes personalidades americanas, principalmente estadunidenses; os valores que constituem os Estados Unidos (democracia, progresso, temor a Deus) sempre na tentativa de descaracterizar os inimigos do Eixo; a mobilização da sociedade estadunidense para a vitória na Guerra e também matérias referentes à mobilização dos vários países latino-americanos para a luta Aliada.

Possui capas coloridas com fotos e interior com fotos e texto em preto e branco e colorido. Em cada fascículo podemos encontrar uma média de 15 artigos, fazendo com que somem em quatro anos de veiculação da Revista um montante de 720 artigos mais ou menos. Seus artigos trazem uma linguagem própria de revista comercial, entretanto, como seus temas abrangem, praticamente,

¹⁰ TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.56.

assuntos relacionados ao conflito bélico podemos supor que o público alvo para tal periódico absorvesse setores da população letrada com grande incidência de militares e elites políticas.

Ao lado de outras revistas veiculadas no Brasil na década de 1940, como *O Cruzeiro*, *Life* e *Seleções da Readers Digest*, a revista “Em Guarda” traz em suas páginas o moderno recurso da Fotorreportagem. Tal método fora empregado por poucas publicações no Brasil nessa década, devido, principalmente, ao custo e à tecnologia que ela necessitava, pois utilizava largamente da fotografia¹¹.

A pesquisadora Nadja Peregrino afirma que o Fotojornalismo, categoria mais abrangente que engloba a Fotorreportagem é a fotografia que tem por intuito primordial a transmissão de alguma notícia. Esse tipo de fotografia, jamais estará isolado, seu intuito maior é o de narrar pela imagem e assim transmitir alguma mensagem ao público. Dessa forma, na fotografia de imprensa, “[...] o sistema produtivo é constituído pela relação entre produção, circulação e consumo, sendo que o modo de produção do discurso define a natureza do sistema conjunto [...]”¹²

Não seria incorreto afirmar, partindo também do pensamento de Peter Burke¹³ em alguns de seus estudos que enfatizam as imagens e a mídia, que o número majoritário de imagens da Revista “Em Guarda” tem um caráter didático, adquirindo utilidade em lugares (como o Brasil) onde a maioria de sua população

¹¹ Na obra, *História da Fotorreportagem no Brasil*, de Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, as origens da fotografia e a sua utilização na imprensa carioca do século XIX, são minuciosamente analisadas. A princípio, logo após sua larga utilização pela imprensa europeia, finalmente esse recurso chega ao Brasil em meados do século XIX. Porém, a reprodução das fotografias em panfletos, por exemplo, que exigem uma grande tiragem, era dada através da intermediação das mãos de um artista. Era ele quem transpunha o conteúdo da fotografia a uma matriz de madeira, pedra ou metal, e a partir dessa matriz, dava-se sua reprodução. Nesse processo, alterações efetuadas pelo artista eram claras. Ele mudava desde simples elementos de lugar a, até mesmo, fisionomias de pessoas ou acontecimentos. Esse tipo de alteração no teor da fotografia era alvo de críticas, limitando até mesmo seu sucesso em periódicos de grande circulação. Percebemos que nesse momento de alvoroço sobre a fidedignidade das ‘cópias’ de fotografias, nenhuma crítica é dirigida à própria fotografia. O fotógrafo ao menos era visto como um artista, a escolha de tal enfoque e as intenções ao captar imagens parecia não ser notada pelos críticos. No ambiente positivista da época, tudo que estava inscrito no papel através de uma captação mecânica adquiria uma aura de “verdade”, prova “real” do que aconteceu.

No Brasil, nem mesmo a versão da fotografia intermediada pelo artista ganhou, a princípio, lugar nas páginas dos maiores folhetins da época. Isso pode ser explicado pela ausência de profissionais qualificados disponíveis a fazer a reprodução de fotografias. A alternativa encontrada para tal problema foi a de utilizar as fotografias para “inspirarem” os desenhistas na produção de caricaturas, geralmente versando problemas políticos. Essa foi uma característica tipicamente brasileira, já que nos maiores centros do mundo, a imagem já ilustra a maior parte dos periódicos. In: ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil**. A Fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.

¹² PEREGRINO, Nadja. **O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem**. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991, p. 45.

¹³ BURKE, Peter. **Testemunha Ocular – História e Imagem**. Bauru, SP: EDUSC. 2004.

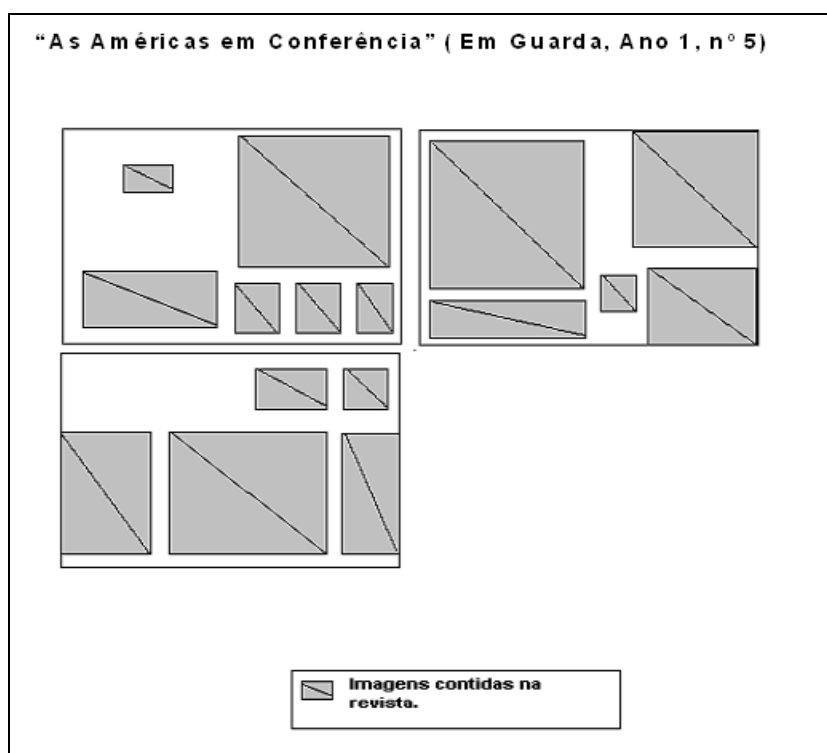
não era letrada durante o Estado Novo. Outras possibilidades de explicação para a existência dessas imagens no corpo das revistas é a de instituírem-se como ‘provas’ da veracidade de algum acontecimento narrado por meio da escrita¹⁴.

As fotografias representam mensagens próprias, na maioria das vezes. E esse, justamente, é o objetivo mor da fotorreportagem. Imagens impactantes, em ótima resolução, se comparadas a outras fotografias de mídia da época, coloridas – em alguns casos – elevam “Em Guarda” a um patamar de importante veículo de informação na década de 1940 e traz uma maior credibilidade do ‘real’. E dentro da importância que adquire, percebemos que ela serviu como um instrumento para as relações de aproximação entre Estados Unidos e países latino-americanos.

Para exemplificar a grande incidência das imagens na Revista, elaboramos um gráfico que representa uma reportagem integrante do primeiro ano de edição do periódico. O esquema considera uma revista aberta, constando então, em cada retângulo, duas páginas interligadas. Essa forma de análise foi utilizada por Nadja Peregrino em sua pesquisa sobre a revista O Cruzeiro¹⁵. De certa maneira, a maior parte das reportagens segue esse perfil de diagramação. Assim:

¹⁴ Nos primórdios da fotografia ela era tida como prova incontestável daquilo que “realmente” aconteceu. Elas eram consideradas objetos históricos apenas por serem uma reprodução mecânica da realidade. O fotógrafo ao menos era questionado sobre a sua escolha ao focalizar um determinado ângulo de um episódio. Aos olhos de um observador, uma simples briga, se fotografada em seu ápice, adquiria um sentido um tanto quanto brutal. Na atualidade, cada vez mais essa aura de veracidade agoniza-se, em partes pela disseminação de avançados *Softwares* que possibilitam, a até mesmo leigos no assunto, a edição e modificação instantânea de fotografias. Sobre esta discussão ver: CHIODETTO, Eder. **Fot Jornalismo: realidades construídas e ficções documentais**, (dissertação de mestrado) apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e defendida em 10/04/2008.

¹⁵ Utilizando como ferramenta a disposição de imagens por página da revista (diagramação ou paginação), Peregrino pode perceber que a maneira como as imagens foram dispostas em ‘O Cruzeiro’ seguiam um padrão. Assim, as imagens maiores vinham num sentido de transmitir ao leitor aquilo que era prioridade na reportagem. Os elementos contidos nelas exaltavam a narrativa escrita. Já as imagens menores sequenciadas davam a sensação de movimento ao acontecimento e também dava consistência aquilo que estava sendo noticiado. Vemos, portanto, que as intenções dos editores, designers ou fotógrafos estarão centrados na sustentação da ‘veracidade’ do que foi reportado.

Diagrama 1 – A diagramação da revista¹⁶

A diagramação dessa revista, que traz suas reportagens imagéticas estruturadas praticamente no mesmo padrão da mostrada no gráfico acima, mantém relação direta com aquilo que era escrito. Geralmente as páginas incluem fotos grandes, que demonstram o elemento primordial da reportagem. Em sua maioria elas mostram o arsenal bélico, grandes estadistas ou soldados em ofensiva. As fotografias menores, algumas vezes, representam uma sequência de fatos, dando movimento para a reportagem, ou apenas trazem elementos secundários que pretendiam ser evidenciados.

Todas as fotografias trazem legendas. Nesse caso, essa escrita sucinta, reafirma o que o repórter fotográfico quis evidenciar na sua apreensão mecânica da imagem, mas também serve para identificar o local e os personagens ao seu leitor. Era sabido que uma parcela razoável de leitores passava os olhos pelas revistas e jornais, lendo somente as legendas das fotos.

Como trata de um periódico com número considerável de edições (48 ao total) nosso tratamento com esta fonte, em um primeiro momento, visou o levantamento dos artigos que constavam na revista. Para tanto, o processo de

¹⁶ Gráfico feito pelos autores de acordo com dados da Revista Em Guarda.

análise compreendeu, primeiramente, a elaboração de uma ficha documental, contendo o ano e número da revista, título da matéria que estivesse dentro dos nossos interesses de pesquisa (ou seja, que diziam respeito ao Brasil), número de páginas de cada reportagem, palavras-chaves e breve resumo do conteúdo. Esse mapeamento preliminar teve como objetivo detectar os temas mais frequentes em cada ano de edição e de um modo mais amplo, como a revista os abordava.

Alguns trabalhos publicados por historiadores e cientistas sociais serviram de base para a metodologia desta dissertação. A abordagem de Ângela de Castro Gomes¹⁷, sobre a revista *Cultura Política*, veiculada também no período da Segunda Guerra Mundial e editada no Brasil pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) - ligado ao governo Vargas, contribuiu para proporcionar algumas problematizações para “Em Guarda”. Na revista brasileira, Gomes detectou que existia um interesse em criar a ‘ressurreição’ do passado brasileiro, através de artigos - escritos por importantes pesquisadores - que abordavam em geral temas que diziam respeito ao período republicano brasileiro.

Tal averiguação foi resultado da forma como Gomes trabalhou a revista *Cultura Política*, que foi dividida pela pesquisadora em *categorias temáticas* e, através desse método, pôde com mais clareza detectar que, estatisticamente, os artigos de cunho histórico se sobressaíam aos outros tipos de artigos que abordavam outras áreas do conhecimento.

No tocante às imagens trazidas na Revista “Em Guarda”, não as entendemos como meras ilustrações. Imagens também possuem mensagens codificadas em signos. Elas podem nos remeter às formas como os homens e mulheres agiram e pensavam em determinados períodos da história. Ao mesmo tempo, essas imagens são também silêncios e omissões, enfocadas e tornadas palpáveis por algum produtor. Por isso devemos, segundo Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad: “inserir a fotografia no panorama cultural, no qual foi produzida e entendê-la como uma escolha realizada de acordo com uma dada visão de mundo¹⁸.”

¹⁷ GOMES, Ângela de Castro. **História e historiadores**. 2 ed., Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

¹⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion S. e MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: Os Exemplos da Fotografia e do Cinema. IN. CARDOSO, Ciro Flamarion S. e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios e teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, 13ª Edição. p. 406.

Nesta mesma direção, as imagens podem se tornar imagem-monumento, “aquilo que no passado uma sociedade queria eternizar de si mesma para o futuro”¹⁹. Portanto, se o historiador considerá-las apenas no âmbito descritivo estará esperando que ela fale por si mesma. As imagens, assim como os textos ou descrições orais trazem, implicitamente, outros sentidos que nem sempre estão visíveis. Cabe ao pesquisador interpretá-las e considerar todo esse conjunto visível e não-visível.

Partindo destas relações, estaremos atentos aos tipos de matérias publicadas na revista ‘Em Guarda’ nas quais os Estados Unidos puderam se afirmar como liderança continental e até mundial aos países da América Latina, durante um conflito bélico tão sangrento que foi a Segunda Guerra Mundial. Nesse periódico poderemos perceber como o programa para uma “boa vizinhança”, fomentado pelo *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA)*, embasou os projetos de desenvolvimento do Brasil e fez supor que com a adesão de Vargas à causa de guerra aliada, tais projetos poderiam ser passíveis de execução.

No que tange à estruturação deste trabalho, ele foi dividido da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, analisaremos as duas formas de relações políticas experimentadas entre América Latina e os Estados Unidos. Essa relação parte de uma forma intervencionista de ação, principalmente na região do Caribe, que foi traçada ainda no século XIX, conhecida por Doutrina Monroe a uma política mais ‘branda’ (mas não menos intervencionista), chamada ‘Política da Boa Vizinhança’. Tal enfoque faz-se importante, pois a Revista ‘Em Guarda’, surgiu devido a esta necessidade de estreitamento e ‘abrandamento’ das relações entre latino-americanos e estadunidenses, durante a década de 1930 e 1940.

No segundo capítulo, daremos uma atenção especial à mídia estadunidense dos anos 1940, ambiente ao qual a Revista Em Guarda estará inserida. Nosso objetivo será o de perceber as concepções que estavam presentes no imaginário estadunidense sobre o latino-americano e a sua sociedade. De que forma alguns produtos midiáticos oriundos dos Estados Unidos expressavam concepções seculares sobre seus ‘vizinhos do hemisfério sul’ que sempre foram tidos como selvagens e inferiores culturalmente. Também analisaremos os tipos de

¹⁹ Idem. p. 407

reportagens que eram designadas aos latino-americanos e em que medida, a sua contribuição para o conflito será indispensável, mesmo sendo tratada como uma região atrasada em diversos aspectos.

Por fim, no terceiro capítulo, procuraremos identificar as projeções de Brasil que se faziam para um pós-guerra, caso se estreitasse os acordos entre Roosevelt e Getúlio Vargas. Por meio da Revista 'Em Guarda', procuraremos verificar essas aspirações de futuro do 'gigante' promissor da América do Sul, incentivados, principalmente pelas políticas de desenvolvimento do governo de Vargas e dos investimentos para tais programas concedidos pelo governo dos Estados Unidos. A posição de inferioridade do Brasil não sai de cena, uma vez que ainda é medido pela carga ideológica de menosprezo de seus vizinhos, ao mesmo tempo, parece existir uma chance real de mudança, que está atrelada à sua equiparação à sociedade estadunidense, resultante da interação entre os dois povos durante a Segunda Guerra Mundial.

CAPÍTULO 1

UM ‘BOM VIZINHO’ NÃO USA ‘BIG STICK’

“[...] A causa da segurança de nosso país não está completa. Mas hoje, estamos mais uma vez lembrando que a América pode fazer o que colocamos em nossa mente. Essa é a história da nossa história, se é a busca da prosperidade para nosso povo, ou a luta pela igualdade de todos os nossos cidadãos, nosso compromisso de defender os nossos valores no exterior e os nossos sacrifícios para tornar o mundo um lugar mais seguro.

Lembremo-nos de que nós podemos fazer estas coisas não só por causa da riqueza ou poder, mas por causa de quem somos, uma nação sob Deus, indivisível, com liberdade e justiça para todos[...].”

(Fragmento do discurso do presidente Barack Obama, na noite em que Osama Bin Laden foi morto pelos Estados Unidos)

Na primeira noite do mês de maio do ano de 2011, madrugada no território paquistanês, o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos, *Barack Obama*, se preparava para discursar para seu país. Após meses de espreita e resultante de uma missão secreta, era assassinado um dos grandes nomes do terrorismo mundial, *Osama Bin Laden*. Para alguns, a justiça era enfim concretizada, vingando a morte de mais de três mil pessoas que estavam a trabalho em um dos prédios mais imponentes e importantes da ilha de *Manhatan*, New York, em 11 de setembro de 2001. Para outros, a primeira década do século XXI havia trazido muitas indignações, diante de invasões ao Afeganistão e Iraque, durante a ‘caça’ aos terroristas ligados a *Bin Laden*, ceifando a vida de milhares de inocentes e fez surgir o polêmico e não atual questionamento: por que algumas nações se autodeterminam portadoras da justiça e por que fazem valer suas opiniões e estratégias para além de suas fronteiras?

Obter resposta a todos esses questionamentos resultantes dos desdobramentos do ato acima descrito não faz parte dos objetivos de nosso trabalho. Nossa preocupação está voltada para uma época mais distante, quando os Estados Unidos ainda se afirmavam como potência mundial. Entretanto, não podemos deixar de perceber algumas práticas ainda sendo passíveis de observação

na política externa estadunidense. Esse fragmento do discurso do presidente democrata Barack Obama, traz ainda para nossa atualidade respaldo para incitar algumas reflexões sobre as bases em que se instauram a política externa dos Estados Unidos da América, que, por mais que esteja interligada com o contexto histórico ao qual se insere, perpetua algumas características que pouco ou quase nada se modificaram no tempo.

As palavras de Obama: “nosso compromisso de defender os nossos valores no exterior e os nossos sacrifícios para tornar o mundo um lugar mais seguro” parecem que se repetiram ao longo da História. A cada política adotada, que significasse a penetração em um território vizinho, fomentado por um ou outro motivo, sempre tinham como justificativa uma tentativa estadunidense em transformar o mundo em um lugar melhor, onde a democracia, a liberdade de expressão e opinião, e a liberdade religiosa vigorassem. Por pensar que exista uma continuidade no modo de conduzir a política externa estadunidense, que muitas vezes vemos se repetir na História, compartilho do pensamento da cientista política Cristina Soreanu Pecequilo, que percebe a política externa dos Estados Unidos como uma mescla entre ‘mudanças e continuidades’, erigidas sobre os preceitos que norteiam sua sociedade. Por mais que estivessem intimamente ligados a períodos históricos específicos, houve sempre recorrências a práticas parecidas²⁰.

Nosso primeiro objetivo, para o transcorrer deste trabalho, é refletir, mesmo que limitadamente, sobre a política externa estadunidense, principalmente no século XX, onde percebemos que a sua relação com a América Latina oscilou entre intervenções militares a uma tentativa de manter uma ‘Boa Vizinhança’.

1.1 QUEM FALA SOBRE OS ‘BONS VIZINHOS’?

De uma forma satirizada, o título desse capítulo faz uma alusão a dois momentos na forma de agir estadunidense na América Latina. O primeiro momento que nasce ainda no século XIX faz-se com a aplicação do *Big Stick*,

²⁰ A obra intitulada: A política externa dos Estados Unidos – Continuidade ou Mudança? de Cristina Soreanu Pecequilo, faz um levantamento sobre as formas de agir no cenário internacional dos governos estadunidenses, desde sua independência e surgimento como Nação ao fim da Guerra Fria. A reflexão da autora parte da observação de algumas das novas posturas políticas dos Estados Unidos no pós Guerra Fria e em que sentido elas significam práticas inovadoras ou modos já conhecidos de ação no cenário mundial. PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A política externa dos Estados Unidos: Continuidade ou mudança?** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

expressão citada pelo presidente estadunidense Theodoro Roosevelt. O segundo momento e, portanto, o priorizado nesse capítulo, é a prática posterior ao *Big Stick*, a Política da Boa Vizinhança que se baseia na não intervenção armada nas Américas, justamente para criar uma base favorável aos interesses econômicos e de segurança nacional estadunidense. O governo estadunidense Franklin Delano Roosevelt modificou a política vigente para com a América Latina no contexto da Segunda Guerra Mundial, representando, portanto, os “bons vizinhos” dos latino-americanos e assim, o “Grande Porrete” saiu de cena para que o “*American way of life*” pudesse ser absorvido através de vias propagandísticas e não imposto militarmente.

No entanto, acreditamos que as intervenções militares nos países latino-americanos não se apagam de uma vez para dar início a uma política ‘branda’ no sentido militar. Porém, o que pretendemos discutir é sobre uma estratégia por parte, principalmente dos Estados Unidos, em garantirem o alinhamento dos países latino americanos no esforço de guerra, fazendo com que a Alemanha e seu comércio de compensação fossem afastados do cenário diplomático brasileiro. Durante a chamada ‘Política da Boa Vizinhança’ perceberemos que o apelo às armas, caso algo saísse dos trilhos, sempre estaria presente. No entanto, uma preocupação do governo Roosevelt seria a de apoiar suas relações exteriores da maneira menos agressiva possível, fazendo de acordos econômicos e do apelo cultural uma das suas melhores armas.

Com vistas em, simplificarmente, fazer um balanço sobre o que vem sendo discutido na comunidade acadêmica, no que se refere à Política da Boa Vizinhança e a Revista *Em Guarda*, foco de nosso estudo, partiremos de alguns autores que abordam essa temática, dentro e fora do Brasil.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, que historiadores e cientistas sociais vêm, exaustivamente, lançando questionamentos sobre a importância da participação brasileira nessa guerra e as relações que surgiram entre o Brasil e os Estados Unidos nesse momento. Autores como o brasilianista Frank McCann, Antonio Pedro Tota, Mary Anne Junqueira, Cristina Soreanu Pecequilo e Gerson Moura contribuíram significativamente para o entendimento do tema²¹.

²¹ Sobre o alinhamento do Brasil e Estados Unidos e a Política da ‘Boa Vizinhança’, ver também: Vagner Camilo Alves, “O Brasil e a Segunda Guerra Mundial - História de um envolvimento forçado” de 2002. Moniz Bandeira “Presença dos Estados Unidos no Brasil (Dois séculos de

Algumas obras têm fundamental importância, dada sua contribuição a este trabalho e para o enriquecimento da história sobre reflexões sobre a 'Boa Vizinhança' estadunidense na Segunda Guerra Mundial. Temos, a partir da década de 1980, os trabalhos de Gerson Moura, *Tio Sam Chega ao Brasil* (1984), *Estados Unidos e América Latina* (1990) e *Sucessos e Ilusões – Relações Internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial* (1991). Do brasileiro Frank McCann, a obra *Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945*, de 1995. E por fim, as obras dos historiadores Mary Anne Junqueira, *Ao sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*, de 2000, Antonio Pedro Tota, *O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na Segunda Guerra*, do ano 2000 e Cristina Soreanu Pecequilo, *A política externa dos Estados Unidos: Continuidade ou mudança,* de 2003. Sobre a "Boa Vizinhança" e mais especificamente, pelo estudo sistemático sobre a Revista "Em Guarda", temos o trabalho de Julio Cesar dos Santos Silva, *A Construção do Pan-Americanismo na Revista em Guarda: o Olhar Americano pela Defesa das Américas (1941-1946)*, de 2009.

A 'Política da Boa Vizinhança', segundo Pecequilo, teria determinado uma mudança considerável nas relações entre Estados Unidos e América Latina. Embora iniciada no governo do republicano Herbert Hoover (1929-1932), foi intensificada e disseminada no governo do democrata Franklin D. Roosevelt. Essa nova postura política para a região, fez-se quando da:

[...] retirada das tropas que ainda estavam no continente, o abandono das intervenções armadas e interferências políticas e econômicas, seguindo-se a instalação de um processo de consulta e cooperação que passava a reconhecer a América Latina e suas nações como soberanas e parceiras iguais dos Estados Unidos²².

Ao promover um intercâmbio de comércio e finanças, o presidente Roosevelt, ao mesmo tempo, não deixou de lado a preocupação com as questões internas de seu país. Podemos dizer que os meios adotados foram outros, para

história)" de 1973. Leslie Bethell e Ian Roxborough, com "América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria" de 1997. Roney Cytrynowicz com "Guerra sem guerra - A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial" de 2000. Roberto Gambini. "O duplo jogo de Getúlio Vargas: Influência americana e alemã no Estado Novo" de 1977. Ricardo Antonio Silva Seitenfus, "O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942 – o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial" de 1985.

²² PECEQUILO, Cristina S. Op. Cit. p. 113.

união dos países desse hemisfério: ao invés de ‘coerção’ optou-se pela ‘cooperação’ entre Américas²³.

Segundo Pecequilo, no campo político, a ‘Política de Boa Vizinhança’ alicerçava-se no reconhecimento da soberania dos países latino-americanos, ao mesmo tempo em que se optava pela não intervenção militar na região. No campo econômico, intensificou-se o comércio entre as Américas em face de um cenário mundial instável. Eram incentivados, também, os investimentos e empréstimos para o desenvolvimento técnico econômico da América Latina, principalmente para a extração de matérias primas e petróleo²⁴, como foi o caso brasileiro, do empréstimo para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional.

A pesquisadora olha com criticidade essa prática política, já que essa ‘Boa Vizinhança’ não ia além do que uma ‘mudança tática’ da política externa estadunidense. O intervencionismo, prática corriqueira da Doutrina *Monroe*, ainda norteava as relações para a região do Caribe²⁵. Contudo, segundo a autora, os méritos para tais relações não devem ser menosprezados já que houve, realmente, significativas mudanças no relacionamento entre Américas.

Entretanto, como o fim da Segunda Guerra Mundial e o destaque no cenário mundial dos Estados Unidos como potência global, o que pôde ser percebido foi que a importância relegada ao restante do continente passou para segundo plano, e que, ao longo dos anos, o intervencionismo adquiriu novamente, a face de décadas anteriores²⁶.

Concentrando-se na aplicação desta “boa vizinhança” para o caso específico brasileiro, o historiador estadunidense Frank McCann²⁷ analisou o processo de alinhamento entre o Brasil e os Estados Unidos, durante o Estado Novo (1937-1945), com base em uma extensa documentação oficial, tanto dos arquivos brasileiros como dos estadunidenses. O autor assinalou um significativo papel desempenhado pelo Brasil, em seu alinhamento com os Estados Unidos, principalmente no período da Segunda Guerra Mundial, no contexto das relações entre países americanos.

²³ Idem, p. 113.

²⁴ Ibidem, p. 113.

²⁵ Ibidem, p. 114.

²⁶ Ibidem, p. 115.

²⁷ McCANN, Frank. **Aliança Brasil-Estados Unidos**, 1937-1945. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995.

A produção de matérias-primas estratégicas para a máquina industrial estadunidense, assim como a cessão das bases aéreas e navais do Norte e Nordeste brasileiros para o esforço de guerra dos Aliados foram sublinhadas por McCann como contribuições muito importantes do Brasil, no conflito mundial, para a vitória sobre as forças do Eixo. Embora o envio de uma pequena força expedicionária para o teatro de Operações do Mediterrâneo possa ser considerado, do ponto de vista estritamente militar, como “simbólico”, suas consequências políticas foram significativas, tanto para a política brasileira quanto para a configuração das alianças diplomáticas e militares na América Latina do pós-guerra²⁸.

Ao mesmo tempo, essa adesão à causa Aliada e o auxílio financeiro que obteve em troca, custou uma posição de maior resignação ao vizinho do norte. Para ficar nas palavras de McCann, o Brasil tornou-se “subserviente, muito próximo da dependência, aos Estados Unidos²⁹”. Portanto, para o autor, o preço que o governo Vargas havia contraído, além do real endividamento material, fora uma posição de inferioridade perante as grandes potências mundiais.

A necessidade por alianças, não partiu, apenas, do governo Roosevelt. Os governos brasileiros, desde o início do século XX, almejavam acordos mais substanciais com os Estados Unidos, como uma forma de conter países, principalmente Argentina, em possíveis avanços sobre o continente. As diferenças culturais que existiam no hemisfério sul americano eram fatores de desagregação e punham em risco uma hegemonia brasileira no território. Da mesma forma que existia uma grande disparidade entre a tradição estadunidense e a brasileira, enormes barreiras, principalmente, linguísticas e econômicas existiam entre o Brasil e as demais nações de língua espanhola³⁰.

O autor destaca também, o interesse que vinha do lado oposto. O Brasil também possuía seus atrativos e foram eles os responsáveis pela

²⁸ McCANN, Frank; FERRAZ, Francisco Cesar Alves. A participação conjunta de brasileiros e norte-americanos na Segunda Guerra Mundial, In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MUNHOZ, Sidnei (orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Ed. Da UEM/Fundação Araucária, 2011, p. 103-163.

²⁹ McCANN, Frank. Op. Cit. p. 14.

³⁰ Como Brasil possui uma colonização portuguesa, diferindo-o dos outros países americanos que foram colonizados pela Espanha, principalmente, existia enormes diferenças culturais e ressentimentos de ordem política entre tais países. McCANN afirma que, muito mais próximo era o compartilhar da cultura africana com a brasileira, do que desta com a de seus ‘irmãos’ continentais. McCANN. Frank. Op. Cit. p.16.

implementação da ‘Política da Boa Vizinhança’ na região. Uma dessas atrações era o extensivo mercado que o Brasil, e a América Latina como um todo, dispunham, justamente em um cenário influenciado pela recessão financeira de 1929, onde os estadunidenses procuravam mercados para a efetiva restauração de sua economia. Porém, para consolidar realmente essa prática, foi preciso afastar a influência que outros países possuíam na região, principalmente a Alemanha e optar por interferências menos agressivas, mais ‘sutis’³¹.

Uma das contribuições do historiador Antônio Pedro Tota, principalmente em *O Imperialismo Sedutor*³², foi o de mostrar, ao longo de sua obra, a influência que a cultura ‘americana’ (para ficar nas palavras do autor), exerceu e exerce sobre o Brasil. A ‘sedução’, que os Estados Unidos despertaram sobre muitos brasileiros, foi estudado a partir de uma vasta documentação. Ela incluiu, desde arquivos audiovisuais, filmes, músicas, propagandas impressas, fotografias, de arquivos do Brasil e Estados Unidos, à observação de revistas e jornais da época, também dos dois países, respectivamente.

Tota foi um dos poucos historiadores que fazem referência à Revista “Em Guarda” em seu trabalho, citando-a como um dos veículos de transmissão da ‘Política de Boa Vizinhança’ para as Américas. Para o historiador, a revista foi um dos meios para a propagação da ‘boa vizinhança’ e do ‘modo de vida americano’, pois suas reportagens abordavam notícias que exploravam temas sobre materiais bélicos a até como se construir hortas, todos voltados para a mobilização bélica³³. Em nossa observação, porém, percebemos que os objetivos da revista iam além de uma propagação do “American way of life”, resultados que serão melhores explorados nos capítulos posteriores.

Indo além da análise da revista “Em Guarda”, Tota pensa a “Política da Boa Vizinhança” como o período crucial de mudança nas relações entre americanos. Mesmo que seus implementadores, principalmente Franklin Roosevelt e o Coordenador do OCIAA, Nelson Rockefeller, entendessem que essas relações deveriam se perpetuar através da disseminação midiática, por vias culturais, as intervenções armadas tiveram uma pausa, ao contrário das intervenções “veladas”³⁴.

³¹ MCCann, Frank. Op. Cit. p.16.

³² TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

³³ Idem, p. 56.

³⁴ TOTA, Antonio Pedro. Op. Cit. p. 177.

Com o correr dos anos, mais precisamente após o quarto ano de guerra, com a certeza de vitória sob as hordas nazistas, o interesse pela América Latina, ou melhor, em veicular uma imagem mais amigável à América Latina, foi, paulatinamente, perdendo força. A necessidade de um maior investimento econômico, “com o objetivo de superar o nosso estado de pobreza, considerado foco de instabilidade”, será a prioridade na agenda de Rockefeller³⁵.

No caso do Brasil, para Tota, o país absorveu para sua cultura, elementos estadunidenses que foram difundidos a partir dessa política. Hoje em dia, maciçamente visualizada, essa influência marca, sobremaneira, nossa música, cinema, alimentação, vestuário, enfim, tem uma grande interferência em nossos gostos.

O processo para a difusão de tal cultura não pode, segundo o autor, fomentar um entendimento de passividade brasileira perante estadunidenses. Houve sim, um ‘choque cultural’ surtindo como efeito ‘novas formas de manifestação cultural’³⁶. Os elementos culturais estadunidenses não foram copiados pelos brasileiros, conforme defendem visões marxistas, mas sim recriados, reinterpretados. O Brasil assimilou essa cultura, mas de um modo particularmente próprio. E a forma como esse modelo de sociedade foi difundido, para o autor, pautava-se na sedução de brasileiros.

Julio Cesar dos Santos Silva³⁷ fez da revista ‘Em Guarda’ a fonte principal de seu trabalho, em sua dissertação de mestrado. Conforme contatamos, esse talvez seja um dos únicos trabalhos no Brasil, (com exceção ao que estamos desenvolvendo) que construa uma análise crítica a partir dessa revista. O principal objetivo desse historiador é o de mostrar o papel que a ‘Em Guarda’ possui para disseminação de um pan-americanismo pretendido pelo governo estadunidense durante a 2ª Guerra Mundial. Ao longo de seu trabalho, também pudemos perceber a ênfase que o autor proporcionou à construção da imagem, nas páginas da revista, de um Estados Unidos como uma fortaleza continental, à qual os países da América Latina poderiam recorrer caso fosse preciso.

³⁵ Idem, p.184.

³⁶ Idem, p. 191.

³⁷ SILVA, Julio Cesar dos Santos. **A Construção do Pan-Americanismo na Revista em Guarda: o Olhar Americano pela Defesa das Américas (1941-1946)**. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, em 2009.

Mas, o que sobressaía do conjunto de reportagens era a crença de que a despeito de todas as ameaças externas e os desafios impostos pelo contexto da época, os latino-americanos não deviam temer, pois havia uma nação pronta a socorrê-los moralmente, religiosamente e tecnologicamente. Por isso, mesmo após sessenta anos do término de sua publicação, a diretriz defendida pelo mensário permanece atual e usado, às vezes como retórica, pelos políticos norte-americanos³⁸.

Outra importante percepção oriunda de suas reflexões e que já haviam chamado a atenção de Antonio Pedro Tota e Mary Ann Junqueira, foram as generalizações feitas acerca da figura do latino americano, que estiveram muito presentes nos produtos midiáticos do período tratado e que se inserem, como acreditávamos no periódico. O estadunidense foi apresentado como ícone de boas índoles, dotado de ideais que levavam ao progresso econômico e político:

Desse modo, o que *Em Guarda* delineia em suas páginas é a percepção estabelecida por um norte-americano distante sobre os outros, latino-americanos que acabam se constituindo em um único grupo, homogêneo e eivado pelas mesmas características sociais, econômicas, históricas, lingüísticas e culturais³⁹.

Entendemos que a revista *Em Guarda*, além projetar uma ideia de pan-americanismo e de imagem modelar dos Estados Unidos, um dos seus grandes objetivos foi o de fomentar na América Latina, principalmente no Brasil, uma possibilidade de futuro promissor, caso o país estivesse atrelado com as políticas estadunidenses. O Brasil 'lia' nas páginas da revista, um projeto de futuro.

Uma historiadora que contribuiu para nosso trabalho, no que se refere ao imaginário estadunidense perante o latino-americano, foi Mary Anne Junqueira⁴⁰. Focando uma revista estadunidense, que da mesma forma que a *Em Guarda*, foi enviada para leitores brasileiros, Junqueira mostrou que *Seleções da Reader's Digest*⁴¹ permitiu a disseminação de um projeto de sociedade, economia e política dos Estados Unidos da América para seus 'irmãos' continentais.

³⁸ Idem, p.252.

³⁹ SILVA, Julio Cesar dos Santos. Op. Cit. p. 250.

⁴⁰ JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande**. Imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000.

⁴¹ No Brasil, a famosa revista estadunidense, *Reader's Digest*, começou a ser difundida a partir de 1942, recebendo o nome de *Seleções da Reader's Digest*. A revista chegou a ser a mais vendida no país entre as décadas de 1950 a 1960, ficando, muitas vezes à frente da revista O Cruzeiro. Tamanho interesse era despertado pela característica peculiar do periódico em trazer notícias que eram úteis para o cotidiano dos brasileiros, podendo ser consultada em períodos posteriores. Já a

Partindo de mitos nacionais, como o do ‘Destino Manifesto’ e o de expansão das ‘fronteiras’, Junqueira mostra, ao longo de sua pesquisa, como a revista *Seleções* espelhavam esse imaginário. Durante a Segunda Guerra Mundial, as conclusões que se tinham sobre o Latino Americano, inferior culturalmente, limitado pela baixa demografia de seus territórios, oriundo de uma colonização europeia tradicional, foram transportados para a mídia da época.

Através das matérias de *Seleções*, os latino-americanos “[...] foram vistos como passivos, ignorantes, supersticiosos, vivendo de forma natural e instintiva, pois, conforme aquela ordem de ideias, o homem estava diretamente vinculado ao lugar primitivo”⁴². Essa vulnerabilidade ‘constatada’ dos moradores situados abaixo do Rio Grande levou a uma crença de que, se nada fosse feito na região, latino-americanos seriam alvo fácil dos nazistas.

Para afastar de uma vez o ‘mal’, que era associado aos países do Eixo, do solo americano, buscou-se consolidar uma política de transformação dos espaços ainda ‘selvagens’, assim como havia sido feito com o Oeste estadunidense. Investiriam também na formação de uma classe média tanto urbana como rural, pois ela seria responsável pela “ordem e harmonia da sociedade”⁴³. O letramento dessa classe era realizado, entre outros meios, a partir de artigos da revista *Seleções*, que traziam reportagens pertinentes ao dia a dia dessa ‘nova classe média’.

Assim, durante a Segunda Guerra Mundial, a revista *Seleções* serviu para disseminar na latino América imagens positivas dos Estados Unidos, da sua sociedade e de suas ideologias. Foi um dos instrumentos ideológicos da ‘Política de Boa Vizinhaça’ e juntamente com a revista “*Em Guarda*” e demais produtos midiáticos do período, auxiliaram no obscurecimento dos anteriores anos de penetração armada na região.

Por fim, Gerson Moura, entre outras tantas contribuições, defendeu o conceito de ‘política de barganhas’, onde, mediante o contexto de guerra, o Brasil não teria se mostrado inerte e simplesmente manipulável pelo autoritarismo estadunidense. Houve uma série de manobras políticas, por parte do governo brasileiro, que tinham como intuito, tirar proveito da situação em que o mundo vivia. Diferentemente de outros historiadores de décadas anteriores, que relegavam ao

revista O Cruzeiro, trazia em suas páginas, mais atualidades, tornando-a, assim, mais descartável.
In: JUNQUEIRA, Mary Anne, Op. Cit.

⁴² Idem, p. 274.

⁴³ JUNQUEIRA, Mary Anne. Op. Cit. p. 276.

estado brasileiro papéis de total inércia ao jogo internacional ou total autonomia. Moura, ao longo de seus trabalhos nos mostra que o Brasil foi, de fato, forçado a algumas decisões, porém, em outros momentos, soube manobrar muito bem as ‘cartas do jogo’⁴⁴.

Assim, para Moura, enquanto pôde, Vargas conseguiu, dos Estados Unidos e da Alemanha, o que eles podiam oferecer para o alavancar industrial do Brasil. Dos Estados Unidos, por meio do livre comércio e financiamentos para a sua substituição de importações e da Alemanha, por meio do comércio compensado⁴⁵, onde o Brasil importava (sem utilizar dinheiro em espécie) inúmeros produtos acabados, inclusive armamentos, e em troca, enviavam matérias primas para o outro lado do Atlântico, no chamado ‘comércio de compensação’.

Quando essa política não podia mais ser sustentada, pois o conflito exigiu uma postura unilateral, Getúlio Vargas, em meio a pressões internas e externas, resolveu aliar-se a aqueles que garantiram e ‘impuseram’ mais vantagens ao seu país. Assim, o alinhamento brasileiro em 1942 à causa de guerra estadunidense, resultou em alguns benefícios econômicos para esse país que procurava iniciar um desenvolvimento industrial equiparável ao de algumas potências mundiais.

Gerson Moura também citou a revista *Em Guarda* em seu livro “Tio Sam Chega ao Brasil” e chegou a afirmar que, na época, o periódico atingiu uma enorme importância, tanto na América Latina como no Brasil. Chegaram a ser publicados cerca de 500.000 exemplares por mês na América Latina, batendo público recorde em 1943, quando foram vendidos mais de 630.000 exemplares só no Brasil, atingindo uma média de 5 leitores por revista⁴⁶.

Diante da contribuição desses e de outros tantos autores, que em suas diferentes abordagens auxiliaram para o desemaranhar desse complexo contexto histórico (ou formar outros emaranhados), que seguimos nosso trabalho, procurando justificar o objetivo desse capítulo: do *Big Stick* à *Boa Vizinhança*.

⁴⁴ MOURA, Gerson. **Sucessos e Ilusões** – Relações Internacionais do Brasil durante e após a 2ª G. M.. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

⁴⁵ MOURA, Gerson. **Estados Unidos e América Latina**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

⁴⁶ MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

1. 2 PARA ALÉM DE SEU QUINTAL

A nação estadunidense, formada a partir de Treze Colônias Inglesas, após concretizar seu processo de independência, experimentou percepções muito díspares em relação à sua política externa ao longo dos anos subsequentes a 1776. Ora o objetivo era a defesa nacional, tentando evitar uma recolonização por parte da Grã-Bretanha, ora pautou-se em uma expansão não apenas territorial, mas também política e econômica. Nosso interesse será o de focar o segundo período citado, onde, a América Latina, passará a fomentar interesses aos governos estadunidenses, já que, por alguns anos, latino-americanos foram praticamente ignorados em suas pautas políticas.

Cabe-nos, no entanto, entender um dos motivos que levaram a, logo de início, os Estados Unidos deixarem para segundo plano suas relações mais estreitas com outros países. Cristina Pecequilo⁴⁷ aponta para a observação de que, em um primeiro momento, a política externa não visava formar um caráter nacional, mas somente consolidar a nação recém emancipada. A defesa do território, visando a proteção perante algumas potências europeias como França ou Grã-Bretanha, era uma das prioridades do governo.

Assim, a política externa era apenas um “acessório” da política interna no corpo de prioridades do governo estadunidense, segundo Pecequilo. Preocupados em manter a segurança e o desenvolvimento de seus cidadãos, a postura de uma política fechada aos seus limites territoriais, perdurou por vários anos.

Alguns motivos levaram os Estados Unidos a manterem essa postura. Destacamos o que diz respeito à necessidade que seus primeiros governantes tiveram em cortar ligações com tudo que se referisse à Europa, rompendo com um sistema político e econômico monárquico, que para eles, trazia discrepantes desigualdades sociais. Teria nascido, em quatro de julho, uma nação onde a liberdade e a prosperidade financeira lideravam, nascia uma ‘América livre’. Este ‘nascer livre’, como discorre Pecequilo:

⁴⁷ PECEQUILO. Cristina S. Op. Cit.

[...] também envolvia a ideia do isolacionismo e proteção dos Estados Unidos por vastos oceanos, pela não-proximidade de inimigos imediatos entre seus vizinhos, pela sua autossuficiência interna e capacidade de expansão, ainda somente potenciais naquele tempo [...]⁴⁸

Juntamente com a ideologia de não se equiparar com sua colonizadora, optando por uma postura onde os alicerces estavam fundados na liberdade e por possuir uma localização no continente americano de iminente liderança econômica e estratégica localização geográfica, a política externa dos Estados Unidos não fez parte das prioridades de Estado no primeiro século de sua História como nação independente⁴⁹.

Logo após o fim da Guerra Civil estadunidense, algumas mudanças ocorreram no seio dessa nação. Ao mesmo tempo em que seu país dobrou de tamanho⁵⁰, seu Produto Nacional Bruto (PNB) triplicou. Cresceram também, consideravelmente, a produção de cereais e de petróleo, trilhos de trem, corroborando para uma produção industrial cada vez mais expansiva⁵¹. Porém, mesmo com um grande poderio, verificado em seu espaço doméstico, o mesmo não estava refletido em sua política externa, resultando em uma fraca influência de poder no sistema internacional⁵².

Esses fatores, principalmente de ordem econômica, estratégica e política contribuíram para que os Estados Unidos comesçassem a se dar conta que era preciso projetar-se, enfaticamente, no sistema internacional. Por mais que estivessem desfrutando de um crescimento significativo no setor industrial, de energia e agrícola, os maiores receptores desses produtos, no mercado estrangeiro, continuavam sendo países europeus, principalmente a Grã-Bretanha.

Com a América Latina a exportação de seus produtos ficava bastante restrita, uma vez que, se tratavam de mercados que pouco podiam importar dos estadunidenses, pois, a maior parte dos produtos estrangeiros era comprada dos ingleses. Os negócios com latino-americanos davam-se na importação de produtos tropicais, (principalmente café e açúcar) que se desenvolviam melhor no clima da região.

⁴⁸ PECEQUILO, Cristina S. Op. Cit. p. 35.

⁴⁹ Idem, p. 35.

⁵¹ SCHULTZ, Lars. **Estados Unidos: poder e submissão**. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: Edusc, 2000. p. 106.

⁵² PECEQUILO, Cristina S. Op. Cit. p.73.

Mesmo dentro dos Estados Unidos, uma significativa parte da população não podia usufruir dos produtos industrializados, uma vez que a taxa de desemprego ainda era alta, devido a inúmeras recessões que o sistema econômico vivenciou entre 1873 a 1897. Assim, as prateleiras estavam abarrotadas de produtos, enquanto inúmeros trabalhadores ficavam em casa, sem consumir, pois não tinham emprego⁵³.

Para impulsionar sua economia e alavancar o poder dos Estados Unidos, principalmente no Hemisfério Ocidental, a partir da segunda metade do século XIX, os governos estadunidenses viam com olhares vorazes para o mercado latino americano. Segundo afirma *Lars Schoultz*⁵⁴ a América situada abaixo dos Estados Unidos era tida para seus líderes como uma 'Índia', muito próxima continentalmente⁵⁵. Nas palavras do senador republicano *John Miller*:

[...] é preciso encontrar novos mercados para manter nossas fábricas funcionando. Aqui ao sul temos nossa Índia, e se tivermos a coragem, a visão e a sagacidade de utilizá-la com métodos apropriados, teremos novos mercados para nossos produtos manufaturas [...]⁵⁶

Assim, em um período onde o mercado interno já não mais comportava o excedente da produção agrícola e industrial, surgiu a necessidade real da abertura das fronteiras, de um mercado situado além dos limites estadunidenses, pois dessa maneira consolidaria o desenvolvimento industrial e econômico do país. Foi preciso implantar novas políticas, em uma sociedade crescentemente industrial⁵⁷.

Para além de uma possível necessidade de expansão no cenário internacional, oriunda do crescimento econômico, a pesquisadora Pecequilo também aponta para uma relação direta entre aumento do poder executivo e o conseqüente deslanchar das relações externas dos Estados Unidos:

⁵³ SCHOULTZ, Lars. Op. Cit. p. 107.

⁵⁴ SCHOULTZ, Lars. Op. Cit.

⁵⁵ SCHOULTZ, Lars. Op. Cit. p.107.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ PECEQUILO. Cristina S. Op. Cit. p.74.

[...] Basicamente, essa reestruturação do poder foi facilitado por uma combinação de iniciativas pessoais dos presidentes e pelo próprio declínio do poder do Legislativo em assuntos externos, o que permitiu maior agilidade e capacidade de decisão por parte da presidência⁵⁸.

Alfred Mahan, um dos estrategistas estadunidenses do período, associava o grande investimento financeiro efetivado por alguns presidentes para o fortalecimento militar a esse crescente interesse pela política externa por parte do executivo⁵⁹.

A Marinha estadunidense, a partir de então, cresceu consideravelmente. O objetivo era possibilitar a disputa equiparada com potências, principalmente europeias, uma vez que diversos territórios mundiais estavam sendo, a cada dia, controlados por esses países mais poderosos. A alternativa foi consolidar uma marinha mercante forte o suficiente para inserir os Estados Unidos nessa disputa neomercantilista e ao mesmo tempo proteger as fronteiras do pacífico e atlântico⁶⁰.

Esse fortalecimento militar demonstrava, a cada dia mais, o poder que os Estados Unidos detinham, principalmente em seu hemisfério. Porém, não era de bom grado mostrar-se impositivo para as demais nações, já que estavam ideologicamente embasados em políticas que rompiam com a forma expansionista de dominação europeia. Ao mesmo tempo, ficava claro nos discursos de seus líderes que se fossem ameaçados, agiriam. Para Mahan “[...] O país não se definia como um poder agressor, mas, ao mesmo tempo, demonstrava disposição, sustentada por uma capacidade real de poder, de defender e de maximizar seus interesses.⁶¹”

E assim, o teor da política que seria adotada com a América Latina tanto no século XIX como no XX ia se estruturando. Discursos suaves, práticas intervencionistas em uma ‘nova era de impérios⁶²’, onde o governo de Washington

⁵⁸ PECEQUILO, Cristina S. Op. Cit. p.74.

⁵⁹ Idem, 77.

⁶⁰ SCHOULTZ, Lars. Op. Cit. p.109.

⁶¹ PECEQUILO, Cristina S. Op. Cit. p. 77.

⁶² Ao mesmo tempo em que alguns países europeus voltam seus interesses para a Ásia e a África, que pode ser caracterizado como uma “nova era dos Impérios”, os Estados Unidos lançaram olhares mais cobiçosos à América Latina e a Ásia. A Ásia porque era entendida como parte ‘natural’ do território estadunidense. Por ser um prolongamento de seu continente, o Pacífico era peça integrante de um projeto para a formação de um ‘Império Norte-Americano’. No caso da América Latina, essa integração ao ‘Império’ já era estudada desde a Doutrina Monroe e a Conferência Pan-Americana. In: PECEQUILO, Cristina S. Op. Cit. p. 77.

projeta-se no continente. Neste momento o relacionamento entre ‘vizinhos’ já não representava o melhor que podia existir.

A Doutrina Monroe, marcou pesadamente as relações entre ‘vizinhos’ continentais a partir de 1823. O pesquisador Gerson Moura afirma que, desde a proclamação da independência de nações latino-americanas no século XIX, os Estados Unidos, como forma de evitar a recolonização desses territórios por potências europeias, se utilizou de métodos eficazes para não perder sua influência sobre o continente⁶³.

Idealizada pelo presidente *James Monroe*, essas medidas representavam mais discurso do que prática, já que os Estados Unidos ainda detinham um limitado papel internacional. Essa doutrina poderia ser definida sobre duas afirmações: a primeira era a de que a recolonização da América estava sendo impedida pelos Estados Unidos (incluindo, indiretamente, o próprio país perante a Grã-Bretanha) e a segunda era de que o direito de autodeterminação dos povos americanos estava garantido por meio dos Estados Unidos.

Essas medidas podem ser resumidas sobre a máxima: “América para os americanos”, onde a ex-colônia britânica se definia como “protetora” das Américas. Paulatinamente, após a sua formulação por Monroe, Washington interveio política e militarmente sobre o restante da América, principalmente no Caribe⁶⁴.

Com a entrada no poder do republicano *Theodore Roosevelt*, em 1901, a Doutrina Monroe agregou um cunho ainda mais intervencionista nas Américas. A justificativa foi proferida por *Roosevelt* que baseado nesta ‘América para americanos’, alegava que, quando os governos americanos não agiam de forma organizada, um país mais civilizado, (diga-se os Estados Unidos) deveria intervir política e militarmente, adquirindo uma função de polícia internacional.⁶⁵

Esse intervencionismo foi legitimado por meio do *Corolário Roosevelt*, uma adição à Doutrina *Monroe* que garantia aos Estados Unidos a intervenção em países latino-americanos. Essa forma de agir militarmente foi chamada de *Big Stick* (porrete grande), pois para *Roosevelt* nas relações com a

⁶³ MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

⁶⁴ MOURA, Gerson. **Estados Unidos e América Latina**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1991, p. 14.

⁶⁵ MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1984, p.17.

América Latina precisava-se haver uma fala mansa mas manter um 'grande porrete' em mãos⁶⁶.

A receptividade que tiveram, porém, não foi menos agressiva. Muitos governos latino-americanos exigiram, principalmente após 1920, o direito de autodeterminação dos povos e a busca pela não-intervenção estadunidense⁶⁷. A rejeição à Doutrina Monroe e ao tipo de relações entre países americanos que ela propunha, atrapalhava cada vez mais a imagem dos Estados Unidos para seus vizinhos americanos.

A Doutrina Monroe perdurou até os anos de 1930, com uma série de intervenções na região caribenha. Percebemos que preceitos de um Destino Manifesto estiveram refletidos na política externa com a América Latina, uma vez que, para terem a possibilidade de livre escolha, os países americanos tiveram que se submeter aos Estados Unidos e aprender com eles conceitos como a liberdade:

Em uma interessante contradição de seu próprio conteúdo, para promover o princípio da autodeterminação nas Américas, era preciso primeiro que se espalhasse pelo continente a democracia e os valores norte-americanos por meio de intervenções feitas pelos Estados Unidos, como de fato ocorreu na época⁶⁸

Porém, alguns acontecimentos de ordem econômica e política impuseram um entrave à recorrência dessas intervenções. Pecequilo cita que a Grande Depressão de 1929, com inúmeros problemas de ordem financeira impuseram a diminuição do investimento estadunidense em políticas voltadas ao exterior. A instabilidade democrática na Europa e a partir desse cenário o surgimento de políticas totalitárias, associados à percepção de que um novo conflito armado surgiria, auxiliaram na redução dessas práticas. A demonstração dos latino-americanos que, a cada dia, mostravam-se mais insatisfeitos com a interferência estadunidense em seus países, crescia. Algo haveria de ser feito⁶⁹

Antes, porém, de darmos mais um passo no desenvolvimento deste trabalho, faz-se preciso atentar para outros aspectos que influenciaram no deslanchar das relações políticas entre estadunidenses e latino-americanos.

⁶⁶ Idem, p. 25.

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ PECEQUILO. Cristina S. Op. Cit. p. 112.

⁶⁹ Idem, p. 112.

Toda a política estadunidense, de sua consolidação nacional, ao seu iminente lugar de destaque no cenário mundial, não podem ser vistos apenas como resultantes das ações de líderes que vislumbravam somente poder e riquezas. Esses homens e mulheres, formadores dessa nação, também estavam totalmente imersos em tradições religiosas (ou delas se utilizavam) para concretizar ou justificar muitas de suas decisões políticas.

Dessa forma, os Estados Unidos, após anos entretidos com os problemas internos de sua sociedade, passaram a intervir além de seus limites territoriais. No entanto, como justificar para seus cidadãos tais interferências, uma vez que, toda a sua política estava pautada em uma rejeição às práticas da *Realpolitik* europeia?

Durante os anos de 1890 a 1900 a opinião pública se dividiu entre apoiar uma expansão comercial ou continuar a apoiar o princípio de ‘autodeterminação’, que estava alicerçado na ideia que os ingleses “[...] que haviam chegado ao Novo Mundo eram ‘especiais’ principalmente porque haviam renunciado ao padrão europeu de conquista e pilhagem como um modo de vida [...]”. Ao mesmo tempo em que consideravam qualquer absorção de culturas vizinhas, prejudicial para seu país⁷⁰.

Para essa projeção, o ‘mito da fronteira’ forneceu o arcabouço referencial para uma eficaz expansão territorial. Esse ‘mito’, (que pôde ser percebido na política externa estadunidense ainda no século XX, principalmente em sua relação com a América Latina), parte do pressuposto de que, somente seria possível a prosperidade do país, se, as fronteiras fossem alargadas continuamente.

A ideia de expansão territorial estava diretamente ligada com a de prosperidade⁷¹. Nesse sentido, as expansões ocorridas no século XX partiram do princípio de que o alargamento das fronteiras nacionais era imprescindível para o fortalecimento do Estado. Atrelada com o ideário do ‘Destino Manifesto’, que elevaria a nação estadunidense a um *status* de detentora de valores a serem seguidos e admirados, a expansão continental também ocorreu com o objetivo de difundir para além de seus limites, valores essenciais dos Estados Unidos, como a República e Democracia⁷².

⁷⁰ SCHOULTZ, Lars. Op. Cit. p.110.

⁷¹ PECEQUILLO, Cristina S. Op. Cit. p. 75.

⁷² Idem, p. 76.

Essa ‘missão’ praticamente divina, relegada a um povo que, na atualidade, se impõem nas idas e vindas das decisões mundiais, (mesmo que essa supremacia seja, vez ou outra, objeto de questionamento), esteve diretamente ligada a alguns grupos de peregrinos protestantes que fugiram de perseguições religiosas na Inglaterra no século XVII. Na bagagem para a ‘Nova Inglaterra’, trouxeram a esperança de viver em plena liberdade religiosa.

Adeptos, muitas vezes, do pensamento iluminista, esses peregrinos associavam, religião e razão⁷³. Esse misto de racionalidade e religiosidade, como descreve Antônio Pedro Tota, forneceu embasamento para um crescimento econômico e político, alicerçado em valores de cunho moral que chegaram a serem vistos como possíveis de serem propagados. Assim, “ [...] a América estava destinada a ser uma espécie de celeiro do progresso da humanidade. Não é, portanto, mera coincidência o papel impulsionador da religião e do pensamento iluminista na formação dos Estados Unidos⁷⁴”

Alguns estudos de Luiz Estevam Fernandes e Marcus Vinícius de Moraes⁷⁵ apontam que, a antiga colônia britânica se colocava como superior sob um ponto de vista racial e a transmissão de valores, por meio de suas intervenções, adquiria a justificativa de ‘missão civilizatória’. Assim, a transmissão de valores morais, estava ligado a um pensamento bem próximo a do ‘Darwinismo Social’⁷⁶, dotando de fundamentos teóricos a expansão. Desse modo, a presença estadunidense nas regiões dominadas não poderia se dar apenas pelo exemplo, mas pela presença real, física, uma vez que esses povos ‘dominados’ viviam em um mundo de pecado e necessitavam se redimir⁷⁷.

O diplomata Carlos da Fonseca⁷⁸ escreveu um artigo focado no peso dos valores religiosos, para o deslançar da política externa estadunidense, ao

⁷³ TOTA, Antonio Pedro. **Os americanos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 21.

⁷⁴ Idem, p. 23

⁷⁵ FERNANDES, Luiz Estevam e MORAIS, Marcos Vinicius de. Os EUA no século XIX. In: Karnal, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XX**. São Paulo: Contexto, 2007

⁷⁶ Na explicação de Sean Purdy, o Darwinismo Social atribui ao sucesso político e econômico de algumas pessoas à sua superioridade perante seus próximos em uma sociedade. Assim, o acúmulo de riquezas tornava-se algo natural e criticá-la seria ir contra a própria natureza. A exploração de trabalhadores negros, indígenas, latino-americanos ou imigrantes ganhava respaldo dentro dessa lógica. A natureza selecionava os povos superiores. Karnal, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XX**. São Paulo: Contexto, 2007. p.175.

⁷⁷ FERNANDES, Luiz Estevam e MORAIS, Marcos Vinicius de. Os EUA no século XIX. In: Karnal, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XX**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 170.

⁷⁸ Fonseca, Carlos da. “**Deus está no nosso lado**”: Excepcionalismo e religião nos EUA. Revista Brasileira de História, vol. 29, no 1, jan/jun 2007.

contrário do que propõem visões realistas, onde, segundo o autor, apenas o interesse nacional é levado em conta. Para Fonseca, a política externa dos Estados Unidos, estaria vinculada à ideia de “excepcionalismo”, uma vez que, desde os primórdios, a sociedade estadunidense acreditava portar admiráveis valores morais, bem como possuir uma história, geografia, instituições e economia únicas.

Esse caráter ‘excepcional’ dos estadunidenses está contido em uma vasta produção intelectual, que ora relega à democracia, república, capitalismo essa característica tão singular, ora denota à formação cristã/protestante essa peculiaridade perante os outros povos⁷⁹. Valores excepcionais ou não, a expansão que esse país possuiu nos anos subsequentes, chegando a se tornar uma ‘superpotência⁸⁰’ mundial, foi sem dúvidas, excepcional.

1.3 HORA DE SER UM ‘BOM VIZINHO’

Ao ganhar as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 1928, Herbert Hoover, até então secretário do Comércio estadunidense, viajou pela América Latina por dois meses e obteve impressões negativas dos latino-americanos em relação à política estadunidense nessa região. Para Hoover isso deveria ser mudado, pois dessa forma os Estados Unidos ganhariam o respeito e confiança do povo latino.⁸¹

Os Estados Unidos mantinham nesse período uma política de intervenção armada na região do Caribe. Ao assumir o poder, o presidente Hoover pretendeu retirar imediata das tropas dos Estados Unidos do território do Haiti. O antiintervencionista Borah, que era presidente da Comissão do Senado sobre Relações Exteriores, dividia a mesma opinião do presidente Hoover de que “o governo dos Estados Unidos deveriam se envergonhar de aparecer perante o mundo nesse momento, com todas nossas profissões de paz contra o poder militar, mas mantendo o tacão militar sobre um povo indefeso.”⁸²

⁷⁹ FONSECA, Carlos da. Op. Cit. p. 150.

⁸⁰ Para José Flávio Sombra Saraiva, foi a partir dos anos 1940 que emergiu um novo conceito, o de ‘superpotência’ para suplantar o largamente utilizado em décadas anteriores, de ‘hegemonia coletiva’. In: SOMBRA SARAIVA, José Flávio (org.). **Relações internacionais: dois séculos de história**. Entre a preponderância europeia e a emergência americano-soviética. Vol. 1.. Brasília: Funag/ IBRI, 2001. p.235 e 236.

⁸¹ SCHOULTZ, Lars. Op. Cit. p. 325.

⁸² Idem. p. 328.

Hoover, enquanto foi presidente dos Estados Unidos da América, procurou fazer algo para melhorar a opinião latino-americana acerca de seu país. Os longos anos da existência da Doutrina Monroe nas Américas haviam desgastado demais a imagem estadunidense.

O fim da intervenção armada na América Latina não era apenas uma iniciativa estadunidense, mas também dos governos latino-americanos. Os anos de “submissão” perante os Estados Unidos tinham que chegar ao fim, pelo menos essa era a expectativa. “No final da década de 20, os governos latino-americanos, cansados dessa vizinhança, começaram a exigir nas conferências interamericanas o respeito ao direito de autodeterminação dos povos e ao princípio de não intervenção [...]”⁸³

Todos os esforços do presidente Hoover pareciam estar voltados para a tentativa de mudança dessa política, atendendo as reivindicações latino-americanas e ajudando a manter sua supremacia nas Américas, até eclodir a grande crise de 1929, em Wall Street. Diante dessa situação, as atenções do republicano para as relações com a América Latina tiveram que ficar em segundo plano. “A presidência Hoover foi menos bem sucedida. Ele entrou na Casa Branca com várias idéias para a melhoria das relações com a América Latina, mas a depressão deixou as questões relativas à política externa em segundo plano”⁸⁴

Anos mais tarde, outro personagem entra em cena. Em uma viagem de negócios que fizera à Venezuela em 1937, o jovem milionário Nelson Rockefeller, herdeiro de uma das maiores petrolíferas do mundo, a *Standart Oil Company*, teve uma impressão parecida com a do anterior presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover em uma de suas visitas pela América Latina em 1928:

Rockefeller percebeu, acima de tudo, que os funcionários de suas companhias viviam isolados, literalmente separados da população local por cercas de arame farpado. Quando voltou para Nova York, propôs a seus executivos que, por meio da fundação, fosse iniciada uma política de saneamento e mudanças de imagem de suas empresas, com o envio de professores, médicos e missionários. Tinha uma concepção bastante prática da situação e queria evitar, com uma política de bem-estar social, uma onda de antiamericanismo que certamente atingiria seus negócios.⁸⁵

⁸³ MOURA, Gerson. Op. Cit, p.17.

⁸⁴ SCHOULTZ, L. Op. Cit, p.330.

⁸⁵ TOTA, Antonio Pedro. Op. Cit, 2000. p 46.

O que esses dois homens, em dois momentos distintos da História estadunidense sentiam é que, se algo não fosse feito em relação ao tratamento dado à América Latina, mais cedo do que imaginavam, veriam ameaçado o poderio desse território.

Ao tentar o terceiro mandato para a presidência da República em 1940, o sobrinho de Theodoro Roosevelt, Franklin D. Roosevelt, atravessou um período difícil em seu governo. Uma nova onda de desemprego surgiu e que agora agravava ainda mais a situação instável da economia que vinha desde a crise de 1929. Os defensores da neutralidade perante o conflito europeu que ocorria criticavam o governo do democrata Roosevelt após vender armas para China em seu conflito com o Japão, em 1937. Roosevelt havia passado por cima da Lei de Neutralidade que havia sido assinada em 1935.⁸⁶

Ciente de suas dificuldades para eleger-se novamente, Roosevelt contou com o apoio financeiro da equipe do empresário Nelson Rockefeller. Em contrapartida, o presidente dos Estados Unidos adotou as propostas do empresário para as próximas políticas com a América Latina.

Desde tempos, o herdeiro da *Standart Oil Company* já havia alertado Franklin Roosevelt sobre a penetração alemã na região latino-americana. Após concluir uma viagem de três meses pela América do Sul, “alarmado pela crescente influência da Alemanha nazista na região, em 1938, Rockefeller instou o Presidente Roosevelt a lançar uma contra-ofensiva propagandística”⁸⁷.

Dessa forma, juntos, Roosevelt e Rockefeller foram duas peças-chave nas ‘novas’ relações com a América Latina. Ainda durante a campanha eleitoral elaboraram projetos que diziam respeito à questões de cunho econômico e político para as Américas, sem apresentá-las com um teor impositivo.

Foi formulado um plano com medidas políticas e econômicas para a América Latina. O objetivo era impedir o crescimento do comércio e da influência do Eixo no sub-continente, e para isso os Estados Unidos deveriam adequar sua política aos nascentes movimentos nacionalistas, em vez de combatê-los.⁸⁸

⁸⁶ Ibidem, p 46

⁸⁷ SCHOULTZ, L. Op. Cit, p.341

⁸⁸ TOTA, Antonio Pedro. Op. Cit, 2000. p. 47-48

A Política da Boa Vizinhança saíra enfim do papel. Já em agosto de 1940, nascia o *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations Between the Américas*, que estava diretamente ligado aos projetos de segurança nacional dos Estados Unidos, estando subordinado ao Conselho de Defesa Nacional estadunidense.⁸⁹

Esse escritório desmembrava-se em três divisões: Divisão Comercial e Financeira, Divisão de Comunicações e Divisão de Relações Culturais. Podemos entender que a todo o momento o que norteava as políticas dessa agência era a de afastar o perigo alemão, que nesse período representava insegurança para os interesses, principalmente econômicos, dos Estados Unidos na América Latina. Por mais que trouxesse a assimilação do *American way of life* através de um caráter cultural, essa agência tinha como objetivo a viabilidade para projetos político-econômicos na região. Um ano após a criação do *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations*, seu nome foi alterado para *Office of The Coordinator of Inter-American Affairs*, o OCIAA. Segundo Antônio Pedro Tota essa mudança no nome da agência representou o aumento da autoridade de Nelson Rockefeller na política com a América Latina. “De escritório de coordenação passou a escritório do coordenador”.⁹⁰

Nos seis anos em que o OCIAA existiu (1940-1946) ele apoiou atividades em mais de 20 países americanos. Circularam em torno de 140 milhões de dólares destinados à propaganda, ajuda financeira, programas de saúde para as Américas. A agência utilizava mais de 1100 empregados nos Estados Unidos e mais 200 empregados espalhados pela América Latina. Também agregava alguns comitês voluntários que contavam com o apoio financeiro de empresários estadunidenses.⁹¹ No Brasil o OCIAA foi dirigido pelo magnata do café Berent Friele⁹², com sede no Rio de Janeiro. As atividades desses escritórios eram patrocinadas por grandes empresas como a Standart Oil, dos Rockefeller, a Goldwin Mayer e a General Eletric.

O Brasil sofreu, por meio do OCIAA, uma invasão cultural. Os Estados Unidos mostravam-se como porta-vozes do progresso, da democracia e de valores morais necessários ao ser humano e foram transmitidos no país pelo rádio,

⁸⁹ MOURA, Gerson. Op. Cit, p.21.

⁹⁰ TOTA, Antonio Pedro. Op.Cit, 2000. p.50.

⁹¹ MOURA, Gerson. Op. Cit, p.23.

⁹² TOTA, Antonio Pedro. Op. Cit. 2000, p. 84.

cinema, revistas, programas econômicos e de saúde. A imagem modelar da sociedade estadunidense foi transmitida em imagens de artistas, músicos e intelectuais, não sendo utilizado da coerção militar seu instrumento de difusão. Para o Brasil, o progresso parecia estar em vias de ser implementado, faltava apenas aderirem aos Estados Unidos na luta contra o Eixo.⁹³

Ao lado de uma política propagandística podemos perceber que as relações econômicas também cresciam na América do sul, em especial no Brasil. Com o objetivo de impedir o Comércio de Compensação alemão, o OCIAA também oferecia apoios financeiros para aquecer a economia brasileira⁹⁴.

O trabalho original de Rockefeller era enfrentar esta investida Alemã com a propaganda dos Estados Unidos – a produção de todos os tipos de mídia, de revistas a transmissões de ondas curtas e filmes – mas sua contribuição mais importante foi criar o programa de ajuda econômica inicial dos Estados Unidos⁹⁵

No transcorrer deste trabalho serão examinados as campanhas de cunho propagandístico, geradas pela Divisão de Comunicações, que foi a espinha dorsal do OCIAA.⁹⁶ A revista “Em Guarda” foi um dos elementos que reforçaram esse “bombardeio estrangeiro - diga-se estadunidense” no Brasil. Em seus artigos encontramos, de forma explícita, a proteção dos Estados Unidos aos seus vizinhos da América Latina em plena Segunda Guerra Mundial, na tentativa de criar um clima de “boa vizinhança” e ajuda mútua no continente americano⁹⁷.

⁹³ Idem.

⁹⁴ “De seu lado os Estados Unidos forneceram ao Brasil equipamento militar – inclusive tanques e aviões - dentro do programa *Lend-Lease* (Empréstimo e Arrendamento). O Brasil foi, de fato o beneficiário de mais de 70% de todo o programa para a América Latina. Oficiais superiores brasileiros – o maior contingente de oficiais aliados – receberam treinamento em *Fort Leavenworth* outros locais. Os Estados Unidos continuaram sendo o grande mercado do café, principal produto de exportação do Brasil, e de outros alimentos. E, embora incapazes de fornecer ao aliado todos os bens manufaturados e de capital de que ele precisava, em parte devido às restrições à navegação, os Estados Unidos fizeram empréstimos (notadamente o do Export-Import Bank para a construção da siderúrgica de Volta Redonda , no estado do rio de janeiro) e deram assistência técnica (por intermédio da missão Cooke em 1942, por exemplo), o que acelerou consideravelmente o desenvolvimento econômico – e especialmente o industrial do país”. In: BETHELL, Leslie; ROXBUROUGH, Ian. **América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.66.

⁹⁵ SCHOULTZ, L. Op. Cit, p.341.

⁹⁶ TOTA, Antonio Pedro. Op. Cit. 2000.

⁹⁷ TOTA, Antonio Pedro. Op. Cit. 2000, p.51.

CAPÍTULO 2

A AMÉRICA LATINA ‘IMAGINADA’

“O imaginário é, ao mesmo tempo, impalpável e real.”⁹⁸

Um ‘Novo Mundo’ surgiu após 1492. Um ‘mundo’ que não apenas permitiu o contato de europeus com homens e mulheres diferentes da cultura ocidental cristã, mas também que fomentou novas especulações acerca do paradigma então vigente. Os três continentes até então conhecidos (África, Ásia e Europa) passaram a dividir espaço no mapa *mundi* com a América. A unidade trina, entendida como inquestionável, passou a ter um ser humano mais crítico e agente de seu próprio destino⁹⁹.

A América, continente que vislumbrou os olhos de europeus no século XV, sempre apresentou características muito díspares de norte a sul. No entanto, essa América que pretendemos analisar neste capítulo não se refere, prioritariamente, à América do Norte, mas sim, àquela que conhecemos como latina, herdeira, principalmente, da cultura hispânica.

Antes mesmo de ser colonizada pelos ibéricos, o território que hoje conhecemos como América Latina, (ou pelo menos o que se esperava que existisse além Atlântico)¹⁰⁰, fomentava o imaginário europeu. Após os ‘descobrimientos’, a partir de 1492, a visão que se fazia dos habitantes destas terras ainda apresentava resquícios do pensamento medieval. O Novo Mundo parecia habitado por criaturas

⁹⁸ MAFFESOLI, Michel. **O Imaginário é uma realidade**. In: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Vol. 1, nº 15, 2001, p. 76-77.

⁹⁹ Sobre a invenção do continente americano ver: O’GORMAN, Edmundo. *A Invenção da América*. SP: UNESP, 1992 e PEREIRA, DIANA ARAUJO. A palavra poética: magia e revolução na cartografia latino-americana. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

¹⁰⁰ Houve por longos anos, principalmente no medievo, longas discussões acerca da probabilidade de existência de outras porções de terras ou mesmo de outros seres, situados além das fronteiras europeias, asiáticas e africanas. Essas teorias deparavam-se com as explicações bíblicas/cristãs onde, toda a espécie humana havia sido criada conforme o casal do Gênesis, Adão e Eva. À medida que a esfericidade do planeta ia sendo admitida, as antigas proposições de que pudessem existir outras porções continentais além dos Oceanos voltou a ser admitida, passando a ser possível a existência de vidas além mar. In: O’GORMAN, Edmundo. *A Invenção da América*. SP: UNESP, 1992.

estranhas, oriundas de uma ‘espécie diferentes de homens’¹⁰¹, sem lei nem fé, sem fronteiras de reinos e sem justiça¹⁰².

Essa chegada do homem ‘branco’ ao território americano motivou significativas mudanças. Os europeus passaram a se conhecer e/ou se conceber mais profundamente em decorrência desse encontro¹⁰³. Concomitantemente, os habitantes do ‘novo mundo’ foram vistos como ‘outros’, diferentes culturalmente em tudo que havia, permitindo aos seus colonizadores delimitarem suas fronteiras sociais, econômicas e culturais.

Com o mapeamento de regiões outrora desconhecidas do planeta, por volta do século XVIII, esses seres mitológicos não tinham mais onde se ‘esconder’. A coexistência entre o real e o fantástico lentamente deixavam de fazer sentido para muitos estudiosos¹⁰⁴. No entanto, as construções imagéticas que foram associadas à América situada abaixo do Rio Grande, ainda apresentam fragmentos desse imaginário nas visões que se fazem dos povos que a habitam.

Considerando as inúmeras mudanças ocorridas nesse pensar, no decorrer do tempo, muitos latinos americanos ainda se veem à luz dessas construções. Já que, com o passar dos anos, foi disseminado a imagem de um território selvagem, com habitantes ignorantes e ingênuos, tendo a sensualidade como característica intrínseca a sua população.

Uma dos exemplos da disseminação dessa imagem pôde ser percebida nas Exposições Universais no século XIX. Sandra Pesavento afirma que essas exposições do século era uma forma de propagar ao mundo o modo de vida burguês, uma vez que eram expostos “crenças e virtudes do progresso, da produtividade, da disciplina do trabalho, do tempo útil, das possibilidades redentoras da técnica, etc.”¹⁰⁵

A hipótese da autora pauta-se sobre o fato de que essas exposições não seriam apenas uma forma de “internacionalizar o capitalismo enquanto sistema”¹⁰⁶, mas de servirem como via para disseminarem o ‘imaginário burguês’.

¹⁰¹ O’Gorman, Edmundo. Op. Cit. p. 78.

¹⁰² BUENO, Eduardo. Américo Vespúcio **Novo mundo**: as cartas que balizaram a América. Trad. das Cartas João A. Oliva, Janaina R. Figueiredo e Luiz C. Figueiredo. Planeta do Brasil, 2003, p. 185.

¹⁰³ PEREIRA, DIANA ARAUJO. Op. Cit. p. 25

¹⁰⁴ PRIORE, Mary del. Esquecidos por Deus. Monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.85.

¹⁰⁵ PESAVENTO, Sandra. Nós e os outros. In: BESSONE, Tânia M. T. E QUEIROZ & Tereza Aline P.(orgs). América Latina: Imagens, Imaginação e Imaginário. São Paulo: EDUSP, 1997. p.557

¹⁰⁶ Idem, p.558.

Nelas era celebrada a ascensão da tecnologia, que mesmo não estando acessível a todas as regiões do mundo, um dia, poderiam trazer felicidade a esses confins da Terra.

O importante a salientar era de que a imagem produzida do Brasil pelos próprios brasileiros nessas exposições era a de um país selvagem e atrasado. Os espaços destinados aos produtos que o país tinha a oferecer ao mundo, vez ou outra, eram alvos de chacotas, já que, enquanto europeus e estadunidenses apresentavam produtos modernos e tecnológicos que implicitamente simbolizavam a ‘modernidade’ de suas sociedades, a antiga colônia portuguesa apresentava-se como um país escravocrata liderado por um monarca.

Adentrando a contemporaneidade, buscando estudos mais recentes que possuam como foco de análise os latino-americanos, podemos constatar que muitos pesquisadores latinoamericanos ainda partem de visões bastante generalizantes para designar o espaço ao qual estão inseridos, a região que lhes é própria. O pesquisador peruano Eugenio Chang-Rodríguez em sua obra: *‘Latinoamérica: civilización y su cultura’*¹⁰⁷, afirma que esta população possui muito “*más rasgos em común que características diferentes*”¹⁰⁸. Indo mais adiante, ao delimitar características bastante abrangentes sobre esse continente mesmo admitindo a complexidade dessa cultura, o autor mostra que alguns traços são comuns entre essa população, mesmo havendo uma nítida distinção social, econômica, política e cultural. Vejamos: “*Sentido de dignidad, personalismo, machismo [...]. compadrazgo [...], sentido de hospitalidade, elocuencia y otras características [...]*”¹⁰⁹

De maneira geral, nas poucas linhas escritas na obra acima citada de Chang-Rodríguez, que procura analisar os aspectos cotidianos, as relações sociais dos latino-americanos, o estudioso deixa transparecer uma visão um tanto generalizante, bastante próxima das ideias redundantes que se fazem sobre essas sociedades no exterior. Dessa forma, em sua análise, a população indoamericana pareceria valorizar os líderes fortes, atrevidos e com autoconfiança, que poderiam ser denominados de ‘machões’ e utilizarem-se dos laços de compadrio para

¹⁰⁷ CHANG-RODRIGUEZ, E. *Latinoamérica: civilización y su cultura*. 4ª ed. Boston: Thomson & Heinle, 2008.

¹⁰⁸ Idem, p. 23.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 23.

ascenderem socialmente. Como seriam populações com menores índices de alfabetização, dariam legitimidade a governantes que dominariam a oratória.

O peruano mostra que, com os maiores contatos com outros povos possibilitados por uma crescente urbanização, imigração, aumento da industrialização e utilização de novos produtos, a cultura ou costumes intrínsecos do povo, “*el caracter de la gente*”, estaria sendo modificado. A alta densidade demográfica estaria relacionada, em seu estudo, com a mudança das características ‘naturais’, do caráter desta população.

Vemos que o autor parece mostrar que o contato com outros povos do mundo, o latino-americano parece adquirir melhores preceitos de vida, diferentes dos herdados pelos seus antepassados (digam-se indígenas e africanos). O exemplo de ‘civildade’ seria o estrangeiro, principalmente europeus ou estadunidenses.

O caráter exótico, ainda hoje percebido no imaginário de muitas pessoas residentes fora do Brasil, assemelha, de forma muito íntima às construções que cronistas europeus faziam da região, nos séculos XIV e XV.¹¹⁰ À mídia cabe um papel de grande responsabilidade na popularização desse pensamento, uma vez que é por meio de seus produtos que um latino americano deturpado e estereotipado é constantemente veiculado pelas tecnologias audiovisuais.

Herdeiras dessas visões, as relações entre Estados Unidos e América Latina, refletem esse histórico de preconceitos e incompreensões, o que acabam denotando em um sentimento que se mesclam “atitudes de superioridade e menoscabo”¹¹¹ Lars Schoultz na obra “Estados Unidos: poder e submissão”¹¹², como observou Samuel Pinheiro Guimarães, aponta que o desconhecimento da cultura latino americana fez com que alguns governantes dos Estados Unidos fomentassem ideias preconcebidas acerca de seus vizinhos e essas visões levaram a práticas de políticas rudes empreendidas a esses países.

Um dos importantes meios de disseminação da Política da Boa Vizinhaça foi a mídia. Logo, atribui-se a ela o papel de construtora de uma imagem pejorativa dos latino-americanos. Entretanto dotar os meios de comunicação de

¹¹⁰ WINN, Peter. **Americas: The Changing Face of Latin America and the Caribbean**. Berkeley: University of California, 1999, p. 4.

¹¹¹ GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (org). **Estados Unidos – Visões Brasileiras**. Instituto de Pesquisa de Relações internacionais, Fundação Alexandre Gusmão, Brasília, 2000, p. 153.

¹¹² SCHOULTZ, L. **Estados Unidos: poder e submissão**. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: Edusc, 2000.

tamanha responsabilidade seria, ao menos, equivocado. As indagações de *Edgar Morin*, principalmente em sua obra “O cinema ou o homem imaginário”¹¹³ apontam que a mídia teria a função de colher no determinado meio de sua ação os elementos necessários para a construção de seu material. Em outras palavras, a mídia não seria a criadora de imaginários, mas se apropriaria dos já existentes e os reproduziria.

Atento a essa relação entre imaginário e mídia, o pensador francês *Michel Maffesoli* afirma que “O imaginário é alimentado por tecnologias”, sendo essas identificadas aos diversos mecanismos para a reprodução midiática¹¹⁴. Para o autor essa relação implicaria em não apenas uma utilização dos imaginários já em voga pela mídia, mas acarretaria em uma relação que alimentaria esses mesmo imaginários, já que: “[...] as tecnologias do imaginário bebem em fontes imaginárias para alimentar imaginários”¹¹⁵.

Como a Revista *Em Guarda* é um produto de divulgação específico em tempo de mobilização ideológica para a guerra, para atender a demanda de um público por um determinado conjunto de notícias, sem necessariamente estar vinculado a uma lógica estritamente comercial, cabe-nos perceber essas imaginações sendo propagadas por meio de suas páginas. Antes, porém, mostraremos essa imagem expressa em um instrumento bastante eficaz para a propagação de ideologias no século XX, o cinema.

2.1 OS ESTEREÓTIPOS SUL AMERICANOS EM PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS

Para embasar nossas indagações acerca das imagens de menoscabo sobre a região da América Latina na mídia estadunidense, nos ateremos a três produções cinematográficas, de diferentes décadas do século XX, e mostraremos algumas das imagens que não se modificaram no decorrer dos anos em relação a esse continente. Apresentaremos o desenho animado “*Saludos Amigos*” de 1942, da Disney; um episódio do seriado estadunidense *Os Simpsons* de 2002 da produtora *20th Century Fox* e a recente animação “Rio” de 2011, também da Fox em parceria com a *Blue Sky Studios*.

¹¹³ MORIN, Edgar. *O Cinema ou o Homem Imaginário*, Lisboa, Relógio d'Água, 1997.

¹¹⁴ MAFFESOLI, Michel. **O Imaginário é uma realidade**. In: *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Vol. 1, nº 15, 2001, p. 80.

¹¹⁵ Idem, p.81.

Na intenção em aproximar as Américas durante a Segunda Guerra Mundial, os estúdios Disney colaboram com o governo estadunidense e produzem algumas animações que tem por fim contribuir no esforço de guerra. Estreia, portanto, em 1942 o desenho animado “Alô Amigos”, no original “*Saludos Amigos*”, com duração de 42 minutos.

O desenho/documentário pode ser dividido em quatro partes, sendo que, em cada uma delas, uma região da América do Sul é enfocada. O Rio de Janeiro, no Brasil, os pampas argentinos, o Lago Titicaca no Peru e Bolívia e o monte *Aconcagua* no Chile, servem de cenário para as aventuras dos personagens da Disney e de inspiração para seus roteiristas. Entretanto, mesmo nesse momento, onde a necessidade de alianças para Guerra significava tudo para os Estados Unidos, percebemos a veiculação de inúmeros estereótipos, ainda hoje presentes, acerca da América do Sul e da sua população.

Em um estudo elaborado pela historiadora Mary Anne Junqueira, que pauta-se na identificação de alguns imaginários latino-americanos na revista *Seleções da Reader's Digest* (versão brasileira do período estadunidense *Reader's Digest*) foi discutido pela autora a questão de que, desde o desbravamento do Oeste estadunidense houve um embate entre o progresso material e a natureza incólume, acarretando na conquista do território ‘hostil’ para a definitiva implantação da civilização. Assim, o *wilderness* (que na tradução de Junqueira adquire um caráter de espaço ‘selvagem’, com ‘vazios populacionais’) serviu de motivação para a luta dos cidadãos estadunidenses em vários momentos da História, entre eles nas lutas nazi-fascistas, comunistas e em guerras como a do Vietnã¹¹⁶.

Esse mito, da conquista de espaços selvagens, fez e ainda faz sucesso na literatura e cinema estadunidenses, que mostram *cowboys* desbravando o *West* do país. No século XX esse *Wilderness* será comumente associado ao território sul americano, que constantemente é mostrado pela imprensa como um lugar de vazios populacionais, homens e mulheres com culturas primitivas e uma natureza ainda não desbravada. É a partir desse pensamento de Junqueira, em pensar a associação entre *Wilderness* e América do Sul no imaginário dos Estados Unidos, que procuraremos analisar a difusão desse pensamento através da mídia, partindo do desenho animado “Alô Amigos”.

¹¹⁶ JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande**. Imaginando a América Latina em *Seleções: oeste, wilderness e fronteira* (1942-1970). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000, p. 70-71.

Logo no início do desenho/documentário Ed Plumb e Paul Smith (conforme consta nos créditos da animação) compõem uma pequena música que simboliza a 'amizade' entre os vizinhos americanos:

“Saudamos a todos, da América do Sul
A terra onde o céu sempre é bem azul
Saudamos a todos, amigos de coração
Que lá deixamos, de quem lembramos
Ao cantar essa canção”

Quem possivelmente, em meados da década de 1940, lembrava do histórico intervencionista estadunidense na América Latina e das enormes disparidades socioculturais entre os Estados Unidos e os vizinhos americanos, possivelmente questionaria o verdadeiro sentimento dessa canção. “Amigos de coração” retrata a política de aproximação entre as Américas, pretendida por Franklin D. Roosevelt, que tentava transformar as Américas em seu protetorado para impedir sua adesão às forças nazifascistas.

A América do Sul, nessa canção, é também descrita como uma terra onde “o céu sempre é bem azul”. Um lugar onde possui sempre um céu azul nos dá a impressão de um lugar paradisíaco, sem problemas, de clima agradável e de belas paisagens. O solo sul americano possui, inegavelmente, lugares belíssimos e encantadores, porém, possui grandes problemas que passam a ser irrelevantes face a esse ‘céu azul’.

Os objetivos que motivaram vários músicos, roteiristas, desenhistas da Disney a saírem em expedição pela América do Sul são colocados logo no início do desenho/documentário. As motivações teriam sido encontrar novos companheiros para Mickey e Donald e conhecer novas músicas e danças. O primeiro objetivo foi alcançado já que, é a partir desse desenho, que o personagem José Carioca ou Zé Carioca (representando o ‘malandro’ do Rio de Janeiro) se junta aos companheiros da *Disney World*.

Imagem 1 – Zé Carioca em sua primeira aparição no mundo Disney.



Fonte: Desenho Alô Amigos.

O segundo objetivo, que se pauta na pretensão de conhecer a dança e música sul-americana mais profundamente, ilustra-nos as maneiras como tais manifestações culturais terão como referência de análise a cultura estadunidense, uma vez que as vivências latino-americanas são apresentadas como ‘estranhas’, ‘pitorescas’, ‘esquisitas’. Entretanto, na parte do desenho que se refere às canções entoadas nos pampas gaúchos o narrador faz uma aproximação com as danças e músicas encontradas na região do *Far west*.

Essa associação, segunda a hipótese de Junqueira, advém do mito da superioridade do povo argentino, que perdurou por longos anos, resultante da predominância do homem branco do país, que destoava do restante da América Latina, formada por povos indígenas e negros. Dessa forma, a Argentina ganhava um lugar de destaque na produção “Alô Amigos”, já que foi esse país comparado ao Oeste estadunidense. Segundo Junqueira, essa ‘similaridade’ cultural entre Argentina e Estados Unidos, confirma um pensamento muito disseminado entre os estadunidenses de que a civilidade pertence aos povos de pele branca¹¹⁷.

A música boliviana e peruana é caracterizada como herança direta dos Incas e segundo a narração do desenho é uma música ‘nostálgica’ e ‘exótica’. Assim, toda essa nostalgia é ressaltada na tentativa produzir uma aproximação com as antigas tradições do Oeste estadunidense, envoltas de sentimentos. Procura-se

¹¹⁷ JUNQUEIRA, Mary Anne. Op. Cit. p. 140.

criar uma origem comum que assemelha e une os americanos, mesmo que essa tradição seja, na realidade, muito diferente.

No caso do gaúcho argentino essa tentativa de aproximação com o *Cowboy* dos Estados Unidos é tão explícita que em uma parte do desenho eles trocam a roupa do personagem Pateta (vaqueiro do *Faroeste*) pelos trajes típicos do gaúcho, pois segundo o narrador do desenho, os dois possuem muita semelhança, apesar de seu vestuário variar “ligeiramente” entre um e outro.

Imagem 2 – Roupas típicas do gaúcho.



Fonte: Desenho Alô Amigos.

O samba brasileiro é a dança que parece chamar mais a atenção dos funcionários da *Disney*. Tal é o encanto que eles próprios tentam aprender alguns passos marcados e instrumentos próprios do ritmo. Mesmo sem executar a coreografia e os instrumentos corretamente, a equipe parece muito compenetrada em aprender com os brasileiros este importante estilo musical. Porém, em momento algum a origem da dança e a parcela de contribuição da população negra são citadas. Tal povo, fator decisivo na constituição do brasileiro, parece não existir.

Imagem 3 – O samba brasileiro



Fonte: Desenho Alô Amigos

Outro ponto a ser destacado nessa análise é o carinho que a população sul-americana parece sentir pelos seus vizinhos continentais. Por meio do personagem Zé Carioca, que representa o povo brasileiro, Pato Donald é recebido prazerosamente pelo papagaio. Com um abraço “quebra costelas, típico carioca”, segundo Zé Carioca, o Pato Donald é recebido calorosamente no Brasil. Essa possível “hospitalidade” e “alegria” dos brasileiros é até os dias de hoje disseminado pelos meios de comunicação como marca de seu povo.

A malandragem do carioca perante os problemas cotidianos também se faz presente no *cartoon*. Em um passeio de Donald e Zé Carioca pelo Rio de Janeiro, os dois sentam em uma mesa de bar e tomam a tradicional cachaça brasileira. O papagaio parece muito familiarizado com a bebida e não sofre alteração nenhuma em sua fisionomia. Donald, entretanto, não agüenta uma dose de cachaça e passa mal. Fica claro na animação que o objetivo é mostrar que o sul americano induz o estadunidense ao consumo de bebida alcoólica, ou prazeres terrenos. O turista, por sua vez, parece bastante ingênuo e não familiarizado com tais tentações e se deixa levar pelo convite de seu ‘novo’ amigo.

Imagem 4 – Zé Carioca leva Donald para um passeio no Rio de Janeiro.



Fonte: Desenho Alô Amigos

A paisagem natural da América do Sul é muito ressaltada, dando a impressão de um grande vazio populacional, como aborda Mary Anne Junqueira. O mundo natural ainda não foi desbravado e se apresenta como algo a ser conquistado e ‘domado’ pelo homem ‘civilizado’. Na parte do desenho que se destina ao Chile, *Walt Disney* optou por homenagear os pioneiros dos correios que enfrentavam jornadas perigosas e longas para a entrega de correspondências. Para tal ato, o personagem principal, um aviãozinho de nome Pedro, enfrenta todo o tipo de perigo para cumprir sua missão: entregar a tempo as correspondências de Mendoza a Santiago. A paisagem que cerca tal história está concentrada na Cordilheira dos Andes e em nenhum momento cidades ou populações humanas são mostradas.

Na cena em que o aviãozinho Pedro atravessa o monte Aconcágua, ele é atingido por uma grande tempestade, que por sorte e por suas habilidades não é destruído. Vemos que, em terras sul americanas a natureza mostra-se hostil ao personagem principal. Essa hostilidade adquire um sentido de América ‘selvagem’, ainda não desbravada. Para Junqueira, a Cordilheira sul americana foi vista, na maioria das vezes, como “ entrave geográfico para o progresso, barreira que impedia a comunicação entre os povoados espalhados pela região”¹¹⁸

¹¹⁸ JUNQUEIRA, Mary Anne. Op. Cit. p. 137.

Nas partes do desenho/documentário que aborda os pampas argentinos e o Lago Titicaca, essa natureza hostil também pode ser observada. Nas cenas abaixo vemos um cavalo dominando o vaqueiro Pateta, ao invés deste o dominar e uma Lhama, animal típico da região andina, dominando o personagem Donald. Em ambos os casos, percebemos uma América do Sul com personalidade, que não modifica seu cotidiano, nem sua 'natureza' quando em seu contato com os seus vizinhos estadunidenses.

Imagem 5 – O cavalo domina o personagem Disney



Fonte: Desenho Alô Amigos

Imagem 6 – A Lhama domina Pato Donald



Fonte: Desenho Alô Amigos

Pudemos perceber que o governo de *Franklin Roosevelt* procurou estratégias para conter o nazi-fascismo nas Américas e manter os latino-americanos sobre seu protetorado. Uma das medidas foi buscar parcerias com estúdios (no caso analisado a Disney) para, através de produções midiáticas e de entretenimento, disseminar o modelo estadunidense de sociedade, assim como descaracterizar os inimigos de guerra (Alemães, Japoneses e Italianos) e ressaltar os demais países da América Latina.

Porém, ao estudarmos a produção “Alô amigos”, percebemos que, muitas vezes, ao tentar abordar os latino-americanos nas produções midiáticas, muitos estereótipos acerca da cultura dos vizinhos dos Estados Unidos eram reproduzidos. O peso do imaginário estadunidense de dominação do *Wilderness* (espaço vazio, selvagem) para a concretização da civilização foi difundido nas Américas, na medida em que a única alternativa para o desenvolvimento econômico, político e cultural da América do Sul parecia depender da dominação de seu povo sobre os espaços despovoados¹¹⁹.

Algumas características atribuídas à cultura da América do Sul, como a de possuir músicas e danças semelhantes às do Oeste estadunidense, nos oferece indícios de que se tentou criar uma aproximação cultural entre americanos,

¹¹⁹ JUNQUEIRA, Mary Anne. Op. Cit. 2000.

mesmo estando nitidamente clara a disparidade cultural entre eles. O país em que essa tentativa de semelhança cultural é mais enfocada é a Argentina, onde o vaqueiro Pateta é transportado para os pampas gaúchos, a fim de mostrar a grande semelhança entre sua vida do Texas com a vida dos campos argentinos.

A difusão do carioca como 'malandro' e adorador do samba, ganha em 'Alô Amigos', grande destaque. Em todo o episódio dedicado ao Brasil, o samba e a malandragem de Zé Carioca estiveram presentes. Uma imagem do povo brasileiro como acolhedor e receptivo aos estrangeiros, assim como envolto por belíssimas paisagens naturais estão até os dias de hoje presentes na imagem que o Brasil adquire no exterior. Concomitantemente, serve como quesito de identificação de uma grande parcela da população, que acredita realmente possuir essas características.

Uma América do Sul 'selvagem', ainda hostil, de padrões culturais muito diferentes dos Estados Unidos, está contido de forma enfática em 'Alô Amigos'. A todo o momento os personagens da *Disney* são dominados pelos personagens ou território sul-americanos. Intencional ou não, nos dá a impressão de ingenuidade por parte dos visitantes e da não alteração dos costumes locais quando em face da interação com os vizinhos estadunidenses.

Como abordamos, essas imagens ainda estão presentes em nossos produtos midiáticos e que nada mais revelam do que a permanência de muitas dessas visões anteriormente citadas. Anos após a estreia de "Alô Amigos", um seriado de grande sucesso no mundo, *The Simpsons*, famoso por satirizar a tradicional família dos Estados Unidos exibiu um episódio bastante polêmico, chamado "Blame it on Lisa", (traduzido como: A culpa é da Lisa) onde a família *Simpson* viaja para o Rio de Janeiro. Tal animação não chegou a ser transmitida na Tv Aberta brasileira, pois foi vetada pelo governo, porém, foi assistida em canais de Tv paga. O então presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, juntamente com a Rede Globo e a Riotur alegavam que tal episódio transmitia imagens falsas sobre o Brasil¹²⁰.

Tratando de uma animação que prioriza o humor, podemos considerar que as imagens que causaram tanta polêmica, são deveras exageradas,

¹²⁰ ALMEIDA, Alessandro de. **Problemas e imagens do Brasil contemporâneo**: uma análise do episódio "O feitiço de Lisa", da série Os Simpsons, de Matt Groening. Espaço Plural, Ano VIII ,Nº 16, 2007.

uma vez que, em os ‘*Simpsons*’ ou em outros programas de humor da contemporaneidade a exacerbação de aspectos do cotidiano são características próprias na provocação do riso. No entanto, mesmo maximizadas, essas imagens partem de prévias concepções, que em nada distinguem das construções estereotipadas da Latino-américa. Dessa maneira, citaremos em linhas gerais, o Brasil imaginado (que se estende à América Latina) presente no desenho da produtora FOX.

Em resumo, o episódio ‘*Blame it on Lisa*’ aborda uma viagem dos *Simpsons* ao Rio de Janeiro, realizada com o intuito de encontrar um garoto órfão ao qual Lisa (a filha mais velha de Homer, o patriarca Simpson) ofereceu donativos. Em um misto de curiosidade e desconhecimento, Bart (irmão de Lisa) treina no avião a língua supostamente falada no país, o Espanhol e fica furioso ao saber que no Brasil fala-se o português. Ao mesmo tempo, seu pai empolga-se quando descobre que em fevereiro faz calor e em meados do ano as temperaturas despencam.

Ao desembarcar em solo carioca, o episódio começa a adquirir cenas e falas que expressam uma maior crítica do autor, *Matt Groening*, ao país. No que diz respeito à violência, destacamos a cena em que *Homer* é sequestrado por um taxista (sem licença) em plena luz do dia e à sexualidade exacerbada dos programas de Tv, em especial os infantis, como os “Telemelões”, com uma apresentadora seminua, dançando com abacaxis e flamingos gigantes.

Imagem 7 – Programas infantis do Brasil.



Fonte: Desenho “*The Simpsons*”.

A noção de que as cidades brasileiras estariam envoltas por florestas e animais selvagens, fica bastante evidente quando os sequestradores de Homer o levam para o Amazonas em um pequeno barco em um curto espaço de tempo, dando a impressão de que a maior floresta tropical do mundo se localiza ao lado do Rio de Janeiro. Também merece destaque a jibóia que engole *Bart* em plena areia da Cidade Maravilhosa, supondo a coexistência de uma natureza hostil, ainda não completamente dominada pela ‘civilização’ com a vida urbana moderna.

A população esperta e dotada de malandragem também é explicitada no desenho, que mostra quatis e cobras sendo vendidos no mercado de rua como pulseiras e outras bugigangas para os turistas. Um detalhe: os animais estavam vivos e atacavam quando sentiam a presença humana.

Imagem 8 – Animais vendidos em mercados de ruas.



Fonte: Desenho “*The Simpsons*”.

O outro desenho que nos propusemos a destacar é bastante recente e tem como cenário o Rio de Janeiro. Grande sucesso de bilheteria em 2011, o Brasil pôde se assistir à luz da produtora *20th Century Fox*, com direção do brasileiro Carlos Saldanha. A animação de aproximadamente 96 minutos, denominada “Rio”, pode agregar em nossa análise elementos para a presente discussão sobre os estereótipos da América Latina, veiculados e/ou reforçados pela mídia..

Focando uma questão bastante presente na atualidade, que se refere ao contrabando de animais silvestres das florestas brasileiras, a animação relata a história de uma Arara Azul Macho, chamado ‘Blu’. Tal ave, quando filhote, havia sido retirada de seu *habitat* e enviada a uma pequena cidade no estado de *Minnesota/US*, retornando ao Rio de Janeiro, anos depois, para acasalar com uma fêmea no intuito de perpetuar sua espécie, ameaçada de extinção.

Na primeira cena do filme, em uma área de mata atlântica, perto do famoso morro ‘Pão de Açúcar’, aves brasileiras das mais variadas espécies, recebem a manhã de céu azul com uma canção, lembrando os sambas-enredos do carnaval. Composta por Carlinhos Brown, Sérgio Mendes e *Siedah Garrett*, a canção “*Real in Rio*”, recebeu a indicação para o Oscar de ‘melhor canção original’ no ano de 2012¹²¹.

¹²¹ In: <http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/arte/musica/noticias/carlinhos-brown-comemora-indicacao-ao-oscar> Acesso em 25/02/2012.

“ Todas as aves do mundo
 Que vida fenomenal
 Temos a ginga, a risada vai fundo
 Vivemos para o Carnaval
 Canto e melodia
 Da tarde ao amanhecer
 Mostre seu ritmo, paixão e amor
 Vamos ver o que sabe fazer
 Todos estão animados
 Levante-se e venha curtir
 Dança, amizade, romance e aventura
 Sinta a magia no Rio, no Rio
 É só prazer
 Beleza, feitiço
 Esquece, deixa acontecer
 No Rio, no Rio
 É esse o lugar
 Magia e encanto
 Sozinho não pode ficar”

A imagem ressaltada e que introduz essa produção da Fox é a de um Brasil marcado pela beleza e riqueza natural, pois é evidenciado o cartão postal do Rio de Janeiro, que associa famosas praias com alguns resquícios de mata nativa. Resultante desta riqueza, o país seria detentor de uma variada gama de espécies animais e vegetais e que embaladas ao som de um ritmo musical, o samba, representaria a suposta alegria e sensualidade do povo brasileiro.

Imagem 9 – Abertura da animação ‘Rio’.



Fonte: Desenho “Rio”

Ao chegar a sua cidade natal, anos após ter sido roubado, ‘Blu’ e sua dona ‘Linda’ ficam impressionados com a Cidade Maravilhosa. Veem pessoas se divertindo em um ambiente praticamente paradisíaco. O que mais chama atenção

dos personagens, porém, é a preparação 'para a maior festa do mundo, o carnaval', como afirma o personagem Túlio, um cientista brasileiro, festa que faz com que o trânsito pare e agregue em meio a seus foliões pessoas de diferentes condições econômicas. O espanto fica bastante claro na face dos turistas, constrangendo a jovem 'Linda', que vê mulheres de biquíni desfilando pelas ruas. A sexualidade dos trópicos parece intimidar a moça estrangeira.

Imagem 10 – A turista se assusta com os foliões



Fonte: Desenho "Rio"

No decorrer da trama, 'Blu' é mais uma vez roubado por traficantes de aves e é levado para um cativado no meio de uma favela carioca. A limitação da Arara, que não sabe voar, é bastante salientada na animação, reforçando sua característica ingênua frente a um ambiente hostil, representado pelo Brasil.

Outros personagens incluídos na história também servirão para reforçar algumas concepções sobre os brasileiros. A Arara fêmea Jade, uma corajosa ave, inspira o jovem 'Blu' a voar e a vencer o ambiente inóspito ao qual eles se encontram ao mesmo tempo em que outros amigos brasileiros lhes dão dicas de como conquistar uma parceira: "Toma a iniciativa porque mulher brasileira gosta de homem que se garante". Lembrando o típico malandro carioca, um deles, o canário, usa uma tampinha de garrafa na cabeça simbolizando um chapéu ou a usa como instrumento musical.

Imagem 11 – Blu e seus amigos cariocas.



Fonte: Desenho "Rio"

Por fim, um bando de macacos espertos ganha a simpatia dos telespectadores pela forma como ganham a vida na cidade do Rio de Janeiro. Enquanto fazem a alegria dos turistas nas ruas cariocas com a apresentação de suas 'macacadas', enganam seus espectadores furtando-lhes relógios e outros acessórios de valor.

Dessa maneira, mesmo em produções mais recentes, já no século XXI, as imagens de longa data que definiam o sul americano continuam a se repetir. Visando o entretenimento, mais humorados ou mais dramáticos, os produtos cinematográficos trazem a mesma imagem de um continente marcado por baixa densidade demográfica e natureza hostil; população necessitada de modos mais 'civilizados', uma vez que sua população parece ser mais propensa aos delírios sexuais e corrupções de todos os aspectos e de cultura idêntica, já que não existiriam notáveis diferenças entre a rumba e o samba.

Assim, visando não somente ao entretenimento, vemos que muitas vezes as produções cinematográficas trazem consigo intenções e pontos de vista, pois além de atenderem a interesses privados e/ou estatais, partem de visões generalizantes acerca de outros lugares e outras culturas. Não podemos desvincular um filme do contexto que o permeia e dos motivos que impulsionaram sua criação, por esse motivo Marc Ferro o trata como "imagem objeto"¹²².

¹²² FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.) **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.

2.2 OS ESTEREÓTIPOS LATINO-AMERICANOS NA REVISTA 'EM GUARDA'

Produzida para atender ao programa de Boa Vizinhança nas Américas, a revista “Em Guarda” serviu-nos como um ponto inicial para entender como se deu essa política, diplomaticamente mais ‘amigável’, durante a Segunda Guerra Mundial, entre as repúblicas americanas.

Na tentativa de modificar as relações com as autoridades políticas dos vizinhos continentais, o governo Roosevelt investiu em mudanças de atitudes na região. Dessa forma, anos de menosprezo e desconhecimento para com o restante do continente, foram, paulatinamente, dando espaço para novas posturas diplomáticas.

Perante o que apontamos ao longo deste capítulo, sobre uma visão estereotipada da América Latina, resquícios dos séculos anteriores, onde esse continente era tido como espaço do selvagem e não-civilizado, percebemos que ainda nos dias atuais, estes pré-julgamentos estão presentes no imaginário de estrangeiros (ou mesmo de próprios residentes destas regiões) que recebem estas informações por meio, principalmente, da mídia.

No caso da revista analisada nesta pesquisa, foi possível constatar que o conteúdo do periódico visava modificar e/ou ocultar essa visão estereotipada da América Latina. Após a vinda de vários intelectuais, empresários, artistas e políticos para a região, as páginas da revista refletem uma provável modificação nas concepções que cercavam as relações América Latina e América do Norte. Porém, nas entrelinhas, ainda percebemos que essa postura preconceituosa para com os latino-americanos persistia.

Para Samuel Guimarães, a política da Boa Vizinhança, analisada por uma pesquisa de opinião, foi realmente, destoante das anteriores políticas experimentadas entre as Américas no que tange ao reconhecimento formal da soberania de Estados latino-americanos, porém, no que diz respeito à superação de preconceitos, pouco, ou quase nada mudou¹²³. Assim, procuraremos salientar com a análise da Revista ‘Em Guarda’ os aspectos de dessa política adotada no sentido de minimizar as diferenças entre os países do continente americano e da ideia de

¹²³ GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (org). Estados Unidos – Visões Brasileiras. Instituto de Pesquisa de Relações internacionais, Fundação Alexandre Gusmão, Brasília, 2000, p. 153.

inferioridade do latino-americano. Porém, na prática, essas relações díspares foram pouco superadas.

2.2.1 Por uma Aproximação Continental

Algumas das características atribuídas à Política da Boa Vizinhança baseiam-se na tentativa de estabelecimento de elos entre americanos, para aproximar tais países. Assim, era disseminada uma provável equiparação cultural e econômica no continente ao mesmo tempo em que ficavam claras as enormes disparidades da América do Norte e América Latina, que historicamente, possuíam mais fatores de desagregação do que de associação.

Em uma das contracapas do segundo ano de edição da revista uma imagem pode servir como síntese desse ideal almejado pelos Estados Unidos de unificar as Américas na luta contra as potências do Eixo, agregando para si a influência nos países latino-americanos.

Imagem 12 – Américas Unidas contra o Eixo

Fonte: Contra -capa da revista 'Em Guarda', v. 2, n. 4.

A serpente que ameaça a América está sendo morta por uma lança segurada por três mãos, iguais e em sincronia, ao fundo as bandeiras de todas as repúblicas latino-americanas se unem à dos Estados Unidos. As bandeiras são postas de forma que os países da América do Norte fiquem no topo, relegando aos Estados Unidos o topo mais visível e mais alto plano do desenho. Porém, todas as vinte e uma bandeiras são do mesmo tamanho e estão postas lado a lado, dando a impressão de união. A serpente representa os países do Eixo e se for explicada sob o ponto de vista cristão (já que o cristianismo faz-se presente em praticamente todos esses países) representa o mal que induz às tentações terrenas.

Para unificar tais territórios e populações, e manter sob tutela da potência do Norte os vizinhos do Sul, diante da ameaça política hitleriana, inúmeros artigos são publicados na revista 'Em Guarda' procurando reproduzir uma imagem de América coesa, ou em vias de ser. Assim, na análise que fizemos detectamos

que, ao longo das edições, foram sendo citados elementos que serviram para aglutinar Américas e americanos.

Um grande elo material para a unificação das Américas, segundo o periódico, seria a construção da Rodovia “Panamericana”, que ligaria os Estados Unidos ao extremo sul do continente e facilitaria o intercâmbio de produtos e pessoas por suas vias. Com mais de 18.300 km de comprimento, percorrendo todos os países americanos, do Canadá¹²⁴ à Argentina, a rodovia, que até a Guerra era um sonho, seria a maior rodovia do mundo.

Necessidades de transportes de emergência, mobilização e movimentação de recursos econômicos do hemisfério e um crescente interesse entre as nações americanas, vieram dar um considerável impulso ao de há muito cogitado projeto de uma moderna estrada ligando todos os países do continente.¹²⁵

Importância ressaltada em reportagem relacionada à Costa Rica, que destaca como a Rodovia Interamericana¹²⁶ auxiliaria o país no escoamento de vegetais produzidos em suas terras e contribuiria para desafogar os navios mercantes (que até então traziam esses alimentos de outros países), condicionando-os, exclusivamente ao auxílio no conflito bélico¹²⁷.

Esse símbolo da interação entre americanos, a Rodovia ‘Panamericana’, era de grande significância, uma vez que possibilitaria trocas comerciais entre todos os países. Além de uma importância simbólica, tal rodovia ajudava nas transações comerciais entre Américas, que passavam a se intensificar na primeira metade do século XX. Vejamos a ênfase dada a essa relação em um trecho de uma reportagem sobre a Nicarágua:

¹²⁴ A Rodovia Panamericana ao chegar nos Estados Unidos se conectaria com rodovias já existentes no país, que faziam a ligação EUA-Canadá. In: Em Guarda, Nova York: Office of the Coordinator of the Inter American Affairs, Ano 1, nº 7, p. 20.

¹²⁵ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter American Affairs, Ano 1, nº 7, p. 19.

¹²⁶ Conforme consta na Revista ‘Em Guarda’, a rodovia Panamericana possuiria três grandes trechos: O primeiro seria conhecido como rodovia Interamericana e ligaria o norte do México ao Canal do Panamá, compreendendo 5.000 km. No sul da América daria lugar à rodovia *Simon Bolívar*, que teria 3.700 km e estaria dividida em duas partes. O terceiro e último trecho chegaria à Argentina, percorrendo todos os países sul americanos, adentrando, até mesmo as regiões sul e sudeste do Brasil. In: Revista Em Guarda. Op. Cit. ano 1, nº 7, p. 20.

¹²⁷ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, nº 6, p. 18.

O governo tem cooperado em todos os sentidos para o intercâmbio comercial interamericano e para a defesa continental. Destacando-se nesse sentido o seu interesse em ativar a construção do trecho da Rodovia Panamericana que passa pela Nicarágua¹²⁸.

Essa estrada saiu do papel e tornou-se real no século passado. Possuidora de uma larga extensão, instaurados em percursos muitas vezes inóspitos, gozando de extrema importância em alguns trajetos e em outros, péssimas condições de uso, a Rodovia Panamericana, além de simbolizar um continente díspar em sua totalidade, também nos fornece pistas sobre a política que procurou unificar tais culturas: belos discursos sucedidos por ações pouco eficazes.

Ainda destacando alguns dos aspectos materiais que serviam para unificar as Américas, podemos citar reportagens que ressaltam, de forma exacerbada, uma infraestrutura 'moderna', que davam originalidade aos edifícios públicos latino-americanos, em especial. Tais características modernas seriam o resultado de um progresso econômico que tais nações experimentavam na primeira metade do século, segundo afirmam os redatores dos artigos de 'Em Guarda'.

Imagem 13 – Conventos e igrejas do Haiti.

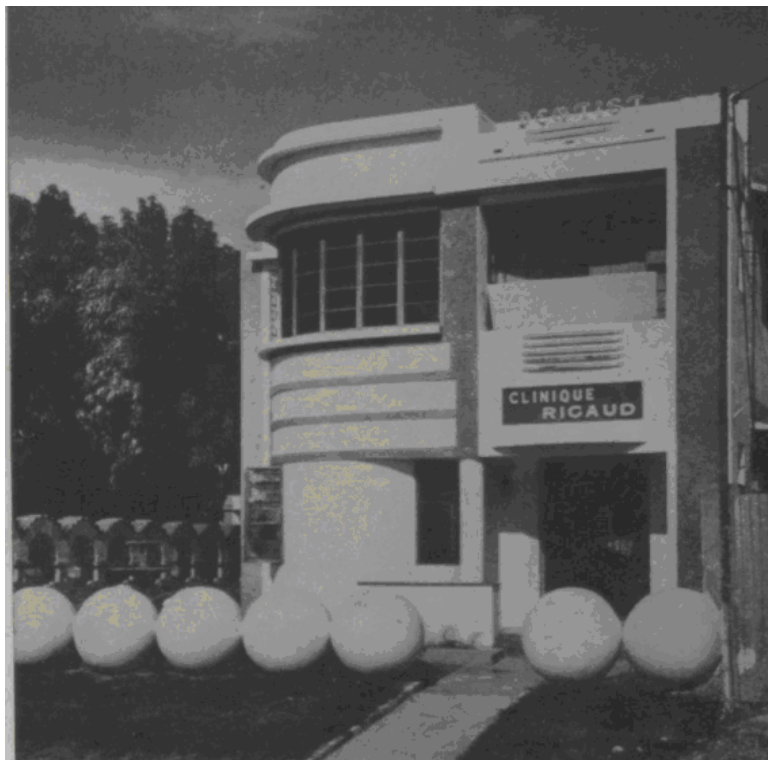


Legenda: Numerosos são os conventos e as igrejas nêsse país, onde o espírito religioso da sua população encontra indispensável conforto na sua vida de labores e progressos¹²⁹.

¹²⁸ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n. 8, p. 17.

¹²⁹ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n. 9 p.17.

Imagem 14 – Clínica Odontológica haitiana.



Legenda: A clínica odontológica da capital – instalada num dos numerosos edifícios de construção moderna que hoje adornam a histórica cidade da República das Antilhas¹³⁰.

Se nos atentarmos às frases que acompanham estas imagens, podemos perceber que as palavras - moderno e progresso – estão presentes nestas legendas. A existência de prédios públicos ou religiosos, onde trazem traços arquitetônicos que destoam da cultura nativa ou colonial, podem ser sinônimos, segundo a revista, de que novos e melhores tempos estariam surgindo. Entretanto, os padrões arquitetônicos do período não eram citados, para uma real análise do aspecto ‘moderno’, de tais obras.

Não era apenas a infraestrutura que remetia ao progresso, mas também a estabilidade política, que sucedeu as revoluções nacionalistas, que se mostrava como um indicador de novos tempos.

Passar de uma economia quasi-feudal para a planificação industrial é um grande salto. A Colômbia tem se esforçado durante quarenta anos – quarenta anos livre de revolução, período em que a sua população dobrou sem o benefício da imigração¹³¹.

¹³⁰ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n. 9 p.17.

¹³¹ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 1, n. 11.

Percebemos que os processos revolucionários foram tidos como fatores de empecilho para o 'progresso' econômico dessas nações. Assim como os Estados Unidos haviam alavancado seu setor industrial após a Guerra de Secessão, os países latino-americanos, como um processo natural, passavam pelas mesmas etapas de seus vizinhos para o crescimento nacional.

Herdeiros desse espírito revolucionário, o povo latino-americano era descrito como dotado de um espírito de liberdade. Liberdade essa que havia possibilitado uma pacífica aceitação dessa população quando da aliança de seus governantes contra as forças nazifascistas.

[...] A fôrça da Colômbia está em seu espírito. É um espírito entalhado em independência, patriotismo e uma nova compreensão do valor do seu passado, e isso aumenta o poder combativo da nação [...]¹³²

Da mesma maneira que os colombianos, o povo do Equador também teria em sua tradição um grande anseio por liberdade. Parecia algo intrínseco à natureza latino-americana. Esse 'valor' nato seria essencial para a aceitação dessas populações quando da contribuição de seus países no conflito, que no momento fornecia uma enorme quantidade de matéria-prima para a fabricação de produtos para guerra.

A república do Equador, em cujas tradições históricas predomina o inacessível zelo de seu povo pela liberdade, está na vanguarda de países produtores de materiais estratégicos para a vitória¹³³.

Dotados deste espírito de liberdade, a população de Costa Rica também é descrita como politicamente organizada uma vez que prezam pela organização democrática. Assim:

O voto eleitoral é obrigatório, há eleições de dois em dois anos e o seu povo é afeito ao trabalho intenso e preza, acima de tudo, a sua independência – virtudes que datam já de muitas gerações¹³⁴.

¹³² Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 1, n. 11.

¹³³ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n.10, p. 17.

¹³⁴ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n.6, p.17.

Vemos que os valores advindos do *American Way of Life*, são elevados a uma categoria de virtudes, praticamente sagrados. Dessa forma, identificar tais valores em seus vizinhos, auxiliaria em uma rápida equiparação com os Estados Unidos e sugeriria que a diferença econômica entre tais povos, em pouco tempo, seria deixada de lado.

As disparidades étnicas, que é um dos traços mais marcantes na caracterização latino-americana dos dias atuais, na revista “Em Guarda”, são omitidas. Raríssimas são as vezes que são fotografadas pessoas de origem indígena ou negra. Das poucas vezes que os latino-americanos são citados, já que na revista pouco destaque é dado ao povo e sua cultura, o retrato, (quando surgem em uma fotografia) prioriza o homem branco, de melhores condições materiais.

Imagem 15 – Moça ‘típica’ do Haiti



Legenda: Um tipo de beleza feminina haitiana, fotografado num interessante ambiente tropical nos arredores da capital, a cidade de Port-au-Prince¹³⁵.

¹³⁵ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n. 9 p.18.

Ironicamente citado, esse ‘tipo de beleza feminina haitiana’, parece sugerir que o Haiti é um país inteiramente branco, justamente em tal Estado onde a população negra é uma das maiores da América. Da mesma maneira, a família típica deste país, como sugere a fotografia abaixo, é caucasiana e muito semelhante à comumente conhecida, por meio da mídia, da tradicional família estadunidense.

Imagem 16 – Família de Porto Príncipe



Legenda: Esse grupo, num dos pitorescos gramados de uma encantadora “villa” de Port-au-Prince, é um dos traços característicos dos firmes laços de família da sociedade haitiana, cuja cultura é tradicional¹³⁶.

O Haiti, para um leitor menos atento, passa bastante despercebido como um país branco, rico e com uma cultura bastante similar aos Estados Unidos. O núcleo familiar tradicional, citado na reportagem, está relacionado àqueles cujos princípios assentam na religiosidade, que em nada diferem de seu vizinho do norte.

2.2.2 A Contribuição da América Latina

Após mapear as características que ‘aproximavam’ os habitantes do continente americano, percebemos que, segundo “Em Guarda”, eles estavam sendo estabelecidos ao mesmo tempo em que alguns deles naturais

¹³⁶ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n. 9 p.19.

estavam sendo reconhecidos. Entretanto, diante do conflito bélico que era assistido naquele período na Europa e que a qualquer momento poderia atravessar o Atlântico, essas nações deveriam estar mais atentas e prestar todo o auxílio possível para o desfecho de tal Guerra.

Olhando mais uma vez para a revista “Em Guarda”, enfocando os artigos do periódico que apresentam os países da América, foi possível detectar que alguns pontos em comum existiam. Assim, seguindo um padrão de conteúdo, essas reportagens mostravam como os governos latino-americanos estavam em alerta para o conflito, prestes a defender seu povo e a ‘liberdade’

Após uma leitura atenta a todas as reportagens que referiam aos países americanos de colonização luso-hispânica¹³⁷, três assuntos comumente destacados podem ser citados: O primeiro refere-se a uma espécie de levantamento dos recursos minerais existentes em cada país e a importância que cada recurso tinha para o desenrolar do conflito. O segundo trata do empenho do líder político, no caso dos países da América Latina, de seus presidentes, para desenvolver sua nação e ao mesmo tempo colaborar com os Aliados sem comprometer o avanço de sua economia. O terceiro faz referência às Forças Armadas nacionais, destacando a força de vontade e empenho de seus integrantes, face às reais privações tecnológicas e humanas.

Em geral, todos os artigos que se referiam à apresentação da América Latina, apresentavam esses três temas. Ficava uma lacuna sobre a organização econômica, política ou mesmo cultural desses estados. Sobremaneira, a grande omissão recaía sobre sua população que, quando citada, parecia homogênea em termos étnicos, uma vez que apenas os brancos eram destacados; monetários, pois as desigualdades econômicas eram sutilmente sublinhadas; por fim, isenta de opinião, já que a gestão política do país, empreendida por seus governos, não parecia ser contestada pelo povo.

Detenhamo-nos, portanto, a cada um dos temas citados. O destaque de assunto é, sem dúvidas, atribuído aos recursos naturais existentes no continente. A todo o momento em que são citados, a riqueza natural de tais países ganha destaque, uma vez que ela contribuiria para a construção de armamentos, aviões ou mesmo combustível para a Guerra.

¹³⁷ Referentes às reportagens que constam no acervo pesquisado.

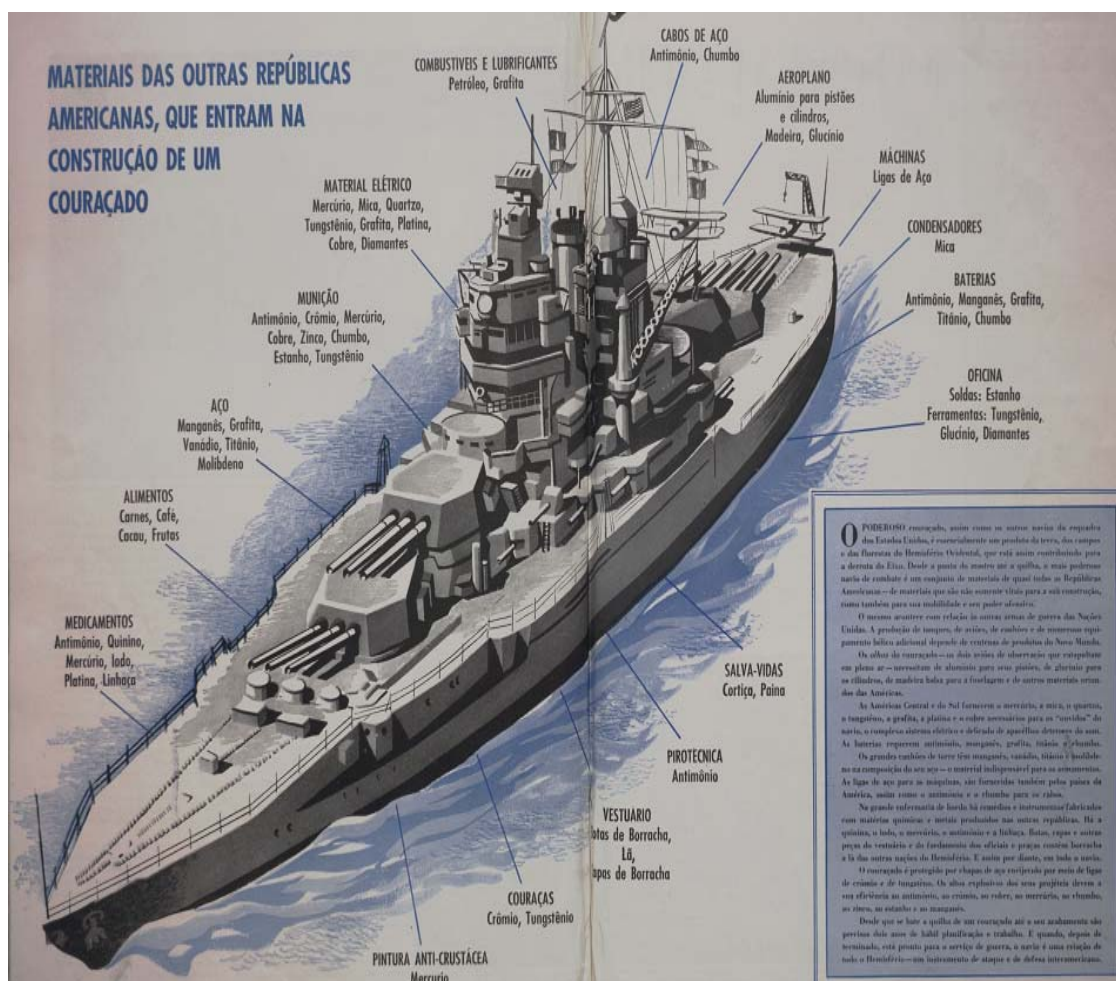
Se lermos atentamente cada reportagem, veremos que a única importância que a América Latina parece ter provém da riqueza de seu solo. Possuidora de uma paisagem 'pitoresca', com uma população com pré-requisitos para, um dia, ostentarem a civilidade dos estadunidenses e um enorme depósito de minerais, esses países chegariam, quem sabe, a serem grandes potências mundiais. Bastava aproveitarem o momento bélico, que parecia promissor, para guinarem sua sociedade.

Que os recursos minerais eram de extrema importância para os Estados Unidos perseverarem na luta contra o nazi-fascismo, isso não era novidade para os latino-americanos. No entanto, adquirir tais produtos, em larga escala, não se tornava tarefa fácil, pois além da questão financeira, questões nacionalistas estavam em jogo. O ideal a ser feito era tornar essa luta de todos, com implicações para todos. Assim sendo, a Segunda Guerra Mundial deveria acarretar em malefícios para os residentes do 'Novo Mundo' e o seu combate, responsabilidade de cada pessoa.

Vemos que em nenhum momento o governo estadunidense cogitava, nas páginas de "Em Guarda", vencer a Guerra sozinho. Se esses empreendiam a luta pela liberdade e democracia, seus vizinhos, que também prezavam por tais 'valores', tinham que se engajar no conflito. Portanto, o apoio desses países, que ainda não haviam alcançado um desenvolvimento bélico e econômico suficiente para combater no *front*, poderia ser suplantado pela ajuda, igualmente importante, de suas riquezas naturais.

Para compreender essa situação, podemos partir para a análise de duas imagens, que são de extremo valor, pois representam a importância que os recursos minerais da América Latina passam a adquirir no mencionado momento. A primeira delas mostra a imagem de um navio 'Couraçado' (moderno e bastante completo para o período) e das partes que o constitui. Para cada parte da embarcação era citado o material que seria utilizado em sua produção. Em um quadro localizado à sua direita, podemos identificar o lugar originário para extração de cada mineral: América Central e do Sul.

Imagem 17 – Materiais das outras republicas americanas que contribuem para a construção de um Couraçado¹³⁸.



A outra imagem é ainda mais sugestiva pois delimita a atuação de cada país americano na Guerra. Aos latinoamericanos caberia a definitiva função de fornecedor de minerais como matéria-prima para a construção de poderosos armamentos, em fábricas do vizinho do norte. A este último caberia a transformação de tais recursos, primando o fim dos regimes totalitários nazifascistas.

¹³⁸ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 3, nº 9, p. 18 e 19.

Imagem 18 – As Américas unidas para a construção de armamentos bélicos¹³⁹.



Notemos que os Estados Unidos são representados como ‘América do Norte’, que detém um enorme e impositivo complexo industrial, ao mesmo tempo em que toma para si todo esse território, tirando qualquer visibilidade de seus vizinhos continentais, Canadá e México. Para o ‘restante’ do continente, é relegado o papel de fornecedor de minerais, tendo como principal agente a América do Sul, pois a América Central, praticamente some do mapa, nem ao menos ganha menção na legenda.

Na versão brasileira de “Em Guarda”, considerando alguns artigos do periódico, a maior parte dessa matéria-prima advinha do solo brasileiro. Com uma extensão continental maior do que qualquer das repúblicas sul americanas, o Brasil era de suma importância uma vez que seu litoral nordestino poderia se tornar

¹³⁹ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 3, n.7, p. 6.

um trampolim para o conflito na África¹⁴⁰, além de possuir em seu solo minerais que poderiam salvaguardar a paz, pois produziram materiais para a Guerra.

Tabela 1¹⁴¹ – Minerais americanos

| MAIORES RESERVAS AMERICANAS DE MINERAIS UTILIZADOS NA GUERRA | |
|--|---|
| MANGANÊS | Brasil e Cuba |
| BERILO | Brasil |
| BAUXITA | Brasil |
| DIAMANTE INDUSTRIAL | Brasil |
| TITÂNIO | Brasil e EUA |
| QUARTZO | Brasil |
| COBRE | Chile, EUA, México, Peru, Cuba e <u>Bolívia</u> |
| ESTANHO | EUA e Bolívia |
| ZINCO | México, Argentina, Peru e <u>Bolívia</u> |
| MERCÚRIO | Toda a América |
| CRÔMIO | Brasil |

Embora existisse essa proeminência do Brasil como fornecedor da maioria dos minerais considerados estratégicos, os demais países latino-americanos também adquirem bastante destaque como detentores de um solo rico e conseqüentemente, decisivo para guarnecer o Teatro de Operações europeu.

A despeito da riqueza de outros recursos mineralógicos, tais como ouro, prata, antimônio, cobre e chumbo, a Bolívia, uma nação de três e meio milhões de almas, é conhecida no mundo principalmente pela sua produção de estanho¹⁴².

O vizinho México, com uma natureza bastante rica, segundo a revista, tornava-se “agora (grifo meu) de tão grande valia para a realização máxima das operações de guerra dos Aliados”. Note-se que a palavra agora sugere que, os anos de desrespeitos, subestima e rivalidades entre a colônia espanhola e o vizinho do norte poderiam ser suplantados por uma ajuda mútua, acarretando em inestimáveis avanços para as forças Aliadas.

¹⁴⁰ ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. História de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro : Editora da Puc, 2002.

¹⁴¹ Dados recolhidos de acordo com a revista Em Guarda.

¹⁴² Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 1, nº 9, p. 18.

A sua produção de tungstênio, de arsênico, cobalto, cobre, grafita, chumbo, molibdênio, mercúrio, zinco, vanádio e estanho é uma das fontes que garantem o trabalho contínuo da Indústria bélica das Nações Unidas, para apressar o advento da vitória¹⁴³.

O Equador também foi citado, juntamente com sua madeira, como de grande valor na luta pró-democracia. Uma vez que tal estado não possuía recursos financeiros suficientes para prover os Estados Unidos, a alternativa era a de oferecer as riquezas de sua terra. Vejamos:

Em suas ricas matas, os aliados estão se abastecendo da fabricação dos modernos aviões de bombardeio “Mosquitos”, circunstância que tem aumentado consideravelmente o raio de ação dos raídes diurnos dos Aliados contra a Alemanha. Do seu opulento solo, numerosos outros produtos, dentre os quais avulta a borracha, estão avigorando a capacidade bélica das Nações Unidas¹⁴⁴.

A América Latina era conclamada para uma eficaz atuação no conflito. Tal engajamento abarcava, além da extração e transformação de seus minerais, em um direcionamento por parte do governo para voltar a economia de tais países para o plantio de produtos não produzidos nos Estados Unidos e que eram essenciais para os Aliados combaterem na Europa:

A produção da fibra sisal é um exemplo da importante contribuição haitiana, como matéria prima essencial a na fabricação da cordoalha. No período de 1940 a 1941 o país produziu dez mil toneladas dessa fibra e estava se preparando para dobrar a produção no decurso bienal seguinte¹⁴⁵.

A construção de armamentos não eram as únicas utilidades relegadas aos produtos latino-americanos. Seus altos teores nutritivos eram de grande valia para a alimentação das tropas nas frentes de batalhas bem como na produção de remédios, que por sua falta poderiam sucumbir milhares de soldados. Na revista ‘Em Guarda’, o Equador, com sua natureza tropical, era mostrado como de importância ímpar por conter solo tão rico:

¹⁴³ Revista Em Guarda. Op. Cit .Ano 2, n. 7, p. 16.

¹⁴⁴ Revista Em Guarda. Op. Cit .Ano 2, n.10. p.17.

¹⁴⁵ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n. 9, p.18.

Outros produtos, importantes também, constituem uma notável contribuição do Equador para o esforço bélico das Nações Unidas. Há o cacáu, por exemplo, de grande valor nutritivo, usado geralmente pelos combatentes em todas as partes do mundo; a casca la chinchona, de que se extrai a quinina, essencial no combate à malária, nas zonas tropicais; os óleos vegetais, as fibras e as castanhas tágua, todos produtos de aplicação industrial necessária para a prossecução eficaz da guerra¹⁴⁶.

A importância dos produtos produzidos em terras latino-americanas não somente adquiriam tal *status* por servirem na Guerra. O paladar de outras sociedades (entre elas estadunidense) agregava, a cada dia, sabores oriundos dos trópicos. Assim como o café, que passava a ser consumido em grandes quantidades no mundo, outros produtos também adquiriam espaço no mercado. Na fotografia abaixo, contida no artigo referente ao Haiti, podemos visualizar o Cacau sendo transportado:

Imagem 19 – Barco transportando cacau



Legenda: O Cacáu é um dos valiosos produtos de exportação das terras férteis do Haiti e de grande aceitação no mercado consumidor norte-americano¹⁴⁷.

¹⁴⁶ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n.10, p. 18.

¹⁴⁷ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n.9, p.19.

Outro enfoque dado nas reportagens, como já citado, refere-se ao engajamento dos governos latino-americanos na luta contra o fascismo na Europa. Contraditório ou não, fato é que vigoravam na América regimes políticos bastante próximos das ditaduras de Hitler e Mussolini, uma vez que alguns de seus representantes de estado eram admiradores de tais governos. A aproximação entre a Alemanha (em especial) e o Brasil, por exemplo, era mantida por relações comerciais intensas, conhecido como Comércio de Compensação, que consistia segundo Gerson Moura, na “troca de produtos por produtos, sem necessidade de intermediação de moedas fortes como a libra ou o dólar, aliás, escassas tanto na América Latina como na própria Alemanha.”¹⁴⁸

Esse tipo de comércio possibilitou vantagens econômicas, tanto para o Brasil como para a Alemanha. A Alemanha saía ganhando, pois suas vantagens bélicas no início da Segunda Guerra Mundial estavam relacionadas com o comércio com as Américas. Uma grande parte da matéria prima para o material bélico era conseguida na América Latina. Para Moura, “as vitórias do Eixo em várias partes do mundo estavam retirando do alcance dos Estados Unidos muitos materiais estratégicos, que poderiam ser encontrados no sul do continente americano”.¹⁴⁹

Além do caráter econômico alemão que se baseava no conservadorismo para a obtenção da modernização da sociedade, o modelo estético apresentado por seus soldados causava boa impressão no oficialato brasileiro. Como salienta Antônio Pedro Tota¹⁵⁰ o fascismo trazia um brilho que entusiasmava nesses brasileiros. Os soldados alemães, em especial os da SS, usavam uniformes muito bem apresentáveis, assim como as grandes botas negras que obrigavam seus soldados a ficarem eretos e com bela postura. “Essa postura fazia com que os soldados americanos, com suas gravatas e sapatos de amarrar, parecessem vendedores em suas roupas civis. O paradigma estético-militar era a Alemanha”¹⁵¹

Para a pesquisadora Vanessa Beatriz Bortulucce uma das características que definia o nacional-socialismo de Hitler foi a utilização em larga escala da propaganda. Com poucos símbolos, mas bastante significativos e fáceis de serem absorvidos pela população, o Nazismo trazia elementos que ‘coloriam’ o

¹⁴⁸ MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1984, p.14.

¹⁴⁹ Idem, p 20.

¹⁵⁰ TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹⁵¹ Idem, p. 24.

dia-a-dia monótono das pessoas comuns. Para tanto “[...] o uso pelo partido de archotes, estandartes coloridos, hinos, saudações foram fundamentais para a obtenção de efeitos grandiosos e sentimentos de grande auto-estima nacional.”¹⁵²

Para o líder nazista, a Alemanha só seria vitoriosa quando tais propagandas fossem absorvidas pela população como “atos de fé”, como nos mostra a autora. Portanto, o *Führer* se dedicou a inúmeras tarefas, entre as quais construir seus discursos, desenhar os uniformes, idealizar suas campanhas, tarefas que conferiram a ele destaque em suas oratórias e bastante performance em público.¹⁵³ Tal veneração ao líder político e aos símbolos nacionais exercia um grande vislumbre sobre muitos líderes da América Latina, que buscavam estratégias parecidas para manter o apoio de seus governados.

Possivelmente, as estreitas relações entre regimes fascistas e governos latino-americanos justifiquem a grande lacuna existente na Revista “Em Guarda” no que diz respeito a artigos que abordassem de maneira mais precisa sobre a gestão dos governos situados abaixo das fronteiras estadunidenses. As informações sobre as ‘eficientes’ administrações ficaram limitadas a mostras dos sistemas de ensino destes países em desenvolvimento; às maneiras encontradas pelos administradores das repúblicas em manter em vigilância os descendentes italianos, japoneses e alemães e no investimento atribuído ao desenvolvimento das forças armadas nacionais.

Para dar provas de que as novas gerações estavam sendo instruídas de uma maneira eficaz, muitas reportagens trouxeram em seu corpo textual referências ao avanço verificado no ensino regular e superior nos trópicos. A ideia de ‘progresso’ político e econômico era abordado na revista como intimamente atrelado à democracia e ao sistema capitalista. Assim, possuir escolas e universidades com uma boa infraestrutura e conceitos pedagógicos mais ‘modernos’ transformariam os países latino-americanos em territórios prósperos, com uma população ciente das vantagens de se viver em uma democracia. Nas palavras do general mexicano *Cardenas*:

¹⁵² BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. **Rússia e Alemanha**: a arte dos regimes totalitários do século XX. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2008. P. 50.

¹⁵³ Idem, p.50.

A unidade nacional que tem alcançado o governo desta república, de maneira a melhor servir as causas da democracia, veio dar um forte impulso à instrução e a educação públicas, desde as escolas mais elementares aos mais altos institutos de ensino, e está despertando o povo para as suas grandes potencialidades no sentido de acelerar tanto o seu progresso individual como o da própria pátria¹⁵⁴.

Entender a democracia como a única e eficaz forma de governo, bem como obter na escola essa concepção, juntamente com os valores humanos que com ela estariam vinculados, soam como um diagnóstico positivo acerca do ‘progresso’ vivido pelo México. No entanto, tal crescimento e modernidade não estariam sendo presenciados apenas no antigo território Asteca. Na América do Sul também eram encontrados institutos de ensino básico e superior que simbolizavam o desenvolvimento cultural do continente.

Imagem 20 – Escola mexicana



Legenda: Reconhecida como um dos mais adiantados centros da cultura na América do Sul, a Colômbia dispõe de sistema de ensino rigorosamente moderno. [...] vê-se um flagrante de colegiais numa das ‘escolas progressistas’¹⁵⁵.

Essa relação estabelecida entre educação e apoio à democracia fica bastante clara nas duas imagens abaixo: a primeira mostra um grupo de estudantes (palavra que é destacada na legenda) uruguaios segurando bandeiras da Inglaterra

¹⁵⁴ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n. 7, p. 16.

¹⁵⁵ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 1, n.11.

e dos Estados Unidos, mostrando solidariedade perante o conflito bélico; a segunda destaca alguns estudantes de Química industrial do Perú, que sorridentes, sobem as escadas da universidade para contribuírem “para o progresso de sua pátria”.

Imagem 21 – Estudantes uruguaios



Legenda: **Estudantes** uruguaios, empunhando bandeiras dos Estados Unidos e da Inglaterra, e simbolizando, como os dedos, o “V” da vitória, fazem uma demonstração de protesto, contra o torpedeamento, pelo alemães, de um navio mercante uruguaio¹⁵⁶.

¹⁵⁶ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2. n. 4, p. 14.

Imagem 22 – Estudantes universitários do Uruguai

Legenda: **Cinco** estudantes de química industrial, na Universidade de São Marcos, interessados em contribuir para o progresso de sua pátria¹⁵⁷.

Um atestado para a competência dos governantes latino-americanos e do engajamento destes na luta Aliada, também podia ser ‘comprovado’ nas políticas adotadas para afastarem o perigo nazi-fascista de seus países. Para tanto, os imigrantes italianos, japoneses e alemães, principalmente, sofreram sérias restrições em solo estrangeiro, inclusive nas Américas. A revista ‘Em Guarda’ narra algumas destas medidas, que nesse momento, serviam como provas palpáveis da união dos líderes americanos em prol da ‘liberdade’.

[...] o seu governo não tardou em tomar enérgicas medidas para cortar pela raiz todas as atividades dos agentes e dos prosélitos do Eixo no México. Havia no país de 5 a 6 mil alemães, de 4 a 5 mil italianos e uns quatro mil japoneses.

Logo depois do assalto a Pearl Harbor, todos os nacionais do Eixo ficaram impedidos de permanecer na área ao longo da costa, tendo sido removidos para o interior – medida de precaução essencial¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Revista Em Guarda. Op. Cit, Ano 2, n 15, p. 16.

¹⁵⁸ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n. 7, p. 16.

Uma dessas medidas, no caso mexicano, foi a retirada desses imigrantes do litoral para o interior do país. A tentativa de manter esses homens e mulheres isolados tinha como objetivo impedir a comunicação desses com seus compatriotas europeus. Em outros casos, apelaram para a deportação de elementos considerados suspeitos, como podemos verificar em reportagem sobre a Nicarágua:

A guerra trouxe alguns problemas que exigiam atenção imediata e, por isso, o governo criou o Departamento Nacional de Defesa, com alçada para investigar as atividades dos cidadãos do Eixo e seus correligionários, e para superintender a censura de todos os meios de comunicações. Numerosos elementos indesejáveis das nações inimigas já foram deportados e outros se encontram internados no país¹⁵⁹.

Por fim, o conteúdo mais destacado no corpo da Revista, contido nos artigos que enfocam a mobilização dos governantes sul-americanos em prol do conflito, destaca o espírito combativo das forças Armadas destes países, que, segundo o periódico, empenham-se em demasia, mesmo não possuindo muitos recursos financeiros e uma cultura de beligerância. Um atributo dos latino-americanos, destacado nas reportagens, não era o de deter forças armadas de destaque, mas sim, ter um povo dotado de um espírito que prezava a liberdade, acima de tudo. A inferioridade bélica é citada em artigo referente à Colômbia:

Seu exército é bem organizado e nunca, nem mesmo nos mais agitados períodos da história do país, tem desobedecido à autoridade constituída. Mas não é um grande exército¹⁶⁰.

A mesma inferioridade é direcionada ao Exército dos costarriquenhos, que semelhante às Forças Armadas da Colômbia, supre a falta de recursos pela força de vontade de seus integrantes. Na fotografia abaixo, os soldados de Costa Rica desfilam, organizadamente, com armas em mãos, enquanto são assistidos por seu país.

¹⁵⁹ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 2, n. 8, p. 20.

¹⁶⁰ Revista Em Guarda. Op. Cit. Ano 1, n. 11.

Imagem 23 – Exército colombiano

Legenda: O exército da Costa Rica é pequeno mas eficiente. Devido a achar-se cêrca do canal do Panamá, essa república tem importante papel na defesa do Hemisfério¹⁶¹.

O que fica bastante evidente na fotografia é a limitação deste exército. Latino-americanos parecem não possuir armas suficientes para um enfrentamento militar significativo. Assim, caberia aos Estados Unidos da América o papel de protetor desses homens e mulheres limitados economicamente e a implantação de uma missão civilizatória ao qual socorreria sociedades cuja inferioridade cultural estava mais do que evidenciada.

Assim sendo, não nos cabe afirmar que os longos anos de desrespeito e menosprezo para com os vizinhos americanos tenham saído de cena durante a Política da Boa Vizinhança estadunidense, uma vez que ainda na atualidade imagens pejorativas são utilizadas para definir as variadas e complexas culturas vivenciadas na latino América. Mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, onde as incertezas causadas pela formação do bloco Aliado obrigavam o governo *Roosevelt* em não transmitir idéias preconceituosas sobre as repúblicas situadas abaixo do Rio Grande, algumas revistas, desenhos animados, propagandas impressas estadunidenses deixavam escapar as visões estereotipadas que seus produtores faziam do restante de seu continente.

¹⁶¹ Revista Em Guarda. Op. Cit, Ano 2, n 6, p. 16.

Na revista *Em Guarda*, vemos justamente essa dualidade. Por um lado, são enfatizados alguns elementos que serviriam para a unificação continental, que, como citamos, possuía (e ainda possui) mais fatores para a desunião do que para agregação. Destacamos a ênfase que recai sobre o crescente desenvolvimento econômico da região, que estaria refletido na melhoria do sistema público de ensino e na qualidade de vida de seus habitantes. O grande impulsionador desse crescimento seria reflexo do empenho dos governos latino-americanos (que, segundo a revista, traziam como princípio a liberdade) juntamente com as oportunidades surgidas com a eclosão da Guerra na Europa.

Aos Estados Unidos, suposto modelo moral, político e econômico, cabia o gerenciamento dessas oportunidades para auxiliar seus vizinhos a aproveitarem da melhor maneira possível o momento promissor. No entanto, no momento de pôr em prática uma política menos agressiva militarmente e mais 'sedutora', pensando em Tota, os mesmos equívocos em relação a inferioridade destes povos ainda permaneciam. Ao território sul e central americano caberia o 'decisivo' papel no conflito de fornecedor de matérias-primas, já que possuía um solo bastante favorável, principalmente para o suprimento de minerais pouco encontrados em outras regiões do mundo. A rica cultura da região não é ao menos citada. O mesmo descaso é relegado ao seu povo que somente ganha espaço em fotografias e nestas, adquire uma fisionomia branca e costumes, geralmente, dignitários de pequenas e distintas elites.

CAPÍTULO 3

O BRASIL PROJETADO NA REVISTA 'EM GUARDA'

“Sua rápida transição, de país essencialmente agrícola, para uma potência industrial constitui uma das extraordinárias revelações contemporâneas¹⁶²,”

“Porque com sua Força Expedicionária na Europa o Brasil mostra ao mundo inteiro que é uma potência que se pode contar – em tempo de guerra e de paz¹⁶³”.

Todo governo elabora, desde a sua campanha eleitoral até os últimos dias de sua gestão, inúmeros projetos políticos, viáveis ou não, como forma de chamar a atenção dos eleitores para a sua capacidade de governabilidade ou mesmo para procurar transformar como nenhum outro antes, aquele lugar ao qual ele foi escolhido como representante. A cúpula do presidente Getúlio Vargas não foi diferente. Principalmente após implementar o Estado Novo, o líder da república brasileira empenhou esforços para desenvolver o país, que até o momento estava assentado na economia agrária (herança ainda colonial) na tentativa de inseri-lo nos caminhos trilhados pelos muitos países desenvolvidos do mundo, transformando-o assim, em uma grande potência industrial. A tarefa não seria fácil!

O Brasil da década de 1940 possuía uma considerável dependência a países principalmente europeus, que abrangia desde a compra de grande quantidade do seu principal produto de exportação, o café à importação de produtos acabados como remédios e vestuário. Combustíveis e outros minerais somente poderiam ser extraídos ou utilizados, se contassem com o auxílio advindo de seus fornecedores estrangeiros. Era preciso urgentemente instalar indústrias de base no Brasil, uma vez que seu solo dispunha de ricos depositários de minerais dos mais variados tipos e destinados as mais diferentes funções.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, alguns projetos que pela falta de recursos poderiam adormecer por muitos anos nas gavetas do executivo, passaram a ser possíveis de execução. O líder do Estado Novo

¹⁶² Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, ano 1, n. 10, p.11.

¹⁶³ Revista Em Guarda, Ano 4, n.6, p. 34.

aproveitou até quando pôde de sua neutralidade no conflito mundial, lucrando com os dois lados do embate, até que em 1941, ‘tomou’ partido para os Estados Unidos e Inglaterra, que defendiam a bandeira da democracia, liberdade e felicidade humana.

Aos Estados Unidos cabia um interesse ainda maior pela parceria com o seu ‘vizinho’ continental, pois ele detinha uma extensa costa marítima que poderia ficar vulnerável a ataques ao continente e pontos mais próximos da África para possíveis campanhas em auxílio aos demais países que lutavam no território africano. Em especial, no pós guerra a hegemonia sobre o território brasileiro traria aos Estados Unidos a garantia de seu protetorado no espaço americano.

O Brasil foi o país da América Latina que mais lucrou com sua colaboração à causa de guerra Aliada. Recebeu empréstimo para investir em armamentos para o Exército, principalmente quando colaborou com sua Força Expedicionária na luta dentro dos limites italianos, mas especialmente conseguiu tirar do papel a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) inserindo o país em novos tempos no que tange a autossuficiência industrial.

Os anos de menosprezo e desrespeito ao maior país da América Latina não acabavam, mas sim ganhavam novos desdobramentos. Sendo, antes mesmo de seu descobrimento, imaginado como ambiente despovoado ou habitação de criaturas estranhas, horrendas e de seres inferiores ao ser humano, o Brasil tropical sempre foi minimizado pelas demais nações (em especial europeias e Estados Unidos) que era confundido como uma terra dos prazeres carnais e de mulheres e homens propensos à corrupção de qualquer gênero.

O momento em que narramos no decorrer deste trabalho alude ao período em que estes preconceitos sobre o latino americano e mais especificamente ao brasileiro tiveram que sair de pauta. Pelo menos teoricamente a ‘Política da Boa Vizinhaça’ pressupunha uma modificação nas relações entre estas nações e seu vizinho do norte, para uma melhor adesão à sua política e manter a influência estadunidense na região. A prática de tal política mostra que séculos de menoscabo não puderam ser superados apenas com a instauração de alguns projetos políticos, refletindo na mídia, as velhas crenças.

O que veremos neste capítulo são os projetos políticos que foram elaborados no governo Vargas e endossados pelos estadunidenses. As perspectivas de um novo Brasil estavam refletidas na imprensa da época, que parecia realmente galgar novos dias em sua História. Com a análise da Revista ‘Em Guarda’ podemos

perceber algumas destas aspirações e projeções de Brasil, ao mesmo tempo em que sua posição de país inferior, de cultura ainda não consolidada, divide as páginas desta publicação estadunidense.

3.1 O BRASIL NA REVISTA 'EM GUARDA'

O Brasil foi, sem dúvidas, o país latino americano que mais possuiu destaque nos anos de edição da revista "Em Guarda" em sua versão portuguesa. Infelizmente não tivemos acesso aos exemplares impressos na língua francesa e espanhola, para efetuarmos uma análise comparativa. A proeminência brasileira na porção centro-sul de seu continente foi bastante justificada no que tange às suas relações com o governo estadunidense, uma vez que detinha (e ainda detém) dimensões continentais, extensa costa e considerável população. Tais condições seriam bastante viáveis para a instalação de bases aéreas e navais com vistas à Europa e África, e no pós-guerra, tornar um potencial mercado consumidor de produtos oriundos dos Estados Unidos.

Quando o enfoque recaía sobre o país de Vargas, designações bastante positivas e diferentes das atribuídas aos seus demais vizinhos territoriais eram relegadas a esta nação. O Brasil não era apenas tido como depositário de inúmeros minerais, mas como possuidor de condições que o elevaria a deter uma posição de destaque no cenário mundial, um futuro cheio de glórias e um crescimento econômico capaz de alavancar o padrão vida de seus habitantes.

Para alcançar tal posição, algumas características do seu povo ou programas estabelecidos pelo seu governo pareciam prioritárias. Entre eles salientamos o conceito de Liberdade, (difundido entre os cidadãos estadunidenses desde sua emancipação política, estando arraigado no sentimento nacionalista) que era apregoado pela mídia como inerente às aspirações dos brasileiros, instaurando assim, um elo entre os dois povos. Este conceito também foi enormemente atribuído aos outros povos da América Latina (como visto no capítulo que antecede), que os adjetivava como dotados de um espírito de liberdade inato, também serviu para qualificar os brasileiros quando da adesão de seu governo à luta contra o nazismo.

Outro ponto positivo do Brasil parecia ser a eficiência de seus efetivos militares, bem como o poderoso arsenal bélico, que tinha um poder decisivo na defesa da soberania do território. Esta força combativa do Exército brasileiro, por

meio de seus armamentos e bem treinados soldados era constantemente exaltado ao contrário do que era dito sobre os demais vizinhos brasileiros. Era admitida uma superioridade tecnológica nas armas e veículos das Forças Armadas, prenunciando um notável apoio deste exército na luta no solo europeu, ou mesmo na proteção da porção sul do continente.

Imagem 24 – Exército Brasileiro



Legenda: Com um exército cujo efetivo é considerável e conta com numerosas reservas de todas as armas, o Brasil está bem aparelhado para defender qualquer ataque contra o estratégico saliente do seu nordeste¹⁶⁴.

¹⁶⁴ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. Ano 1, n.12, p. 5.

Imagem 25 – Forças motorizadas do exército do Brasil

Legenda: Forças motorizadas do exército brasileiro, modernas e guarnecidas por verdadeiros especialistas, são a última palavra na preparação do maior país da América, neste momento em que se decide o direito dos povos soberanos¹⁶⁵.

Vemos que ao elevar o Brasil, implicitamente inferiorizavam os demais países de colonização luso-hispânica. Deste modo, os caminhos que estas nações galgariam quando na Europa cessassem os fogos do conflito mundial não seriam as mesmas que se veriam no maior país da América Latina. Vemos que para nações como Equador, Peru, Uruguai, entre outros, o aumento da exploração de suas jazidas minerais e o escoamento destes produtos brutos para o exterior parecia ser a única possibilidade de avanço que suas economias poderiam experimentar no futuro. Ao passo que o Brasil era mostrado como provável potência industrial pois estava alcançando a autossuficiência nas indústrias de base. Resultante deste processo modernizaria as regiões interioranas e equiparia à condição econômica experimentada em nações mais ricas.

Tais percepções baseiam-se na leitura realizada ao longo da Revista 'Em Guarda', sobre algumas reportagens que se referem às nações enfocadas pelo periódico. Após uma verificação atenta do conteúdo destes artigos, foi possível organizar tais conteúdos a fim de perceber quais as temáticas mais destacadas

¹⁶⁵ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. Ano 1, n. 12, p.3.

quando referia ao Brasil. De acordo com as reportagens encontradas no corpo da revista pudemos perceber que certas temáticas se repetiam, dessa forma foi possível detectar quatro espécies de reportagens.

O primeiro tema identificado tratou principalmente sobre a mobilização do Brasil na Guerra. Desde sua preparação bélica, treinamento de seus homens, destaque aos líderes militares assim como do presidente Getúlio Vargas e outros ministros de importância na época. O enfoque principal priorizou a campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB), que enalteceu seus feitos e sua vitória na Itália, apontando a eficiência de seus comandantes e presteza de seus soldados.

O segundo tema focado tratava sobre as riquezas naturais brasileiras que serviam para a indústria bélica e assim auxiliavam na vitória Aliada no *front*. Esses artigos mostram que com o desenvolvimento da extração dessas matérias-primas e o aprimoramento técnico repassado por especialistas dos Estados Unidos, os lugares inóspitos do país, juntamente com sua população interiorana iria se desenvolver como jamais havia experimentado. Getúlio Vargas aparecia como o grande líder nacional que com seu olhar empreendedor encaminhava o Brasil para a modernidade.

Outro assunto encontrado versava sobre as maiores cidades do Brasil. Nesse tipo de reportagens a infraestrutura destas metrópoles, assim como a sua arquitetura 'moderna', eram sempre comparadas com as maiores e desenvolvidas cidades dos Estados Unidos. Tais equiparações permitiam aos brasileiros verificarem no gradual desenvolvimento de seu território similaridades com o crescimento da nação estadunidense, tornando possível, no futuro, alcançar as mesmas conquistas da rica potência.

Um último tema detectado trata do apoio não apenas governamental para a união entre as Américas, mas também intelectual e artístico. A necessidade em mostrar que a adesão à causa bélica não era apenas iniciativa do líder do Estado Novo, mas era uma tomada de consciência de outros setores da sociedade representam a recorrência a este assunto.

Tabela 2¹⁶⁶ – Principais temas sobre o Brasil na revista “Em Guarda” entre os anos de 1941 a 1945

| Edições da revista "Em Guarda" Ano a ano | Mobilização do Brasil para a Guerra | Cidades brasileiras | Riquezas naturais do Brasil | Indústria Brasileira em desenvolvimento | Artistas e Intelectuais brasileiros | Total |
|--|-------------------------------------|---------------------|-----------------------------|---|-------------------------------------|--------------|
| Ano I (1941-1942) | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| Ano II (1942-1943) | 4 | 1 | 1 | 0 | 0 | 6 |
| Ano III (1943-1944) | 7 | 0 | 2 | 1 | 0 | 10 |
| Ano IV (1944-1945) | 5 | 1 | 0 | 3 | 2 | 11 |

A necessidade em provar que abaixo de suas fronteiras os países com os quais formavam alianças se assemelhavam com a sua sociedade, ou mais provável, que estes países poderiam se desenvolver igual ao seu vizinho do norte era constantemente exaltado pela propaganda dos Estados Unidos e impregnava no imaginário de seus leitores inúmeras possibilidades de vida melhor se a aliança com o Brasil fosse efetivada.

Implicitamente, a posição de inferioridade da nação vai sendo constantemente enfatizada. Seja no que tange aos grandes espaços inóspitos que ainda não estavam sendo vencidos pelo progresso ou por meio da íntima dependência financeira ao governo dos Estados Unidos para colocar em prática seus projetos de industrialização, seja no treinamento e armamento das Forças Armadas que ora ou outra necessitava do auxílio estrangeiro.

¹⁶⁶ Quadro produzido pelos autores conforme dados da revista “Em Guarda” entre os anos de 1941 a 1945 contidos no acervo consultado.

3.2 ALINHAMENTO BRASIL E ESTADOS UNIDOS E A “REVOLUÇÃO DAS EXPECTATIVAS¹⁶⁷”

A Grande Depressão do sistema financeiro mundial em 1929, ocorrida inicialmente em *New York* e propagada velozmente para o mundo, expôs aos líderes das maiores potências capitalistas do planeta as insuficiências da organização do vigente sistema econômico propaladas pela teoria da autonomia comercial em relação ao Estado. Para socorrer as inúmeras empresas arruinadas do dia para a noite e conter a fome de milhares de desempregados que o *Crash* fez surgir, iniciou-se uma década de notável proteção alfandegária como medida preventiva do mercado doméstico. Os países mais vulneráveis economicamente, que eram explorados por nações dominantes ou que ainda não tinham estrutura para suprirem-se em bens manufaturados, ficaram à mercê das nações mais poderosas¹⁶⁸.

Assim como os Estados Unidos, a Europa vivenciou uma debilidade econômica que afetou diretamente o Brasil, já que teve de reduzir a compra de determinados produtos, como o café, e impossibilitou a venda dos mais variados gêneros de produtos manufaturados, intensificando as crenças de que o desenvolvimento industrial do país americano não deveria tardar. Anos mais tarde, com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, essas mesmas potências não comportavam, como antes, a produção requerida pela Guerra e pelos países que dependiam destes produtos. Ao mesmo tempo, os navios que exportavam tais artigos para levá-los aos seus clientes estrangeiros estavam sendo solicitados no transporte de armamentos e veículos bélicos, ou mesmo de suprimentos para tropas.

A presente guerra veio impulsionar o grande objetivo dos brasileiros, de se poder bastar a si mesmos, através da produção de tudo quanto pudesse satisfazer às necessidades do país, o mais vasto do Hemisfério¹⁶⁹.

¹⁶⁷ Termo utilizado pelo historiador McCann, para definir as expectativas no futuro promissor do Brasil surgidas em meados da década de 1940. Ver: McCANN, Frank. **Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995.

¹⁶⁸ ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. História de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro : Editora da Puc, 2002.

¹⁶⁹ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter American Affairs. Ano 1, n. 10, p.11.

Moniz Bandeira ressalta que no período de 1929 a 1945, também houve pressões internas que advinha, em grande medida, das classes médias e elites urbanas, referentes a estes produtos industrializados que se encontravam em desfalque no mercado, havendo, sobremaneira, um real incentivo por parte das classes mais abastadas para o surgimento de um setor industrial produtor de bens de consumo¹⁷⁰. Assim, a Grande Guerra e a Depressão de 1929 podem ser apontadas como eventos de grande valor para as mudanças ocorridas nos projetos iniciais de autonomia nacional pretendida pelo governo Vargas.

Para avaliar o peso que a interrupção parcial destes produtos causou à sociedade brasileira, pensemos em alguns estudos do historiador *Frank McCann*¹⁷¹ que expõe de maneira bastante clara o tamanho da dependência do Brasil em relação aos serviços oferecidos no exterior neste período. Desde o papel para a impressão de jornais e revistas, passando por petróleo, carvão, moinhos, cimento, cabos para telégrafos, serviços de esgoto, cinemas, eram administrados por companhias estrangeiras ou necessitavam de instrumentos estadunidense, franceses, canadenses e alemães, principalmente, para sua execução¹⁷². Para ter uma ideia da porcentagem do capital estrangeiro investido no país podemos considerar o ano de 1942, onde:

O Brasil era dependente economicamente da Europa e dos Estados Unidos, com capitais de investimento internacional totalizando 2.242.200,000 dólares norte-americanos. Desse montante, 48 por cento era inglês, 25 por cento norte-americano, 18 por cento canadense e 9 por cento de diversas outras fontes¹⁷³.

Dotar o Brasil de complexos industriais suficientes para inseri-lo na concorrência capitalista e equipará-lo às grandes potências mundiais era, segundo Moniz Bandeira, interessante às Forças Armadas brasileiras. Para um eficaz programa de Segurança Nacional a autossuficiência em relação a alguns produtos como o petróleo ou mesmo a construção da Siderúrgica de Volta Redonda seriam significantes para projetar o Brasil em novos tempos e eficazmente manter sua defesa continental, uma vez que os produtos estrangeiros também eram

¹⁷⁰ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Brasil- Estados Unidos: a rivalidade emergente (1950 – 1988). 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 24.

¹⁷¹ McCANN, Frank. Op. Cit.

¹⁷² Idem, p. 297-299.

¹⁷³ Ibidem, p. 297.

indispensáveis para o mover do Exército brasileiro¹⁷⁴. O combustível para os navios da Marinha, aeronaves da FAB e veículos do Exército eram provenientes, praticamente em sua totalidade, da Inglaterra. Nenhuma diferença era verificada na origem desses veículos e armamentos, que também procediam do estrangeiro¹⁷⁵.

Partindo do real incentivo à política voltada ao desenvolvimento das indústrias de base no país, a ‘ajuda’ financeira que o governo estadunidense dispôs ao maior país da América do Sul também foi crucial para tirar do papel a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e para a implementação de outros setores da economia. Para a demonstração desse crescimento, incluímos a tabela abaixo, que traz, segundo informações oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), alguns dos produtos industrializados no Brasil e os seus referidos valores para o PIB brasileiro, contidos entre os anos de 1939 a 1949:

Tabela 3 ¹⁷⁶ – Produção industrial do Brasil.

| VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA (Cr\$ 1 000) | | |
|---|-------------|-------------|
| | 1939 | 1949 |
| Metalúrgica..... | 488 562 | 4 468 989 |
| Material elétrico e de comunicações..... | 352 888 | 763 128 |
| Couros e peles e produtos similares..... | 108 763 | 626 963 |
| Produtos farmacêuticos..... | 175 364 | 1 335 787 |
| Têxtil..... | 1 412 628 | 9 358 541 |
| Vestuário, calçados e artefatos de tecidos... | 310 194 | 2 034 443 |
| Produtos alimentares..... | 1 511 366 | 9 780 459 |

¹⁷⁴ MONIZ BANDEIRA, Op. Cit. p. 62.

¹⁷⁵ McCANN, op. Cit. p. 298.

¹⁷⁶ Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do v. 3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

Em uma rápida verificação destes números, podemos perceber que no momento inicial da Segunda Guerra Mundial, os setores alimentícios e têxteis abrigavam os mais altos números de produção industrial do Brasil. Em anos seguintes, outros setores da economia ganharam destaque, principalmente os de vestuário, metalurgia e produtos farmacêuticos. No entanto, mesmo com esse alavanche significativo dos manufaturados, no momento em que a Europa se colocava em armas contra o nazi-fascismo, o desenvolvimento que o Brasil experimentou não era ainda o suficiente para inseri-lo em um patamar de destaque a nível mundial. Como explicar as intenções dos Estados Unidos para com esse país, além da estratégia diplomática de mantê-lo afastado das políticas hitlerianas por meio da Política da Boa Vizinhança?

Para Alves, enquanto o governo totalitário hitleriano procurava se firmar no leste europeu, seus planos com o Brasil acabavam sendo datados, uma vez que pautava-se na troca de minerais e outros materiais estratégicos por meio do Comércio Compensado para fins bélicos. Já a antiga colônia inglesa da América tencionava firmar elos que perpassariam o conflito mundial da década de 1940, estabelecendo com o maior país da América do Sul mais do que simplesmente restritas negociações, “a adesão brasileira aos princípios liberais no comércio internacional, ainda que só formalmente, era pensada em termos da importância e influência regional do país”¹⁷⁷.

A essa tentativa de manter uma postura de hegemonia na parte sul americana pode ser agregada a importância adquirida pelo nosso país como fornecedor de materiais estratégicos, já que seu solo possuía e ainda possui riqueza imensurável de minerais e pela localização continental que este gozava para possíveis ofensivas desferidas ao norte da África. Desta maneira suas crescentes indústrias não poderiam ser apontadas como relevantes para o desfecho do conflito em favor dos Aliados, não justificando os olhares cada vez mais cobiçosos da Casa Branca para a adesão de Getúlio Vargas à sua luta.

A questão era que, se as relações com o Brasil não fossem firmadas o governo estadunidense poderia ser privado de inúmeros destes materiais considerados estratégicos para a produção de equipamentos para conflito, juntamente com a vulnerabilidade que a costa brasileira oferecia para uma provável

¹⁷⁷ ALVES, Vágner. Op. Cit. p. 53.

invasão do continente, com vistas aos Estados Unidos. As bases aéreas requeridas no nordeste brasileiro principalmente a base de Natal, representa a importância que a localização do Brasil representava.

O rompimento formal das relações com o Eixo ocorreu após os torpedeamentos a navios brasileiros, desferidos por submarinos alemães. Logo depois do ocorrido, Getúlio Vargas tomou parte da luta Aliada e mobilizou as Forças Armadas nacionais, assim como deixou claro para a sociedade que tal postura representava sua repulsa pelo regime ‘opressor’ que então pretendia grandes extensões pelo mundo. Na Revista ‘Em Guarda’ podemos perceber as repercussões deste acontecimento.

Em reportagem intitulada “O Brasil entra na Guerra”, redatores do periódico expõem a tragédia ocorrida no litoral brasileiro, que culminou na morte de muitas pessoas que não possuíam relação alguma com o conflito europeu. As ênfases na tragédia e no caráter traiçoeiro do ataque procuram frisar a injustiça cometida em tais mortes:

E na noite de 15 para 16 de Agosto, nada menos de cinco navios brasileiros eram torpedeados na costa, enquanto faziam suas viagens regulares de cabotagem entre portos brasileiros. Dentre os passageiros, destacavam-se numerososromeiros que haviam ido assistir o Congresso Eucarístico de São Paulo. Um dos navios, o “*Baependi*”, conduziu um contingente de 120 soldados, que iam sendo transferidos, em serviço normal, de uma para outra região militar do país. Dentre as vítimas dos ataques submarinos, haviam centenas de mulheres e crianças¹⁷⁸.

A necessidade da aliança com a antiga colônia portuguesa refletiu-se sobre a superioridade de reportagens que abordavam o país nos quatro anos da revista “Em Guarda”. Comparando com dois outros países, México e a Argentina, os artigos que versam sobre o Brasil são superiores em todos os anos de edição da revista (conforme o quadro 1). Percebemos que no decorrer dos anos, com a adesão à guerra do Brasil e do México ao lado das forças Aliadas, essa união vai sendo observada pelo aumento de reportagens na revista. Já a Argentina, que não rompe formalmente com a Alemanha, têm um mínimo espaço no corpo de reportagens.

¹⁷⁸ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter American Affairs, Ano 1, n. 12, p.2.

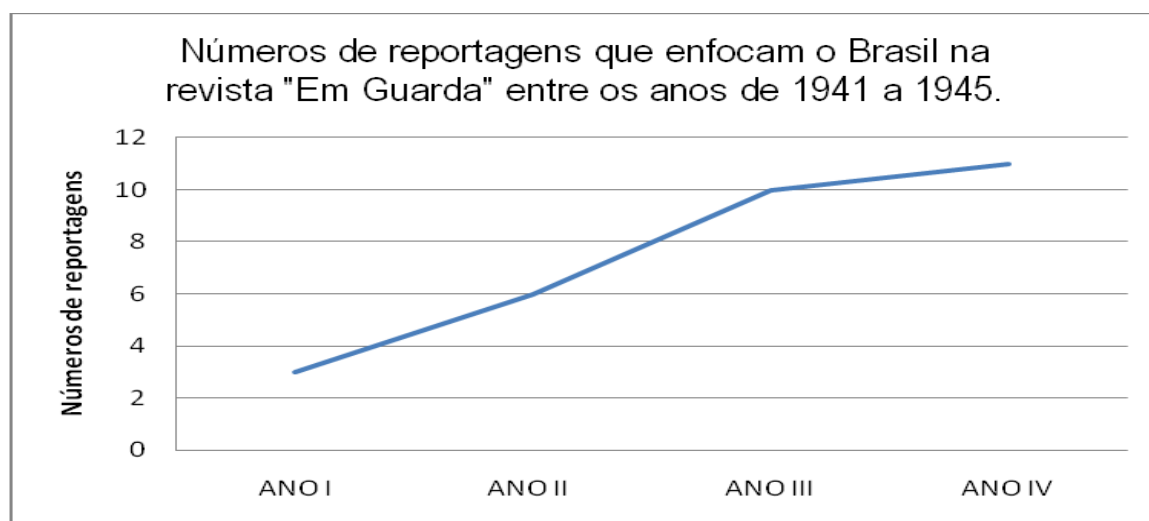
Tabela 4 ¹⁷⁹– Reportagens sobre o Brasil, México e Argentina nas edições da revista “Em Guarda” (1941-1945)

| Edições da revista “Em Guarda” ano a ano | BRASIL (Número de reportagens que enfocam esse país) | MÉXICO (Número de reportagens que enfocam esse país) | ARGENTINA (Número de reportagens que enfocam esse país) | TOTAL* (Número total de reportagens a cada ano) |
|---|--|--|---|---|
| ANO I (1941-1942) | 3 (3.15%) | 2 (2.10%) | 1 (1.05%) | 105 (100%) |
| ANO II (1942-1943) | 6 (9.9%) | 3 (4.95%) | 0 (0%) | 165 (100%) |
| ANO III (1943-1944) | 10 (18%) | 2 (3.6%) | 0 (0%) | 180 (100%) |
| ANO IV (1944-1945) | 11 (18.15%) | 4 (6.6%) | 0 (0%) | 165 (100%) |

Podemos fazer também um paralelo entre o aumento de artigos publicados com a oficialização da luta brasileira em prol da causa das Nações Unidas. A partir do ano de 1942 (quando Getúlio Vargas declara guerra ao Eixo) percebemos que as páginas da revista que enfocam o Brasil passam de 3% ao ano para 6, 10 e 11% respectivamente. Este crescimento ajuda-nos a refletir sobre a posição de ‘destaque’ do Brasil em relação aos outros países latino-americanos nesse esforço de guerra.

¹⁷⁹ Quadro produzido pelos autores de acordo com dados da revista “Em Guarda” entre os anos de 1941 a 1945.

Gráfico 1¹⁸⁰ – Crescimento de reportagens sobre o Brasil na Em Guarda.



Em meio à necessidade crescente de tornar o Brasil mais independente em relação aos produtos industrializados, o governo estadunidense lançou programas para alavancar o país. Para tanto, além dos muitos profissionais do *Office Of Coordinator of the Inter-American Affairs*, que vieram para cuidar de questões midiáticas, educacionais, de saúde pública, desembarcaram em solo latino-americano alguns advogados, geólogos, economistas, engenheiros, técnicos em energia, metalurgia e transportes. Sobre liderança de *Morris Llewellyn Cooke*, antigo chefe da *Rural Electrification Administration*, a missão destes especialistas priorizava, segundo McCann:

1) Substituir as *commodities* americanas importadas por produtos brasileiros, de modo a poupar espaços de transporte; 2) reduzir a dependência da indústria brasileira de matérias-primas importadas através do desenvolvimento das disponíveis no país; 3) conservar e aperfeiçoar o sistema de transportes; 4) proporcionar ao Brasil a base para o crescimento a longo prazo¹⁸¹.

O discurso efetuado para a legitimação dos trabalhos da então conhecida 'Missão Cooke' foi o de estudar o Brasil alvoroçou muitos brasileiros, inclusive membros do próprio Estado Novo, entre eles profundamente, buscando no conhecimento detalhado de seu território, modos para desenvolvê-lo em todas as suas potencialidades. Entretanto, tal mapeamento do ministro do exterior, Osvaldo

¹⁸⁰ Gráfico produzido pelos autores conforme dados da revista "Em Guarda" entre os anos de 1941 a 1945 contidos no acervo consultado.

¹⁸¹ McCANN. Op. Cit. p. 299-300.

Aranha, que acusavam os funcionários de *Washington* de estarem vasculhando o território, obtendo informações privilegiadas sobre o país¹⁸².

Neste contexto de especulações sobre as reais capacidades do nosso país de desenvolver-se em um curto espaço de tempo e tornar-se uma liderança econômica forte com proeminência mundial, utilizando-se das oportunidades oferecidas pela Segunda Grande Guerra, foi verificada, em significativas parcelas da população, uma enorme confiança no futuro brasileiro, considerado como uma 'Revolução de Expectativas'¹⁸³.

A 'revolução' tecnológica que a partir dos anos 1930 transcorria o território brasileiro, seria capaz, segundo os eufóricos da época, de transformar notadamente o país do mesmo modo que a Revolução Industrial havia mudado para sempre os rumos da Inglaterra¹⁸⁴. A crença de que as bases para um progresso extraordinário seria verificado logo após o término da Guerra, levou muitos membros do governo Vargas a aderirem com otimismo às causas dos Aliados na Europa¹⁸⁵. Nesse sentido, estas 'projeções de Brasil' são resultantes diretas das expectativas no contexto da Aliança entre o Brasil e os Estados Unidos, juntamente com as próprias políticas de desenvolvimento varguista. A Revista 'Em Guarda' dá-nos algumas pistas de como, na mídia, essas aspirações eram publicadas para chegarem a um seleto grupo de leitores.

3.2.1 Fórmula para o Crescimento: Implantação de Indústrias = Crescimento do Interior e Melhoria dos Padrões de Vida dos Brasileiros

Uma pessoa poderia ser responsabilizada pelos novos tempos que surgiam: esse alguém era o líder do Estado Novo, Getúlio Dorneles Vargas. O que os editores da revista mostravam era que o Brasil contava com um presidente de visão e que desejava transformar a economia brasileira de tipicamente agrária para uma potência industrial. Dessa forma, desde a adesão à causa bélica, até a construção de indústrias de motores, sericicultura, têxtil, concessão do aval para a instalação da base aérea estadunidense em Natal, Vargas era representado como

¹⁸² Idem, p.301.

¹⁸³ McCANN. Op. Cit. p. 302.

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ Ibidem.

um verdadeiro líder, empenhado na missão de retirar seu país do atraso ao qual se encontrava.

Em todas as notícias que enfocam o Brasil e que por consequência reportavam ao presidente brasileiro, foi veiculada uma imagem de homem sereno, cauteloso, habilidoso e acima de tudo, amante de sua terra. Ele posa para as fotografias sempre com a postura de um grande estadista, possuidor de um espírito empreendedor, com face austera. A legenda que ilustra a fotografia abaixo retrata o que a fotografia, parece transmitir:

Imagem 26 – Getúlio Vargas discursando para seu país



Legenda: Presidente Getúlio Vargas, figura preponderante no conagraçamento dos povos do Novo Mundo. Sob sua liderança, o Brasil tem alcançado enorme progresso industrial¹⁸⁶.

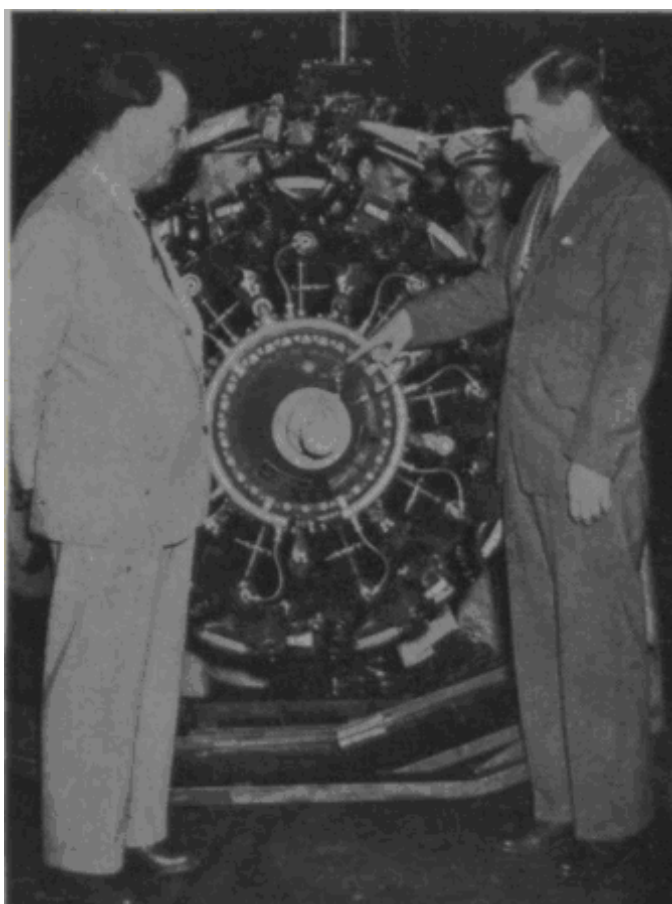
Porém, o sonho do governo de Vargas não seria viável sem o auxílio financeiro e olhar visionário dos líderes de *Washington*¹⁸⁷. Dessa forma, em todos os artigos que retratam as nascentes indústrias brasileiras, o desbravamento das partes interioranas, assim como as recentes tecnologias utilizadas pelas Forças Armadas,

¹⁸⁶ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter American Affairs. Ano 1 , nº 10, p. 11.

como aviões, navios ou mesmo armas, o apoio dos Estados Unidos é sempre revelado. Em vistas de exemplificação, podemos citar duas reportagens que deixam claro essa parceria, onde a vontade do governo brasileiro nada seria sem o auxílio técnico-econômico dos Estados Unidos.

A primeira é referente a Fábrica Nacional de Motores, que passou a ser um projeto possível de viabilidade graças à visita do ministro Salgado Filho aos Estados Unidos, onde, após verificar o sucesso da indústria aviadora estadunidense e estabelecer parcerias, pôde lançar as bases para implementar tais tecnologias em seu país. Com um acordo assinado por ele, a Fábrica Nacional de Motores do Brasil ficou autorizada a fabricar peças e ferramentas de crucial importância para a defesa de um Estado soberano e que ainda provinham somente do complexo industrial estadunidense.

Imagem 27 – Salgado Filho em *Patterson*.



Legenda: O ministro Salgado Filho inspeciona um motor na fábrica de *Patterson*, da Wright Aeronautical Corporation. Motores deste tipo serão fabricados nas oficinas da Fábrica Nacional de Motores do Brasil¹⁸⁸.

¹⁸⁸ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter American Affairs, Ano 3, n. 1. p. 23.

Em outro artigo, publicado meses mais tarde, é salientado no mensário que tal indústria iria impulsionar a economia e autonomia brasileira, ajudando-a não apenas no período bélico, mas também no seu desenvolvimento futuro. O progresso viabilizado ao país por meio da Fábrica Nacional de Motores havia proporcionado condições reais de civilidade aos habitantes da região circundante a ela. Onde antes existia uma região isolada, bucólica, com predomínio de ‘pântano e mosquitos’, com a instalação da Fábrica o lugar se tornava, a cada dia, um valoroso polo, com condições de abrigar, em curto espaço de tempo, cidades desenvolvidas e proporcionar condições de vida dignas aos seus habitantes¹⁸⁹.

Outra matéria, desta vez dedicada ao sistema de radiotelegrafia, sublinha o proveito que o Brasil estaria retirando da sua relação amistosa e de companheirismo com a causa de guerra Aliada. Com o título de “Novas ligações Brasil – Estados Unidos”, a reportagem explora os benefícios que tal tecnologia traria para atualizar o governo sobre notícias do mundo em tempo real, implicitamente inserindo-o a uma relação mais íntima com os estados adversários ao Eixo.

[...] de agora em diante, as fotografias recebidas através do rádio, nos Estados Unidos, procedentes das frentes de batalha, assim como de outras Nações Unidas, poderão ser retransmitidas imediatamente para o Brasil¹⁹⁰.

Como prova da eficácia de tal instrumento e da intimidade cada vez mais visível entre os líderes dos dois países, a fotografia abaixo, radiotelegrafada do Rio de Janeiro para Nova York, mostra Vargas e o embaixador estadunidense, *Jefferson Caffery*, em afetuoso aperto de mão, protagonistas das novas e proveitosas relações entre seus países.

¹⁸⁹ Idem. Ano 4, n. 1, p. 32.

¹⁹⁰ Ibidem. Ano 3, n. 1. p. 26.

Imagem 28 ¹⁹¹:– Aperto de mão entre Getúlio Vargas e *Jefferson Caffery*



Assim, a cada nova parceria, sonhos eram elevados a categorias mais próximas do real. Uma dessas aspirações dizia respeito ao desbravamento dos territórios inabitados (ou com baixa densidade demográfica) e possível desenvolvimento destes espaços, com vistas de melhoria nos padrões de vida de seu povo e contribuição para o crescimento do seu país. As expectativas referiam-se às regiões interioranas do Sul, Centro¹⁹² e da região amazônica, no norte brasileiro, principalmente.

A solução para o crescimento do Brasil parecia depender do progresso das potencialidades, principalmente domésticas, que estavam basicamente sustentadas pela exploração dos recursos do solo e do subsolo e em sequência, ao aprimoramento da mão-de-obra que era encontrado em abundância.

¹⁹¹ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n. 1. p. 27

¹⁹² Do início da década até meados dos anos 1940 as regiões brasileiras eram divididas segundo aspectos naturais Assim tínhamos as regiões Norte, Nordeste, Éste, Centro e Sul. In: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/29092003estatisticasecxxhtml.shtm> acesso em 04/02/12.

O interior do país, dessa maneira, passava a ser bastante promissor, ao mesmo tempo em que trazia grandes dificuldades, pois não possuía as condições necessárias para escoamento da produção e qualidade de vida para os futuros trabalhadores.

O conteúdo contido na 'Revista' mostra sempre que as dificuldades estavam sendo supridas. Juntamente com o investimento efetuado a um determinado lugar, estava vinculado todo um complemento estrutural, onde as dificuldades para saná-las encontravam-se em vias de resolução, por meio dos técnicos estadunidenses e governo brasileiro. Sobre o complexo siderúrgico da Vale do Rio Doce, os problemas infra estruturais mostravam-se, praticamente resolvidos.

A inhóspita região, a princípio, oferecia grande dificuldade para o escoamento dos minérios, uma vez que, por falta de estradas pavimentadas, eles eram feitos por linhas férreas rumando o porto da cidade de Vitória. Contando com as contribuições dos Estados Unidos, o cais deste porto estaria em expansão e modernização, para atender as demandas nacionais e internacionais. Entretanto, os projetos para o pós-guerra assentavam-se na possibilidade de escoar tais produtos "por terra e por mar", acelerando a produção e gerando lucros mais rápidos para seu país.

[...] quando estiverem concluídas as obras no vale do Rio Doce, os vastos recursos do interior encontrarão rápida saída, por terra e por mar, para abastecer agora a indústria bélica dos aliados e, depois da guerra, as indústrias do mundo inteiro¹⁹³.

Arelado à modernização desta indústria, estaria a provável melhoria da vida dos trabalhadores ou moradores circundantes, que careciam de boa saúde para perseverarem em seus trabalhos e residirem com mais motivação em territórios situados a muitos quilômetros das grandes metrópoles. A solução pauta-se, principalmente, na efetiva implantação de serviços sanitários que atenderiam às necessidades desta gente.

Assim, a siderúrgica só seria viável, segundo os discursos do governo Vargas, se fosse investido no trabalhador: "Para realizar o importante projeto de desenvolvimento extrativo no Vale do Rio Doce, o governo brasileiro

¹⁹³ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n. 7, p. 37.

considerou condição indispensável a manutenção e boa saúde e do bem estar dos trabalhadores¹⁹⁴. Para colocar em prática audaciosa proposta, pois demandava grandes investimentos e tecnologias, a parceria Brasil e Estados Unidos fazia-se fundamental: “O Serviço Cooperativo Interamericano ficou incumbido de executar as medidas indicadas para a garantir o estado sanitário da região¹⁹⁵”.

A promessa de uma habitação digna, juntamente com as expectativas de crescimento rápido do Brasil por meio da exploração de seus vastos e ricos recursos minerais, acompanhado da modernidade e conforto que tais empresas interioranas ofereceriam aos seus trabalhadores, tornava a propaganda impressa em ‘Em Guarda’ bastante tentadora para os milhares de famigerados dos confins brasileiros. As imagens abaixo retratam uma mina de ferro, com riqueza imensurável em minérios e uma futura e equiparada Vila de Operários da Vale do Rio Doce. Tais fotografias servem para contrastar os avanços que seriam verificados na inóspita região, com a efetiva ocupação e o avanço de tal espaço:

Imagem 29¹⁹⁶ – Pedreiras no Vale do Rio Doce



¹⁹⁴ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, ano 3, n. 7, p. 36.

¹⁹⁵ Idem. Ano 3, n. 7, p. 36.

¹⁹⁶ Ibidem. Ano 3, n. 7, p. 36

Imagem 30 – Habitações na região do Vale do Rio Doce



Legenda: Habitações baratas, assistência e saneamento são proporcionados aos trabalhadores nesta vila da região¹⁹⁷.

Uma outra siderúrgica, citada como mais importante que a Vale do Rio Doce, construída no vale do Paraíba, atraía promessas ainda mais positivas que a primeira citada. Na revista 'Em Guarda' consta que além do auxílio para o crescimento local, Volta Redonda poderia ser caracterizada como um marco do progresso do Brasil, pois tornaria o país autossuficiente em aço, tornando possível a existência de outras empresas. O alvoroço era disseminado a todos os brasileiros, fazendo com que “[...] milhares de operários ativam a conclusão da gigantesca usina de aço de que dará ao problema da siderurgia nacional a solução de grande futuro almejada por todos os brasileiros¹⁹⁸”.

¹⁹⁷ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n. 7, p. 37

¹⁹⁸ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n. 3, p. 22 e 24.

Mais uma vez vemos que a maioria das expectativas recaiam sobre as transformações infra estruturais ocorridas nos arredores da nascente siderúrgica, visando um eficaz escoamento da produção. Sempre são citados estes melhoramentos, que abordam a modernidade empregada e os meios de transporte e energia:

Grandes melhoramentos já estão sendo realizados nas vias de transportes brasileiras para atender ao tráfego de ida e volta da usina. Novos vagões, novas estações e sistemas de sinais foram construídos. A Estrada de Ferro Central do Brasil está sendo eletrificada no trecho entre o Rio e Laguna, e está se procedendo ao alargamento de vários túneis. Docas e armazéns no Rio de Janeiro e em Laguna estão sendo aumentados e numerosos navios cargueiros acham-se em vias de acabamento nos estaleiros nacionais¹⁹⁹.

Aliado aos discursos oficiais, os ânimos, com bastante razão, passavam a ser os melhores possíveis. Segundo o presidente Vargas “Volta Redonda será um marco da civilização brasileira, um exemplo tão convincente que afastará todas as dúvidas e apreensões acerca de seu futuro”. Prosseguindo em seu discurso, o que este complexo siderúrgico possibilitaria, seria uma mudança na própria história do país, marcada pela dependência estrangeira, pois instituiria no Brasil “um novo padrão de vida e um novo futuro, digno de suas potencialidades²⁰⁰”.

Aos trabalhadores da usina, próspera também seria sua qualidade de vida, que seria brutalmente modificada, pela interferência positiva de Volta Redonda no PIB nacional. Na imagem abaixo, consta a ‘moderna’ vila operária de Santa Cecília, que possuiria “1600 casas de moradia, construídos de tijolos e concreto, de um cinema, de modernos hospitais, hotéis, igrejas e escolas²⁰¹”. Com capacidade para mais de 5000 operários e dotada de um aparato de saúde, educação e lazer verificados apenas em grandes metrópoles brasileiras da década de 1940, tal vila endossava as promessas de que mais indústrias como a de Volta Redonda seriam encontradas, em pouco tempo, por todo o território nacional.

¹⁹⁹ Idem. Ano 3, n. 3, p. 24.

²⁰⁰ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n. 3, p. 24.

²⁰¹ Idem, Ano 3, n. 3, p. 24.

Imagem 31²⁰² – Vila Operária de Santa Cecília



Outro foco de progresso, capaz de enriquecer a região e elevar a economia brasileira seria a extração da borracha do Amazonas. Ao Brasil, se fossem empregadas medidas eficazes para tirar proveito da Segunda Guerra Mundial, que traria inúmeras possibilidades aos países que se dedicassem a tal extração, toda a parte norte do território seria beneficiada. A importância deste produto para a vitória Aliada era bastante destacada e em comparação a outros produtos primordiais, como o petróleo, a borracha parecia ser indispensável no contexto bélico:

Depois desta guerra, quando os historiadores se entregarem ao registro da parte que desempenharam na luta os vários beligerantes, é quasi certo que, dentre as muitas contribuições para a vitória, feitas pelas Nações Americanas, a que se refere à borracha estará dentre as de maior destaque²⁰³.

A borracha poderia oferecer aos seus extratores e ao país lucros sem precedentes na história, superando mesmo o auge da extração da borracha no início do século, tudo isso porque o momento em que se encontravam exigia uma

²⁰² Ibidem, Ano 3, n. 3, p. 24.

²⁰³ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 2, n.7, p.26.

demanda muito superior deste produto, “sem a borracha, nenhum exército moderno pode se movimentar²⁰⁴”. Decorrente desta necessidade é prenunciado um advento da economia nortista, da melhoria do padrão de vida da população por causa desta cultura e novamente, do apoio tecnológico dos Estados Unidos para esse desenvolvimento.

Os ‘vazios territoriais’, que destaca Junqueira, pouco a pouco começavam a perder espaço para o homem moderno, uma vez que, para adquirir destaque perante o mundo, fazia-se preciso o domínio da natureza hostil. As dificuldades da permanência nessas regiões, antes marcadas pela falta de comunicação com outros lugares, proliferação de doenças e falta de saneamento básico, sucumbiam perante os inúmeros aparelhos criados pelos países mais modernos. Tais problemas estavam sendo solucionados:

Especialistas em saneamento têm devassado todas as regiões sujeitas à presença do mosquito, de maneira a estabelecerem o mais rigoroso saneamento contra a malária. Os serviços de higiene e saúde pública dos países interessados no projeto têm instalado modernas clínicas situadas em locais estratégicos para essa campanha fundamental. Enfermarias flutuantes, completamente equiparado com todos os recursos médicos e terapêuticos, estão organizadas num sistema de serviço rápido, por meio de lanchas, ao longo das águas do Rio Amazonas e seus afluentes. Quatro grandes hidroaviões americanos farão viagens regulares, conduzindo a correspondência postal e abastecimentos e trazendo, de torna-viagem, preciosos carregamentos da ‘hevea’.

O crescimento de pequenas cidades, que se beneficiariam com o novo alvorecer da borracha, parece vislumbrar os brasileiros: “Porto Velho, Boca do Acre e João Pessoa estão passando de simples denominações cartográficas para centros nervosos na construção dinâmica de um novo grande império do interior²⁰⁵”. Nota-se que as aspirações elevam tal região a um ‘grande império’, capaz de engrandecer pequenas povoações e enriquecer seus moradores.

A região amazônica parecia apresentar muito mais do que uma fonte inata de borracha. Entre sua rica vegetação se escondia outras tantas potencialidades que ainda não haviam sido descobertas pelo homem moderno e desbravador. Para tal descoberta, seriam necessários que fossem devidamente

²⁰⁴ Idem, Ano 2, n.7, p.26.

²⁰⁵ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 2, n.7, p.28.

instalados neste inóspito território, núcleos de bravos homens e mulheres determinados ao desbravamento e comprometidos com o ideal de sucesso do Brasil, que em consequência receberiam uma abrupta melhoria na qualidade de vida.

A instalação definitiva desses modernos colonos se fara também em bases que lhes assegurarão o máximo de produtividade. E em devido tempo, poderão eles contar com a realização de suas esperanças para uma vida melhor, mais farta e menos preocupada, como pioneiros que são no trabalho de desbravamentos de riquezas que representam mais do que a extração da borracha, porque vão abrir novos horizontes para as imensas possibilidades que se encontram inertes nos recônditos da vasta Amazônia²⁰⁶.

Para além da região amazônica, um advento notável estaria sendo percebido com a modernização e/ou instalação de indústrias do ramo têxtil e de sericicultura em várias outras regiões. Decorrente da crescente demanda por tecidos de seda, algodão, linho e lã, não apenas o mercado doméstico estimulava tal consumo, mas também, estes produtos ganhavam a simpatia no mercado internacional. Para mostrar quão promissora era a instalação de indústrias deste ramo no Brasil e de seu peso para tornar o país autossuficiente no que diz respeito ao vestuário, era citada o contentamento de seus compradores em solo estadunidense. Na foto abaixo, percebemos mulheres distintas, possivelmente pertencentes a setores mais abastados da sociedade estadunidense, escolhendo tecidos brasileiros para a confecção de suas roupas:

²⁰⁶ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 2, n.7, p.28.

Imagem 32 – Mulheres distintas optando por tecidos do Brasil



Legenda: Belas fazendas de sêda da indústria brasileira nos balcões de uma grande loja de modas da cidade de Nova York. A qualidade dos tecidos e variedade dos desenhos tornaram-nas mais apreciadas²⁰⁷.

Os planos representados pelo periódico são que, no prazo de poucos anos este setor industrial conseguiria suprir um mercado interno em crescente expansão, tanto populacional quanto material, enquanto a riqueza obtida com este negócio não encontraria comparativas em nenhum outro país²⁰⁸. Os reflexos disto seria o de permitir aos brasileiros o usufruto de tecidos de qualidade, oriundos de seus próprios recursos, valorosos no exterior e responsável por cooptar lucros à sua própria nação. Assim, a dependência de décadas do Brasil aos produtos têxteis estrangeiros veria “o dia em que seus cidadãos poderão vestir-se exclusivamente com tecidos nacionais²⁰⁹”.

Com a indústria de sericultura as promessas não são nada diferentes. Sempre elevando o Brasil a uma categoria suprema no que condiz a qualidade do clima, solo e empenho governamental, a produção do bicho da seda também é aguardado como um dos grandes alavanches para o progresso industrial do ‘bom vizinho’ dos Estados Unidos. Apresentando a Segunda Guerra Mundial como motivadora deste empreendimento, a reportagem destaca as condições pré-existentes no solo brasileiro, para a total adequação da sericultura. Assim, após a

²⁰⁷ Idem, Ano 4, n. 4, p. 15.

²⁰⁸ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 4, n.4, p.15

²⁰⁹ Idem, Ano 4, n. 4. P.14.

demanda ocorrida pela Guerra “[...] em várias nações do hemisfério têm havido a criação do sirgo com maior ou menor resultado; o Brasil, porém, possui mais acentuadamente os fatores essenciais para a criação dessa nova riqueza²¹⁰.”

Ao mesmo tempo em que os benefícios de tal cultura eram veementemente destacados, algumas preocupações surgiam referentes à fabricação de produtos sintéticos, que poderia causar preocupações acerca do verdadeiro sucesso da seda em mercado mundial. Entretanto, pelo olhar otimista dos editores de ‘Em Guarda’ o momento presente mostrava que tal indústria, dotada de modernos equipamentos e mão de obra empenhada, não decairia em um futuro distante.

O futuro da sêda brasileira, depois da guerra, com a renovada competição que se fará sentir de outras origens, e com o desenvolvimento das fibras sintéticas, ainda é, naturalmente, incerto. Mas seja qual for o resultado, os brasileiros podem contar com a sua nova indústria como um importante fator na industrialização do país e no valioso estímulo que veio dar ao comércio interamericano²¹¹.

Desse modo, os grandes projetos econômicos citados pela ‘Em Guarda’ estão relacionados à construção da Usina de Volta Redonda, da Fábrica Nacional de Motores, da exploração significativa da borracha no Amazonas, da Vale do Rio Doce, e do prolongamento de indústrias têxteis e de sericicultura. Notável faz-se perceber que praticamente todas elas referem-se à devida exploração das riquezas previamente existentes no solo brasileiro e que até o momento da publicação da Revista ainda era importado para consumo nacional ou necessitava dos recursos estrangeiros para consolidar tal extração.

3.2.2 Resultados em Longo Prazo: a Equiparação aos Estados Unidos

Essa insistência em fomentar que a industrialização do Brasil acarretaria em uma melhoria do padrão de vida de seus habitantes, que residiam em cidades interioranas, parece salientar o atraso que o país ainda vivia na década de 1940, principalmente se fosse comparado a nações mais ricas e desenvolvidas tecnologicamente, como era o caso dos Estados Unidos. Ao longo da Revista, várias

²¹⁰ Ibidem, Ano 4, n. 7, p.23.

²¹¹ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 4, n. 7, p. 27.

reportagens enfocam a organização e a prosperidade material das médias e grandes cidades estadunidenses, destacando seus líderes e sua população empenhada na construção de sua nação. As regiões interioranas que foram o palco do desenvolvimento tecnológico, fruto de longos e difíceis anos de trabalho, serviram para elevar as condições de vida de sua população.

O caminho para as despovoadas e selvagens regiões do território, hoje definido como estadunidense, não havia sido fácil. Rodeada por perigos constantes, com animais de grande porte e hostis ao ser humano, estas porções de terras ofereciam riscos inimagináveis aos desbravadores já que, segundo a reportagem, eram imensos campos, montanhas e matas ausentes da ocupação humana. Ao citar o povoamento ocorrido no oeste do território, foi descrito:

Há menos de um século, a região dos Montes Rochosos, no oeste dos Estados Unidos, era quase completamente inculta e deshabitada. O castor, o veado, o urso e o antílope eram ali encontrado sem profusão. E nas planícies ao este, havia os búfalos, em grandes manadas²¹².

Caracterizado como 'inculto', tais espaços davam a impressão de terem tido pouca ou nenhuma influência da rica cultura indígena, que povoava tais terras desde tempos imemoriais. Aliás, estes povos eram citados como meros elementos sem vontade, sem valor e sem modo de vida organizado. Tais preconceitos advinham da mentalidade europeia, que tratava povos diferentes como 'incivilizados'²¹³. Referindo-se à cidade de *Duluth*, no estado de *Minnesota*, nenhum morador ou transeunte, anterior à fixação dos pioneiros, parece ter tido importância: "Em 1870 ali só havia índios, caçadores e alguns exploradores esporádicos, mas não existia sequer uma única povoação²¹⁴".

Houve um total menosprezo pelos indígenas residentes nestas planícies distantes, ao mesmo tempo em que elevaram aqueles que se engalfinharam em territórios desconhecidos, buscando riquezas pessoais. Desse modo, frisar as dificuldades enfrentadas por estes homens e mulheres, que em grandes números padeceram no enfrentamento com nativos ou mesmo infectados

²¹² Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n.6, p. 10.

²¹³ Karnal, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XX**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 59.

²¹⁴ Revista Em Guarda, Ano3, n. 7, p. 22.

por doenças, serve como prova do valor de tal povoação. A conquista dos imensos espaços 'selvagens', naturais, não havia sido em vão. Junto com seu crescimento muitos heróis nacionais anônimos haviam surgido:

Aqueles que para lá foram tiveram que atrelar 46 juntas de bois a um simples carro, para poder vencer os caminhos íngremes nas montanhas do Oregon. Sua jornada de 3000 quilômetros estava assinalada pelas ossadas de bois, pelas viaturas quebradas, pelas peças de mobiliário deixadas ao abandono e pelas sepulturas dos pioneiros que tombaram, mortos de cansaço, de fome e sede²¹⁵.

Mesmo em terrenos longínquos e perigosos, o pioneiro parecia não esmorecer, utilizando seu espírito desbravador na transformação do ambiente hostil em seu favor. Foram construídas pontes, estradas férreas e eficientes sistemas de irrigação na tentativa de tornar possível a vida na porção ocidental do país. O homem estadunidense galgava novos territórios, onde pudesse viver em harmonia de espírito e conforto material.

Como resposta, os espaços virgens considerados entraves para o estabelecimento das povoações humanas, se convertiam em oportunidades para estes mesmos personagens. A natureza era progressivamente modificada pelo homem civilizado. Nas imagens mostradas abaixo, a terra árida passa a ser explorada satisfatoriamente produzindo legumes e verduras para o abastecimento de diversos mercados internos. A introdução de sistemas de irrigação e grandes pontes que surgiam nos mais inusitados terrenos eram a resposta para a eficácia desta lucrativa produção.

²¹⁵ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n.5, p. 8.

Imagem 33 – Lavoura nos Estados Unidos

Legenda: Na costa ocidental dos Estados Unidos a lavoura é feita geralmente nos vales, em regiões que, antes, eram áridas. Graças aos trabalhadores de irrigação, essas terras são agora extremamente férteis, produzindo grande quantidade de frutas e de legumes para o país inteiro.

Imagem 34 – Pontes estadunidenses

Legenda: Operários trabalhando na construção de uma ponte no vale central da Califórnia. Numerosas pontes têm facilitado as vias de comunicações nessa vasta área produtiva²¹⁶.

Aos poucos, estas porções recentemente colonizadas traziam aos seus habitantes, possibilidades sem comparações na história. A elevação da economia local, fruto do eficiente planejamento governamental, baseava-se na exploração dos recursos naturais existentes em abundância para a sua utilização em prol da própria população. Mesmo sendo inicialmente desprezadas, as florestas, rios e montanhas da chamada Nova Inglaterra, foi tida como crucial para o alavancar regional e após ser explorada por programas adequados de desenvolvimento, pôde, no século XX, chegar a se tornar um dos maiores centros industriais do mundo²¹⁷.

²¹⁶ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n.5, p. 10.

²¹⁷ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n.9, p. 22

Imagem 35 – Pedreira nos Estados Unidos

Legenda: [...] A região da Nova Inglaterra, na sua parte rochosa, tem numerosas pedreiras que abastecem grande parte do mercado interno²¹⁸.

Dotado de paisagens contrastantes, que englobavam as longínquas regiões do interior e os povoados cenários urbanos, os Estados Unidos estava representado como uma terra onde tal requisito não era empecilho para a modernidade e progresso nacional. Cada região, contribuindo com suas potencialidades humanas e naturais, auxiliava no engrandecimento econômico de seu país. Com vias que ligavam os extremos do território e meios de transporte eficientes dotados de grande capacidade de cargas, poucos seriam os problemas enfrentados pelos habitantes de estados localizados distantes da costa atlântica²¹⁹.

Os Estados Unidos experimentaram uma mudança bastante abrupta entre uma economia basicamente agrícola a um amplo e lucrativo setor industrial, herança direta do fim da Guerra de Secessão e crescimento do mercado interno.

²¹⁸ Idem, Ano3, n.9. p. 23.

²¹⁹ Para Tota, com a implantação da Ferrovia Transcontinental, as viagens da costa atlântica à pacífica reduziram-se a apenas seis dias. In: TOTA, Antonio Pedro. **Os americanos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 101.

Com as fronteiras territoriais ainda sendo definidas e as contribuições financeiras advindas da extração de minérios e diversificada agricultura, que as novas terras conquistadas trouxeram, o país pôde dispor de capital para fortalecer sua indústria²²⁰.

Surgiram grandes metrópoles, abastecidas das mais modernas tecnologias, como energia elétrica e telefone²²¹, bem como meios de transportes, serviços sanitários e de saúde pública bem diferentes dos que eram vistos no restante do continente americano, principalmente na América Latina. Todas estas provas das transformações de um país, que surgiu a partir de poucos peregrinos e que, após inúmeros conflitos com a colonizadora Inglaterra, trouxeram uma unidade nacional e um glorioso futuro moral e material à sua população, oferecia aos seus vizinhos, e especialmente ao Brasil, expectativas positivas acerca de um futuro parecido.

Mostrar que, mesmo em meio a grandes dificuldades no povoamento e no enriquecimento sob um solo hostil e 'desabitado', a industrialização aconteceu de forma vitoriosa, fomentava nos leitores de 'Em Guarda', (assim como os tantos outros apreciadores de periódicos, jornais, filmes, propagandas estadunidenses, ...) a impressão bastante positiva nos caminhos que estavam sendo tomados pelo governo brasileiro para a elevação das suas regiões interioranas, aproveitando seus potenciais minerais, agrícolas e humanos.

As necessidades causadas pela Guerra nas décadas de 1930 e 1940, não pareciam apenas auxiliar o Brasil em seu alance industrial, mas também ao seu vizinho da América do Norte. Desta maneira, as cidades com baixa densidade demográfica viram surgir novos dias devido às condições oferecidas pelo conflito mundial. O crescimento delas foi significativo, justamente por beneficiarem-se do alargamento das indústrias têxtil, da construção naval e da extração da cal, do ferro e de outros produtos²²².

Com o vertiginoso deslanchar industrial, as possibilidades de consumo da população também seguiam a mesma direção, dotando-a de um poder

²²⁰ Idem, 98.

²²¹ Vários inventos revolucionaram o século XIX e colocaram os Estados Unidos na dianteira da modernidade experimentada na época. Entre eles podemos destacar o telefone e a lâmpada elétrica, dos estadunidenses Graham Bell e Thomas Edison, respectivamente. Também a Máquina rotativa que imprimia milhares de jornais em um curto período de uma hora, colhedoras mecânicas, cinema. In, Tota, Op. Cit. p.103.

²²² Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, ano 3, n.8, p.23.

aquisitivo sem precedentes. Tais riquezas eram observadas, em especial, nos ambientes urbanos, de grandes e importantes cidades que traziam um charme arquitetônico contrastado com bens materiais de alto valor e utilidade, capazes de oferecer qualidade de vida aos seus consumidores. Na imagem abaixo visualizamos em meio a grandes prédios, automóveis, postes de energia elétrica e bem trajados habitantes da cidade de Atlanta, em um ensolarado dia da década de 1940, ícones do progresso e da confortável vida estadunidense.

Imagem 36 – O centro da cidade de Atlanta, na Georgia. Grande centro comercial e sinônimo de progresso material da nação estadunidense



Após esta breve verificação de artigos, que salientam a modernização do território estadunidense, proveniente da eficaz aplicação dos recursos tecnológicos atrelados ao espírito empreendedor de seu povo, analisaremos como eram divulgadas as grandes cidades do Brasil que, à luz do progresso, já poderiam se equiparar a grandes metrópoles mundiais. Tal

modernização parecia constatar que ao interior brasileiro estava direcionado o mesmo destino, que não tardaria muito para se realizar.

As cidades brasileiras que recebem o maior destaque²²³, ganhando reportagens exclusivas sobre sua organização são as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Em tais artigos, alguns elementos existentes nos municípios, como a arquitetura e planejamento urbano, são equiparados a de cidades importantes dos Estados Unidos. No entanto, a visão que se constrói destas capitais, são bastante generalizantes, já que, na intenção de causar boas impressões nos leitores e construir uma imagem positiva do futuro promissor do Brasil, as discrepâncias econômicas são excluídas das páginas de 'Em Guarda'.

Ao citar a capital paulista, na tentativa de descrever o estilo de vida levado por sua população, que aproveita os benefícios causados pelas indústrias existentes na cidade e dos lucros provenientes da exportação do café, as imagens criadas são em demasia distorcidas. Somente as áreas centrais da cidade com suas ricas moradias são citadas, excluindo totalmente os grandes problemas sociais e urbanos causados pela grande quantidade de habitantes que estas possuíam. Abaixo, uma fotografia que pretende expor uma moradia típica dos paulistanos e a legenda que a acompanha:

²²³ No acervo disponível para consulta.

Imagem 37 – Casa dos paulistas



Legenda: A residência dos prósperos e ativos paulistas reflete a sua apreciação pelo moderno estilo arquitetônico prático e belo, sendo um dos ornamentos da grande metrópole do sul²²⁴.

Vemos nessa fotografia que bem longe estaria esta imagem da realidade vivenciada pela maioria dos paulistanos da época. Os adjetivos remetidos aos paulistanos ‘prósperos’ e ‘ativos’ diz respeito a homens e mulheres que foram bem sucedidos naquilo que empreenderam e que conseqüentemente desfrutavam de conforto e modernidade. Infelizmente a postura ‘ativa’ geralmente não fazia todos os habitantes da metrópole desfrutarem da mesma condição de vida, mesmo vivendo na cidade mais industrializada do país²²⁵.

A cidade de São Paulo também seria um exemplo típico de cidade bem planejada. A sua organização estrutural, que separava das grandes indústrias as moradias dos paulistas, exemplificava o olhar de futuro do governo brasileiro, que atrelava qualidade de vida a transformação econômica. Modernas também seriam as soluções encontradas para conter o intenso tráfego de automóveis, que na região central espremiavam-se sob as ruas apertadas da antiga cidade. Com a construção de

²²⁴ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 2, n. 6, p. 36.

²²⁵ Segundo estatísticas do IBGE, na primeira metade da década de 1940 a cidade de São Paulo possuía aproximadamente cerca de 2668 logradouros, destes, 1425 ainda não dispunham de pavimentação, 1094 estavam sem iluminação pública e 115 não utilizavam água potável encanada. In: Serviço de Estatística da Educação e Saúde. Anuário estatístico do Brasil 1941/1945. Rio de Janeiro: IBGE, V.6, 1946.

viadutos e vias de grande extensão, que ligavam os extremos urbanos facilitando e acelerando o trânsito de passageiros, a capital paulista era exemplo de modernidade e perspicácia dos seus moradores²²⁶.

Em nada poderia se diferenciar esta grande cidade brasileira das conhecidas capitais estadunidenses, uma vez que a trajetória dos dois países, oriundos de colonizações diferenciadas, no contexto analisado, parecia não fazer diferença. O que parecia importar era a vontade que o governo brasileiro tinha em transformar seu país e inseri-lo nos trilhos de um mundo que estava por séculos em movimento. Aos poucos o Brasil realmente parecia participar ativamente do 'progresso' material e técnico do qual gozavam muitas outras nações. O arranha-céu poderia ser considerado com um dos símbolos destes novos tempos.

Imagem 38 – Arranha-céus em São Paulo



Legenda: As ruas da moderna São Paulo são amplas e os edifícios, altos. É obras do idealismo prático e realizador.

²²⁶ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 2, n. 6, p. 36.

Imagem 39 – Praça pública em São Paulo



Legenda: O coração da cidade de São Paulo – um triunfo de planificação no qual a utilidade do moderno “arranha-céu” harmoniza com o conjunto das edificações de uma grande metrópole, famosa também pelo seu progresso industrial²²⁷.

A capital mineira também foi comparada a uma das grandes cidades estadunidenses: a capital Washington. Mesmo tendo sido fundada sob “pitorescos planaltos”, ao longo de poucos anos (na data da reportagem contava 47 anos) esta próspera cidade havia tido um crescimento populacional expressivo, chegando a 250 mil habitantes. O resultado de tal sucesso estaria relacionado ao seu povo, que possuiria uma ‘imaginação fértil’ e ‘prática’, capaz de transformar Belo Horizonte à capital estadunidense.

Produto da imaginação fértil de um povo prático, a cidade – Belo Horizonte – simbolizou a largueza de visão dos semeadores de uma metrópole que, pelo seu cuidadoso traçado, viria a ser, na América do Sul, o que Washington é na América do Norte: uma cidade construída de acordo com um plano preestabelecido. [...] ²²⁸

²²⁷ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 2, n. 6, p. 37

²²⁸ Idem. Ano 4, n. 1, p. 19.

Imagem 40 – Belo Horizonte

Legenda: Vista da famosa Avenida Afonso Penna, em Belo Horizonte, a cidade mineira que, como Washington nos EE.UU., foi construída de acôrdo com um plano.

Percebemos que a fotografia traz um ângulo que privilegia grandes edificações de arquitetura imponentes, assim como vias pavimentadas e de grande porte, geralmente inseridas no centro da cidade. Seus grandes edifícios pareciam comprovar os rumos promissores que o Brasil poderia seguir, pois as grandes metrópoles estadunidenses possuíam também estas construções verticais. A capital brasileira do período também era descrita como sinônimo de modernidade e planejamento urbano, podendo atingir rumos ainda mais certos com a aliança de guerra a favor dos Aliados.

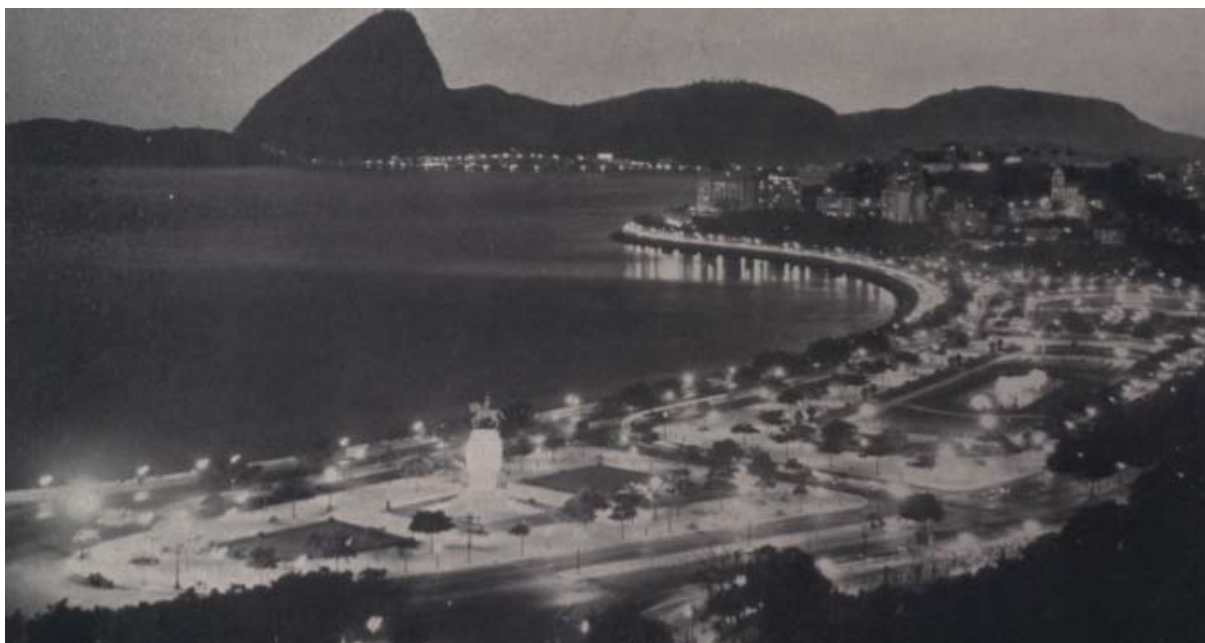
Imagem 41 – Rio de Janeiro

Legenda: Hotéis magníficos e edifícios grandiosos, de par com algumas das mais luxuosas casas de apartamentos, realçam os bem traçados artérias da Cidade Maravilhosa²²⁹

O diferencial da cidade do Rio de Janeiro é que além da modernidade em suas construções civis, a paisagem natural, imbricada nos morros e praias que serviam de cartão postal brasileiro, era citada como um ambiente de contrastes, uma vez que dividiam o mesmo espaço, natureza e tecnologia. Sinônimo de brasilidade no período, o gigante e diversificado país possuía uma bela capital que encantava os turistas do mundo inteiro, inspirava enamorados e servia como palco para diversas produções cinematográficas hollywoodianas²³⁰.

²²⁹ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 1, n. 10, p.13.

²³⁰ Além dos filmes citados no capítulo anterior, outras produções encantaram milhares de espectadores nos cinemas estrangeiros, tendo como pano de fundo o Rio de Janeiro. Entre eles destacamos “Voando para o Rio”, de 1933 e “Uma noite no Rio”, de 1940. Ver: FREIRE-MEDEIROS. Bianca. **O Rio de Janeiro que Hollywood inventou**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Imagem 42 – Cartão-postal carioca

Legenda: Rio de Janeiro, única cidade do mundo onde a beleza natural se harmoniza com o progresso. Conhecida pelos turistas como uma das mais lindas metrópoles, o encanto da Guanabara aqui ressalta emoldurado pelo perfil majestoso das montanhas²³¹.

Dessa maneira, mesmo sendo um país de economia em desenvolvimento, dependente em muitos quesitos do apoio material do exterior, o Brasil foi sendo apresentado como um ambiente provavelmente em vias de desenvolvimento. Possuidor de regiões interioranas em gradual crescimento, oriundo, principalmente, pela instalação de indústrias de base, para exploração das riquezas do seu solo, o estado de Vargas surgiu na mídia estadunidense como um país de futuro próspero, pois seguia caminhos semelhantes ao de seu vizinho do norte.

Algumas capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, eram provas reais de que a mente inovadora brasileira atrelada ao capital dos Estados Unidos poderia ser uma fórmula de sucesso para o erguimento da economia nacional e conseqüentemente melhoria da qualidade de vida do seu povo. Assim, a longo prazo, tomadas as medidas corretas, transparecia pela revista 'Em Guarda' que o Brasil tinha potencial necessário para crescer, bastava apenas tirar proveito das possibilidades surgidas com as demandas da Guerra.

²³¹ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 1, n. 10, p.11.

3.2.3 Resultados de Curto Prazo: o Triunfo da FEB e o Futuro das Forças Armadas

Neste último tópico, destacaremos os resultados que estavam sendo vistos durante o decorrer da Segunda Guerra Mundial, iniciado em 1944 quando da aliança afirmada entre os Estados Unidos e o Brasil: a participação da Força Expedicionária Brasileira no *front* italiano. Acreditamos que, no corpo da revista, a sucesso da FEB no combate contra *tedescos*, passa a se tornar a mostra real de que as expectativas na transformação econômica brasileira eram mesmos possíveis. Crer que, em um futuro não muito distante, as regiões ainda inóspitas do norte e sudeste, principalmente, se transformariam em importantes centros industriais, só ganhava respaldo em face da vitória dos pracinhas na Europa.

As narrativas dos atos heroicos e espetaculares, realizados pelo corpo de um Exército ainda jovem, pareciam acirrar os ânimos dos leitores mais otimistas, elevando o país de Vargas a permanecer em uma posição sublime de crescimento interno e defesa da liberdade mundial. Aos parceiros de *Roosevelt* ou de seu sucessor *Harry Truman*, parecia caber os créditos das façanhas da FEB, que por intermédio do auxílio material saído de seus cofres não teve todo o contingente padecido sob as baixas temperaturas do inverno de 1945 e a mira do ‘inimigo’ alemão.

Concomitantemente, as políticas empregadas pelo líder do Estado Novo (que referiam à substituição de importações e implantação de indústrias de base) serviam positivamente para lançar novos tempos para as suas Forças Armadas, que herdeiras de longas décadas do capital e tecnologia estrangeira, poderiam galgar rumos bastante satisfatórios na defesa do extenso litoral brasileiro, refletindo na proteção do próprio continente sul americano.

Sem o apoio de importantes homens, que assumiam cargos de grande prestígio ao lado do presidente Vargas, nenhum resultado positivo aparentava ser possível ocorrer. Nas menções feitas a estas personalidades, eram citados como símbolos de moral e bons costumes, que honravam o país ao qual representavam. Mascarenhas de Moraes, Oswaldo Aranha, Salgado Filho e Eurico Gaspar Dutra, em especial, eram tratados como heróis nacionais, pois de maneira brilhante e perspicaz, enfrentavam todas as adversidades na intenção de reaver a honra brasileira perante outras nações mundiais.

Imagem 43 – Líderes brasileiros e estadunidenses.



Legenda: O chanceler Oswaldo Aranha, símbolo da conciliação diplomática, ladeado pelo almirante Aristides Guilhem e general Eurico Dutra, símbolos da força armada para a qual teve o Brasil de recorrer em defesa da sua honra²³².

Em uma reportagem sobre o General Mascarenhas de Moraes a sua hombridade é exaltada não sendo questionado a sua capacidade intelectual para comandar a FEB, mas sim, salientam a sua capacidade em cumprir promessas, em pensar no bem estar de seus soldados. Esta reportagem narra uma das idas do General ao *front* de guerra para ver as reais condições dos soldados brasileiros, que por sua simplicidade e entrega na causa bélica prefere dormir em um auto caminhão que ganhou de *Mark Clark* ao invés de dormir em seus aposentos na Itália.²³³

O Ministro da Aeronáutica também teve seu nome destacado nas páginas do periódico, principalmente após sua visita a *Roosevelt*. Salgado Filho visitou campos de treinamento de paraquedistas no estado do *Tennessee* e checkou os preparativos para a produção de motores estadunidenses na Fábrica Nacional de Motores do Brasil. Em resposta à sua ilustre visita e ao presente dado aos soldados estadunidense de 40.000 sacas de café, Filho ganhou do governo dos Estados Unidos uma medalha de honra da Ordem ao Mérito, “a mais alta condecoração norte-americana dedicada aos estrangeiros ilustres²³⁴”.

²³² Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 1, n. 12, p.3.

²³³ Idem, Ano 4.

²³⁴ Ibidem, Ano3, n.1, p. 23.

A mesma condecoração recebeu o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, que segundo consta, lhe foi conferida “pelos relevantes serviços prestados a bem do esforço de guerra das Nações Unidas²³⁵”. Sua presença no solo estadunidense simbolizava a prontidão do Exército brasileiro para a luta Aliada, que no momento citado, encontrava um país todo mobilizado para a participação no conflito. Dutra palestrou a respeito desta mobilização do Brasil, que contava com a proteção da costa nordestina, quadruplicação do Exército e da campanha antissubmarina para proteção contra o Eixo²³⁶.

Imagem 44 – Dutra sendo homenageado



Legenda: Condecorado com a Ordem do Mérito, o Gen. Dutra recebe a medalha, das mãos do Gen. G. Marshall²³⁷.

Ao mesmo tempo em que destacavam suas lideranças e o esforço de seu governo para o progresso de seus programas militares, eram enfatizados os empecilhos para a total liderança na porção sul do continente das Forças Armadas

²³⁵ Ibidem, Ano3, n.1, p. 38.

²³⁶ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano3, n.1, p.38.

²³⁷ Idem, Ano3, n.1, p. 38.

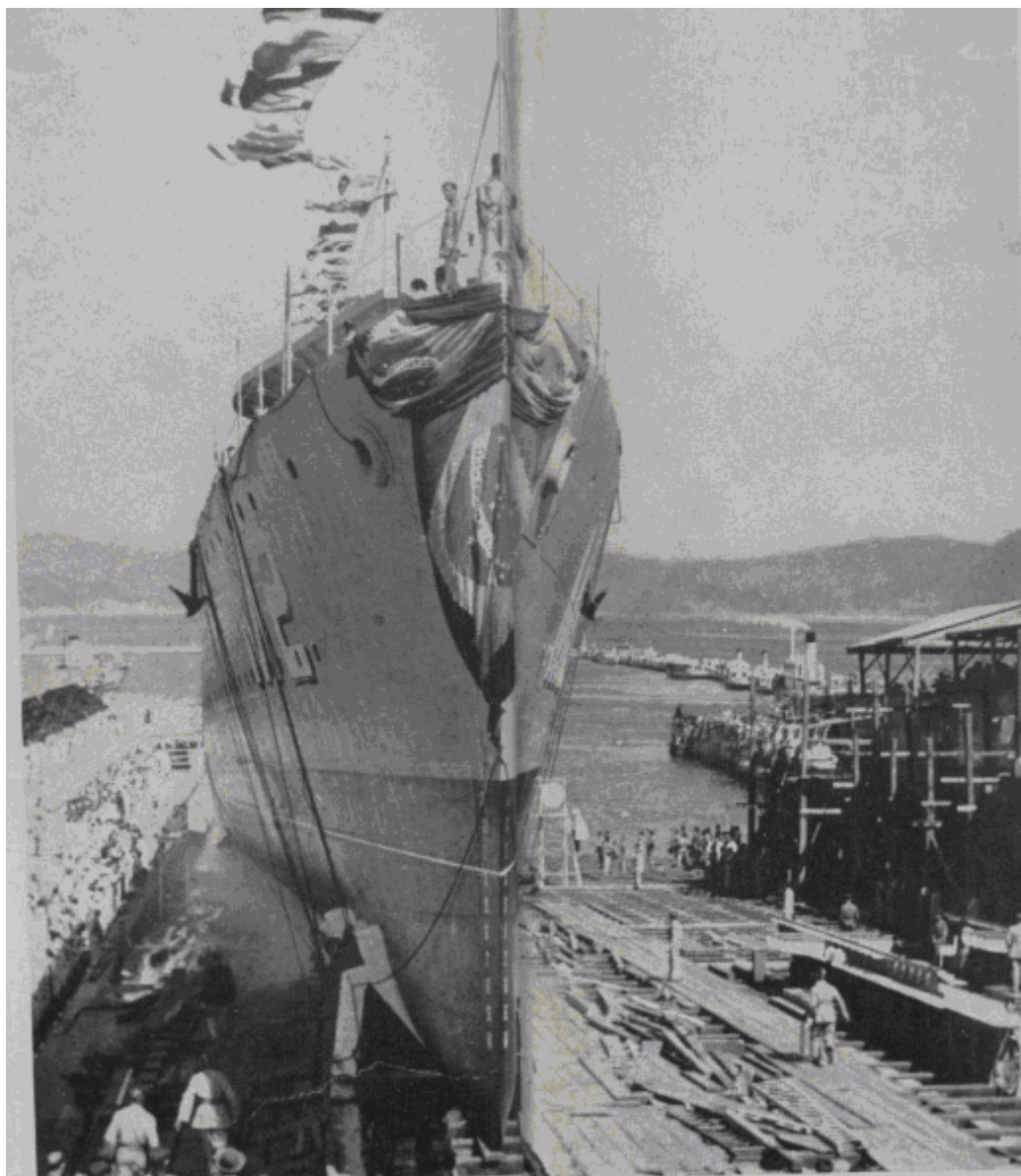
brasileira. Tal país ainda convivia com um atraso muito expressivo em sua frota militar, assim como de suas armas e dependência do combustível de outras nações. Foi citado que no século que antecede tal contexto, a Marinha do país era um dos mais poderosos do mundo, pois possuía uma grande e eficiente frota de navios, entretanto, com a substituição de navios de madeira pelos de aço, o Brasil havia perdido tal posto. O agravamento da situação ocorria pois a construção de sua frota não era realizada em seus limites, mas em estaleiros estrangeiros, onde os preços eram bastante elevados.

No entanto, a partir de 1936 e principalmente com as possibilidades ocorridas pela deflagração de outro enfrentamento militar a nível mundial, o país iniciou seu próprio programa para a construção naval. Diante da necessidade em defender o litoral de 7000 km (que se estendiam do Amazonas aos limites com o Uruguai) dos torpedeamentos 'injustificados' da artilharia alemã, era iniciado um forte programa de melhoramento da sua esquadra para equipará-la a de países mais desenvolvidos, de acordo com que exigia os destrutivos embates da Segunda Guerra Mundial²³⁸.

O estaleiro carioca estava alcançando uma produção significativa após o início do programa naval se comparado aos antigos itens que compunham a Marinha. Até meados dos anos 1930, o Brasil possuía dois couraçados que foram comprados no exterior: O 'Minas Gerais' e o 'São Paulo'. Com a agilização desta produção na Ilha das Cobras, mais três *destroyers* se encontravam em ação na costa do país e outros seis estavam em construção. Juntamente com mais " cinco canhões de 5 polegadas de duplo propósito, quatro metralhadoras e doze tubos lança-torpedos de 21 toneladas²³⁹".

²³⁸ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 2, n. 1, p. 23 e 24.

²³⁹ Idem, ano 2, n.1, p. 24.

Imagem 45 – Destroyer brasileiro

Legenda: O destroyer “Moniz e Barros”, ao ser lançado ao mar dos estaleiros do Arsenal da Marinha do Rio de Janeiro. Desloca 1500 toneladas, como dois outros do mesmo tipo, o “Greenhalgh” e “Marcílio Dias”. Seis mais estão em construção nêsse arsenal²⁴⁰.

Gigantes e imponentes, navios deste porte auxiliavam o envaidecimento do povo brasileiro que começava a se ‘bastar’ neste tipo de produção e impunha alguma confiança caso houvesse uma provável ofensiva em seu solo. Equiparados com armas ‘modernas’ e com poder de destruição relevantes, o maior país da América do Sul projeta-se como uma potência continental.

²⁴⁰ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, ano2, n.1, p.23.

Além da construção de navios, era projeto do governo brasileiro equiparar as Forças Aéreas com aviões militares produzidos em seu próprio complexo industrial. Foi assinado um acordo que autorizava o Brasil a fabricar os motores *Whirling* da *Whight Aeronautical Corporation* e que concedia o direito de produção de modelos de aviões de treinamento da *Fairchild Aircraft Corporation*. Situado nas imediações cariocas, tal programa auxiliaria a inserção brasileira no *ranking* de segundo país do continente americano a possuir uma poderosa indústria militar, auxiliando em seu crescimento comercial e defesa continental²⁴¹.

Para a direção desta indústria, foi escolhido o brigadeiro Antonio Guedes Muniz, da FAB, que havia ganhado destaque pela criação do avião de treinamento “Muniz”. Para assumir o empreendimento houveram treinamentos ministrados por especialistas estadunidenses que juntamente com o estilo “*gentleman*” e notável conhecimento em aeronáutica do brigadeiro, faziam com que as expectativas sobre o futuro promissor do estabelecimento fabril fosse o melhor possível. O Brasil seria incluído “no grupo de nações que dispõem de verdadeira indústria aeronáutica²⁴²”.

Mesmo iniciando tais projetos para tornar o Brasil autossuficiente na questão militar, o apoio para tal empreendimento parece não ser possível se não houvesse o apoio do governo estadunidense. Em uma reportagem que enfoca a Força Aérea Brasileira, a ênfase recaía no treinamento de ‘ótima’ qualidade que os aviadores estavam recebendo nos Estados Unidos juntamente com os aviões do mesmo país que estavam sendo mandados para seu ‘bom’ vizinho. Em uma fotografia que ilustra esta reportagem podemos perceber a relação de inferioridade que a Aeronáutica brasileira é relegada, já que seus integrantes vão à *Maryland* para serem instruídos. Durante este treinamento eles se encantam com a gigantesca indústria de aeronaves que em tempos vindouros seriam encontradas no Brasil. Abaixo a fotografia e a legenda desta reportagem:

²⁴¹ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 1, n12, p. 40 e 41.

²⁴² Idem, ano1, n.12, p.40.

Imagem 46 – Pilotos brasileiros em Maryland



Legenda: Numa fábrica de aeroplanos em Maryland, o major Renato Augusto Rodrigues, das Forças Aéreas Brasileiras, chama a atenção dos seus colegas aviadores para as excelentes características dos aviões²⁴³.

Os rostos de felicidade e admiração dos aviadores da fotografia criam uma sensação de total respeito aos aeroplanos e ao auxílio que o governo estadunidense provinha aos seus aliados. O espírito grandioso destes aviadores era postado na Revista como herança direta do “gênio criador de Santos Dumont²⁴⁴”, pois transcorriam vastidões do território brasileiro com poucos recursos como rádios ultrapassados e informações meteorológicas imprecisas. A unicidade americana mais uma vez está enfatizada, já que trazia equipamentos modernos ao Brasil, sublinhando uma posição de submissão dos brasileiros.

Sobre a participação brasileira na Guerra a revista aborda desde a adesão à causa aliada, em 1942, até a campanha brasileira na Itália e o seu desfecho vitorioso. O interessante a notar é que, além da exaltação que recai aos oficiais comandantes da FEB (Força Expedicionária Brasileira) e a Getúlio Vargas, o soldado anônimo e o seu espírito batalhador e inteligência incomparável dividem o mesmo espaço nas reportagens.

Segundo *Frank Norall*, correspondente do OCIAA na Itália, a FEB seria uma força da qual os inimigos teriam que respeitar, face a seus indescritíveis atributos. Um deles diz respeito à facilidade com que os soldados brasileiros

²⁴³ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 2, n. 6, p. 35.

²⁴⁴ Idem, Ano1, n.12, p.42.

aprendiam as instruções dadas pelos estadunidenses, dotando de orgulho seus experientes treinadores veteranos. Em uma das histórias narradas pelo correspondente da agência de *Rockefeller*, cinco soldados do Brasil, em um treinamento com morteiros de 60 mm, deixaram boquiaberto o seu instrutor, o primeiro-tenente *Charles Lynch*.

Durante uma orientação ocorrida no treinamento para ser acertado uma árvore a longa distância, os praças brasileiros, que apenas tinham usado tal arma no dia anterior, em três tiros não erraram nenhum, causando o deslumbrado comentário do primeiro-tenente estadunidense: “Estes homens assimilam a instrução rapidamente. Ainda não tive a necessidade de repetir coisa alguma²⁴⁵”. Porém, de nada adiantava a inteligência nata destes soldados sem a devida preparação recebida ainda no Brasil:

Mas a excepcional aptidão do soldado brasileiro para absorver rapidamente essas derradeiras instruções revela tanto as suas qualidades pessoais de inteligência como a proficiência do corpo de oficiais que os prepararam basicamente nos centros de instrução no Brasil²⁴⁶.

A FEB seria, segundo percebemos no decorrer dos artigos escritos, um conjunto perfeito de aparelhamento militar moderno com um oficialato eficiente e bem preparado, ciente das dificuldades que seriam enfrentadas no campo de batalha e cientes da importância que uma provável vitória traria às Nações Unidas. As lutas travadas contra os alemães não poderiam ser consideradas possíveis de sucesso sem a mútua colaboração entre soldados e seus comandantes.

O exército que o Brasil envia para as frentes de combate na Europa é, portanto, um conjunto perfeito de aparelhamento militar moderno. E na tropa se refletem todas as qualidades de coragem, de iniciativa e de disciplina que bem caracterizam a elite que compõe a sua oficialidade²⁴⁷.

Não podemos deixar de citar que em todos os artigos que citam o desempenho da Força Expedicionária Brasileira, tanto em seu treinamento ainda no

²⁴⁵ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, ano3, n.12, p. 16.

²⁴⁶ Idem, Ano3, n.12, p.18.

²⁴⁷ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n. 11, p. 4.

Brasil, ou mesmo depois de seu desembarque em na Itália o apoio técnico dos Estados Unidos faz-se presente, dotando o bom desempenho dos brasileiros nas ofensivas, como resultante do apoio logístico que recebera do Quinto Exército.

Hoje, o Exército brasileiro tem um efetivo quatro vezes mais numeroso do que quando foi declarada a guerra. Dispõe de novos hospitais, de novos quartéis e de escolas de preparação técnica. Novas fábricas de cartuchos e de armas pequenas estão em pleno funcionamento. Dos Estados Unidos lhe são enviados grandes peças de artilharia, tanques e equipamento motorizado. O Exército está pronto para qualquer eventualidade nesta hora decisiva para o mundo²⁴⁸.

Algumas situações inusitadas e até mesmo vergonhosas enfrentadas pelas tropas brasileiras na Europa são citadas em uma reportagem especificamente dedicada ao desempenho da FEB na Itália. As armas utilizadas pelo Exército brasileiro eram provenientes, em grande medida de países europeus, até mesmo da Alemanha, principalmente efetivada pelo Comércio de Compensação, que trocava matérias-primas por produtos acabados. Quando reuniu seus efetivos para combater ao lado dos Aliados, o governo dos Estados Unidos substituiu as antigas armas por equipamentos mais modernos, a fim de transformar as Forças Armadas do Brasil em uma força totalmente americana²⁴⁹.

Sair de um país, com clima tropical e cultura bastante destoante das privações impostas por uma frente de batalha, não foi tarefa fácil para os pracinhas. Estes brasileiros tiveram problemas com a alimentação, segundo o correspondente estadunidense, o general de brigada *John N. Greely*, pois mesmo sendo nutridos por enlatados de 'excelente' qualidade, rejeitaram a comida oferecida a eles por estarem acostumados com o típico arroz, feijão e café. A solução para o caso teve que partir do próprio governo brasileiro, que providenciou a inserção de tais produtos no cardápio dos soldados²⁵⁰.

Os uniformes apresentaram outro problema, já que eram muito finos para os baixíssimos graus verificados naquele inverno italiano. Coube novamente ao Exército dos Estados Unidos fornecerem roupas de lã para serem usadas por baixo do fino uniforme e sapatos resistentes, que por serem frequentemente usados em

²⁴⁸ Idem, Ano3, n.2. p. 25.

²⁴⁹ Ibidem, Ano 4, n.6, p. 35.

²⁵⁰ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 4, n.6, p. 35.

regiões árticas não sucumbiriam à umidade e ao frio dos *Foxholes*. A cor do uniforme também foi outro problema, uma vez que o verde-cinza do uniforme alemão era confundido com o verde-oliva do Brasil. Do Exército estadunidense partiu a iniciativa do fornecimento de jaquetas de campanhas para serem colocadas por cima do uniforme e assim evitar possíveis confusões²⁵¹.

O bem estar dos soldados brasileiros, o bom treinamento recebido pelos Estados Unidos atribuído com a coragem e humor 'típicos' do Brasil são os determinantes, segundo a revista, para o sucesso da campanha febiana na Itália. Parece que o tratamento dado aos soldados brasileiros é o melhor que poderia receber essas tropas. As reportagens que tratam desse tema geralmente mostram imagens onde os soldados estão felizes, descansando, passeando pela Itália ou Estados Unidos e em poses sorridentes e saudáveis. A imagem abaixo, integrante do último ano de edição da revista (1945) retrata um momento em que os soldados estão descansando em seus alojamentos:

Imagem 47 – Soldados brasileiros descansando



Legenda: Descansado um pouco no alojamento. Vêem-se o cabo Raymundo da Silva, de Minas-Gerais, e os soldados Lucindo Martins e João Traskos, do Paraná²⁵².

²⁵¹ Idem, Ano 4, n.6, p. 35.

²⁵² Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 4, n 5, p. 37.

Contrapondo com as memórias de guerras de ex veteranos de guerra da FEB, essa tranqüilidade retratada na fotografia eram exceções. O sofrimento das tropas brasileiras pela inexperiência com o armamento, ofensivas mal planejadas, frio intenso na Itália, saudades do Brasil, forte censura nos telegramas e imprensa, desconhecimento das causas reais do conflito e da causa da luta brasileira, sem sombra de dúvidas criariam nos soldados reações demasiadamente diferentes das retratadas nesta fotografia. O próprio alojamento aparenta ser bastante confortável, com ótimas instalações, diferente de muitas das residências da maioria dos soldados que tinham origem humilde e diferentes das condições vividas por muitos deles nas frentes de batalha²⁵³.

A maior prova que o Brasil poderia atingir um nível econômico e militar similar ao de seu 'vizinho' os Estados Unidos era percebida na 'bem sucedida' campanha militar na Segunda Guerra Mundial. O primeiro país latino a recrutar combatentes para integrar o babilônico Quinto Exército, era um sinal que o país de Vargas estava na vanguarda das demais nações latino-americanas. O discurso de supremacia na porção sul americana não vinha somente de membros do governo brasileiro, mas eram endossadas por próprias personalidades estadunidenses. Nas palavras do general Mark Clark ao Exército do Brasil, ele frisou o caminho grandioso que a nação galgava com sua bem sucedida campanha na Itália.

[...] podeis contar com gloriosos dias futuros. Ides verificar que, ao enfrentardes os alemães, deles nada tendes a temer. Eles vos respeitarão. Ides derrota-los em todos os encontros, em virtude de uma superioridade que eles nunca terão, marcando assim mais um brilhante capítulo da história do vosso grande e futuroso Brasil²⁵⁴.

A imagem escolhida para concluir este trabalho, traz algumas destas aspirações ou mesmo projeções de um Brasil que estaria sendo construído durante

²⁵³ Inúmeros ex-combatentes brasileiros narraram em livros ou diários suas experiências vividas na Itália. Alguns destes relatos ilustram a má organização das tropas, a inexperiência de seus líderes e as inúmeras dificuldades enfrentadas na Guerra. Algumas obras são bastante polêmicas, contrariando discursos oficiais que exaltam em demasia a oficialidade da FEB. Ver: UDIHARA, Massaki. **Um médico brasileiro no front: o diário de Massaki Udihara na II Guerra Mundial**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004 e SOARES, Leonércio. **Verdades e vergonhas da Força Expedicionária Brasileira**. Curitiba: Edição do autor, 1984. LOCASTRE, Aline Vanessa; Ferraz, Francisco Cesar Alves. O ceticismo da memória: considerações sobre narrativas de dois veteranos da Força Expedicionária Brasileira. **Militares e Política**. Rio de Janeiro, n. 2 (jan-jun 2008), p. 81-98.

²⁵⁴ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n.12, p.18.

a guerra. Vemos vários soldados da FEB sendo recebidos como heróis perante o povo italiano anteriormente oprimido pelos alemães. São brasileiros, são libertadores, são vitoriosos, mas vestem uniformes estadunidenses, portam armas e equipamentos fabricados na parte rica da “fraternidade de armas” (*brotherhood of arms*). Fazem parte de um exército plurinacional, organizado e comandado pelo irmão mais poderoso do norte. Os suprimentos que generosamente distribuem aos famintos locais também possuem origens nas fábricas e nos campos de todas as Américas, mas foram processados e distribuídos pelos Estados Unidos. A foto marcaria o poderio presente da potência estadunidense e o futuro promissor da nação brasileira. O exemplo, o progresso, o espelho da prosperidade, estavam do lado dos Estados Unidos. Ao Brasil, cabia emular esses princípios para conquistar, no futuro, seu lugar entre as potências vitoriosas. Um sentimento de autoestima positiva parece transparecer nestes homens fardados, representando assim todas as expectativas que se faziam desta ‘futurosa’ nação que se mostrava na Segunda Guerra Mundial ao mundo inteiro.

Imagem 48 – Italianos saudando seus libertadores²⁵⁵



²⁵⁵ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano4, n.1, p. 9.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim deste trabalho, mas não significa que este tema foi esgotado em análises como requeria. O período que destacamos nestes capítulos oferece uma infinidade de problemáticas para o desenvolvimento de futuras pesquisas que tenham como pano de fundo as décadas de 1930 e 1940. Cabe a cada historiador fazer o recorte temático que lhe convenha e que responda às questões que o intriga enquanto pesquisador.

Consideramos importante o enfoque desse período, pois nos remete ao momento em que Brasil e Estados Unidos acirravam mutualmente suas transações econômicas, trazendo ao segundo significativas vantagens econômicas e vislumbrava no primeiro inúmeras expectativas acerca de seu futuro em face de sua aproximação com o vizinho do norte. Não negaremos que ao entrarmos em contato com as fontes que recortamos para a realização deste trabalho deixamo-nos envolver em seus mistérios. Esta foi uma pesquisa apaixonante!

Por meio da análise dos artigos da revista estadunidense “Em Guarda” que foi distribuída no Brasil entre os anos de 1942 a 1945, foi possível colher dados que remetiam aos meios como os idealizadores da ‘Política da Boa Vizinhança’ atuaram na região latinoamericana, priorizando as políticas estabelecidas no solo brasileiro. A presença estadunidense neste país não iniciou somente no ano de 1942 (ano em que o governo brasileiro rompe oficialmente relações com as potências do Eixo) uma vez que transações comerciais já contavam de longa data. Delimitamos este recorte temporal pois foi nesse período que a “neutralidade” de Getúlio Vargas e o seu jogo duplo perante os Aliados e ao Eixo foram substituídos pelo apoio exclusivo aos Estados Unidos e a circulação de “Em Guarda” iniciou no Brasil.

As relações substanciais entre Brasil e Estados Unidos foram sendo consolidadas a partir da década de 1930, reflexos diretos dos eventos aos quais o mundo experimentou, em especial a crise de 1929 e a Segunda Grande Guerra do século XX. Possuindo um forte histórico intervencionista, principalmente no Caribe, resultado das políticas ríspidas de *Theodore Roosevelt*, os Estados Unidos fomentaram uma imagem bastante negativa de sua atuação política aos seus vizinhos continentais. Portadores de um discurso moralista no qual se consideravam detentores de valores dignos de serem seguidos, os líderes da antiga colônia

inglesa, que a princípio defendiam uma política externa exclusivamente voltada para a defesa nacional, começaram a projetar sua nação para 'além de seu quintal', não cabendo sustentar uma imagem depreciativa para com seus vizinhos americanos.

Os interesses que induziram já no século XX, o sobrinho de *Roosevelt, Franklin D. Roosevelt* a promover uma política que visava o estreitamento da diplomacia entre nações, comumente denominada de 'Política da Boa Vizinhaça', podem ser compreendidos se levarmos em consideração a necessidade de manter o Hemisfério Ocidental livre da política nazista, que se alastrava na Europa. Também há de considerar que era levada em conta a missão de transformar as almas latinoamericanas que pareciam padecer por valores e princípios políticos diferentes dos vivenciados nos Estados Unidos e em assegurar seu livre mercado com a região, que possuía inúmeros produtos naturais e um considerável índice populacional. Desse modo, a Segunda Guerra Mundial foi definitivamente crucial para a mudança das relações entre os países americanos.

O que ocorreu após o ataque japonês a *Pearl Harbor* foi uma verdadeira pressão dos Estados Unidos para com os latino-americanos visando o alinhamento de 'todos' contra as forças do Eixo. As intenções eram de promover as relações entre tais países de formas até então não experimentadas. Para tanto podemos perceber que esse ideal de ajuda mútua entre os americanos somente foi possível por meio de uma política que deixava de lado qualquer forma de agressão militar para com as Américas. O caminho encontrado foi o que tinha como eixo uma contra ofensiva propagandística muito forte.

Todo o esforço estadunidense para o alinhamento latino-americano às suas políticas durante um dos maiores conflitos da História resultou na introdução no Brasil de aspectos da vida estadunidense. A sociedade 'americana' passou a ser sonho de muitos brasileiros que almejavam o *American Way of Life*. Assim muitas das más impressões em relação aos Estados Unidos, principalmente advindas dos longos anos de intervenção armada através da política do *Big Stick*, foram amenizadas (não apagadas) após o mandato de *Franklin Roosevelt* e a enorme difusão da cultura de seu país aos outros americanos. Porém, esse não foi um processo bilateral.

As antigas concepções acerca do continente americano, localizado abaixo da fronteira estadunidense, ainda permaneciam caracterizando a região como inóspita, habitada por homens hostis e selvagens. O contato do

estadunidense com estes povos, oficialmente parecia estar acima de meros e restritos acordos financeiros, uma vez que adquiria *status* de 'missão civilizatória'. Por mais que buscassem suprimir da mídia estes preconceitos, o grande público latino-americano se via por meio de imagens bastante deturpadas sobre sua sociedade. Ainda verificamos, adentrando o século XXI, a perpetuação dessas ideias, que se arraigam sob o imaginário latinoamericano, caracteriza o Brasil como nação da sensualidade e malandragem intrínsecas.

Na revista 'Em Guarda', uma das muitas ferramentas empregadas pelo governo dos Estados Unidos, encontramos uma escrita que versava a disseminação para a América Latina e principalmente ao Brasil, dos preceitos do *American Way of Life* e da luta pela descaracterização do modelo germânico ou nazi-fascista. A sociedade que parecia estar sendo construída no Brasil, principalmente com o apoio técnico e econômico estadunidense, parecia sem precedentes na sofrida trajetória da antiga colônia portuguesa.

As expectativas que se criaram acerca do alavancar das regiões interioranas, com a instalação de polos industriais, acirravam os ânimos da população sedenta pelo conforto material oferecida pela promissora nação moderna. As provas de que 'novos tempos' estavam tomando conta do Brasil poderiam ser vistos na "Em Guarda", que por meio de reportagens instigantes e fotografias de boa resolução, pareciam dar provas dos bons caminhos seguidos pelo Brasil. Uma das grandes mostras das façanhas que este país estaria dando podia ser verificada pela bem sucedida campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB) no solo italiano na luta contra alemães.

O que aconteceu, a partir destes eventos, foi um crescimento político e econômico exorbitante dos Estados Unidos no pós-guerra e a sua influência passou a ser em escala mundial. Levando consigo uma bagagem doutrinária de transformação do mundo segundo os preceitos basilares de sua sociedade, prioritariamente baseados na democracia, liberdade de pensamento e política liberal, a antiga colônia inglesa, na atualidade, mesmo após crises consideráveis em sua economia, detém uma posição bastante imponente ao lado de outras ricas nações. A abertura das fronteiras culturais, econômicas e até políticas para esta nação trouxe consequências imensuráveis para o maior país da América do Sul. A análise sistemática dessas consequências contribui para enfoques de outros projetos, que

transcorrem sob outros questionamentos, resultando, entretanto, em outras Histórias.

REFERÊNCIAS

LIVROS

ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a segunda guerra mundial**: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: PUC, 2002.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil**: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.

BANDEIRA, Luiz Alberto; MONIZ. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**: dois séculos de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

_____. **Brasil - Estados Unidos**: a rivalidade emergente (1950–1988). 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BETHELL, Leslie; ROXBUROUGH, Ian. **América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **História social da mídia**: de Gutenberg à internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. **Rússia e Alemanha**: a arte dos regimes totalitários do século XX. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2008.

BUENO, Eduardo Américo Vespúcio. **Novo mundo**: as cartas que balizaram a América. Planeta do Brasil, 2003.

BURKE, Peter (Org.). **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios e teoria e metodologia. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CHANG-RODRIGUEZ, E. **Latinoamérica**: civilización y su cultura. 4. ed. Boston: Thomson & Heinle, 2008.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra**: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Edusp, 2000.

- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DORFMAN, A.; MATTELART, A. **Para ler o Pato Donald**: comunicação de massa e colonialismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.
- FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a segunda guerra mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **O Rio de Janeiro que Hollywood inventou**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FONSECA, Pedro Cesar Dutra. **Vargas**: o capitalismo em construção, 1906-1954. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas**: influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: Ed. Símbolo, 1977.
- GOMES, Ângela de Castro. **História e historiadores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (Org.). Estados Unidos: visões brasileiras. Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações internacionais, Fundação Alexandre Gusmão, 2000.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande**: imaginando a América Latina em seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista: EDUSF, 2000.
- LE GOFF, Jacques. A política será ainda a ossatura da história? In: **O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 1983.
- MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das guerras**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**. São Paulo: Edusp, 2001.
- _____; DE LUCA, Tânia Regina (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- McCANN, Frank. **Aliança Brasil-Estados Unidos (1937-1945)**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995.
- MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- MOURA, Gerson. **Estados Unidos e América Latina**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **Sucessos e ilusões:** relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

_____. **Tio Sam chega ao Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América.** São Paulo: UNESP, 1992.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A política externa dos Estados Unidos:** continuidade ou mudança? Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PEREGRINO, Nadja. **O cruzeiro:** a revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

PESAVENTO, Sandra. Nós e os outros. In: BESSONE, Tânia M. T.; QUEIROZ, Tereza Aline P.(Org.). **América Latina:** imagens, Imaginação e Imaginário. São Paulo: EDUSP, 1997.

PRIORE, Mary del. **Esquecidos por Deus:** monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RÉMOND, René. **Por uma história política.** Rio de Janeiro: UFRJ/Ed, FGV, 1996.

SCHOULTZ, L. **Estados Unidos:** poder e submissão – uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: Edusc, 2000.

SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos:** 1930-1942 – o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

SOARES, Leonércio. **Verdades e vergonhas da força expedicionária brasileira.** Curitiba: Edição do autor, 1984.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor:** a americanização do Brasil na Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Os americanos.** São Paulo: Contexto, 2009.

UDIHARA, Massaki. **Um médico brasileiro no front:** o diário de Massaki Udihara na II Guerra Mundial. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004.

VIRÍLIO, Paul. **Guerra e cinema:** logística da percepção. São Paulo: Boitempo, 2005.

WINN, Peter. **Americas:** the changing face of Latin America and the Caribbean. Berkeley: University of California, 1999.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos:** das origens ao século XX. São Paulo: Contexto, 2007.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra.** São Paulo: Cia das Letras, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

TESES E DISSERTAÇÕES

CHIODETTO, Eder. **Fotojornalismo**: realidades construídas e ficções documentais. Dissertação (Mestrado apresentado ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PEREIRA; DIANA; ARAUJO. **A palavra poética**: magia e revolução na cartografia latino-americana. Tese (Doutorado apresentado à Faculdade de Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Julio Cesar dos Santos. **A construção do pan-americanismo na revista em Guarda**: o olhar americano pela defesa das Américas (1941-1946). Dissertação (Mestrado apresentado à Faculdade de Ciências e Letras) – UNESP, Assis, 2009.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS

ALMEIDA, Alessandro de. Problemas e imagens do Brasil contemporâneo: uma análise do episódio “O feitiço de Lisa”, da série Os Simpsons, de Matt Groening. **Espaço Plural**, v. 8, n. 16, 2007.

BARROS, José D’Assunção. História política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface. **S/ECULUM, Revista de História**. jan./jun., 2005.

Fonseca, Carlos da. “Deus está no nosso lado”: excepcionalismo e religião nos EUA. **Revista Brasileira de História**, v. 29, n. 1, jan./jun. 2007.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 42, p. 323-342, 2001.

LOCASTRE, Aline Vanessa; FERRAZ, Francisco Cesar Alves. O ceticismo da memória: considerações sobre narrativas de dois veteranos da Força Expedicionária Brasileira. **Militares e Política**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 81-98, jan./jun. 2008.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. In: **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 15, 2001.

MAUAD, Ana Maria. Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-1942). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, 2005

_____. Embrulhado pra presente? Fotografia, consumo e cultura visual no Brasil (1930 – 1960). In: **Domínios da Imagem**, Londrina, v. 1, n. 2, maio de 2008.

PRADO, Maria Ligia. Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a guerra. **Revista USP**, n. 26, 1995.

SANTIAGO, Roberval S. *Cartoons* e propaganda política. **Revista Espacialidades**, v. 2, n. 1, 2009.

SOMBRA SARAIVA, José Flávio (Org.). Relações internacionais: dois séculos de história. **Entre a preponderância europeia e a emergência americano-soviética**. Brasília, v. 1, 2001.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 1, n. 4.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 1, n. 8.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 1, n. 9.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 1, n. 10.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 1, n. 11.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 1, n. 12.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 2, n. 1.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 2, n. 3.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 2, n. 4.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 2, n. 5.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 2, n. 6.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 2, n. 7.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 2, n. 8.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 2, n. 9.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 2, n. 10.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 2, n. 11.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 2, n. 12.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 3, n. 1.

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 3, n. 2

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 3, n. 3

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 3, n. 4

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 3, n. 5

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 3, n. 6

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 3, n. 7

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 3, n. 8

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 3, n. 9

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 3, n. 10

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 3, n. 11

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 3, n. 12

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 4, n. 1

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 4, n. 2

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 4, n. 3

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 4, n. 4

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 4, n. 5

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 4, n. 6

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 4, n. 7

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 4, n. 8

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 4, n. 9

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 4, n. 10

Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs. v. 4, n. 12

SITES

Serviço de Estatística da Educação e Saúde. **Anuário estatístico do Brasil** 1941/1945. Rio de Janeiro: IBGE, v. 6, 1946. <<http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/arte/musica/noticias/carlinhos-brown-comemora-indicacao-ao-oscar>>. Acesso em 25/02/2012.